



8ª Bienal do Mercosul

Ensaaios de Geopoética

Press Kit – Setembro de 2011



Serviço

O que é: 8ª Bienal do Mercosul – Ensaaios de Geopoética

Porto Alegre - Rio Grande do Sul - Brasil

Data: de 10 de setembro a 15 de novembro de 2011

Cerimônia oficial de abertura: 09 de setembro de 2011

Dias de funcionamento: todos os dias da semana

Entrada Franca

Programação e novidades:

www.bienalmercosul.art.br

www.bienalmercosul.art.br/blog

www.bienalmercosul.art.br/casam

www.twitter.com/bienalmercosul

www.facebook.com/bienaldomercosul

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113624981>

Agendamento de visitas para escolas e grupos: telefone 51 3433 7700 - informações pelo email agendamento@bienalmercosul.art.br

Locais e endereços:

Armazéns do Cais do Porto

Av. Mauá, 1050 (entrada dos Armazéns A3 e A4) – Centro

Visitação: todos os dias da semana, das 09h às 21h

Espaço de convivência, central de informações, loja, Café da Bienal e espaço dos patrocinadores – Telheiro entre os Armazéns A3 e A4

Geopoéticas – Armazéns A4, A5 e A6

Cadernos de Viagem – Armazém A7

Assessoria de imprensa e área de apoio – Armazém A7

Santander Cultural

Rua Sete de Setembro, 1028 - Centro

Visitação: todos os dias da semana, das 09h às 21h

MARGS - Museu de Artes do Rio Grande do Sul

Praça da Alfândega, s/n – Centro

Visitação: todos os dias da semana, das 09h às 19h



Casa M

Rua Cel. Fernando Machado, 513 - Centro (em frente à escadaria da Rua João Manoel)

Horários de funcionamento (especial para o período da Bienal): Segundas, quartas e sextas, das 12h às 20h | Terças, quintas e sábados, das 09h às 20h | Domingos, das 14h às 20h

Informações: casam@bienalmercosul.art.br - telefone 51 3519 7109

Inscrições para oficinas: oficinascasam@bienalmercosul.art.br - telefones (51) 3254 7517 e 3254 7519

Inscrições para cursos de formação de professores: professor@bienalmercosul.art.br - telefones (51) 3254 7517 e 3254 7519

Programação: www.bienalmercosul.art.br/casam

Cidade Não Vista

Observatório Astronômico da UFRGS - Praça Argentina, s/n - Edifício 11104

Horário de visitação: de segunda a sexta-feira, das 14h às 18h. Fechado aos finais de semana

Cúpula da Casa de Cultura Mario Quintana - Rua dos Andradas, 736

Horário de visitação: segundas-feiras, das 14h às 21h. De terças a sextas, das 09h às 21h. Sábados e domingos, das 12h às 21h

Prefeitura Municipal de Porto Alegre - Rua Siqueira Campos, 1300

Horário de visitação: todos os dias das 09 às 21h

Chaminé da Usina do Gasômetro - Avenida Presidente João Goulart, 551

Horário de visitação: todos os dias, das 09h às 21h

Aeromóvel - Praça do Aeromóvel - Avenida Presidente João Goulart, s/nº - Centro (em frente ao Gasômetro)

Horário de visitação: todos os dias, das 09h às 21h

Livraria Garagem dos Livros - Rua General Salustiano, 214 (em frente ao Aeromóvel)

Horário de visitação: todos os dias, das 09h às 21h

Jardins do Palácio Piratini - Praça Marechal Deodoro s/n

Horário de visitação: de segunda-feira a sexta-feira das 09h às 18h. Sábados, domingos e feriados das 13h às 18h

Escadaria da Rua João Manoel - Entre as ruas Duque de Caxias e Fernando Machado, em frente à Casa M

Horário de visitação: todos os dias, das 09h às 21h

Viaduto Otávio Rocha - Rua Borges de Medeiros, sob a Rua Duque de Caxias

Horário de visitação: todos os dias, das 09h às 21h



Continentes

Porto Alegre - Atelier Subterrânea

Av. Independência, nº 745/Subsolo

<http://www.subterranea.art.br/>

Santa Maria - Sala Dobradiça

Sala itinerante

<http://saladobradica.blogspot.com>

Caxias do Sul - NAVI – Núcleo de Artes Visuais de Caxias do Sul

Rua Ettore Pezzi s/nº

www.navi-artecaxias.blogspot.com

Itinerâncias Eugênio Dittborn

Caxias do Sul - Galeria de Arte do Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho

Rua Luiz Antunes, 312 - Bairro Panazzolo

Visitação de terça a sexta-feira, das 09 às 19h. Sábados e domingos, das 15h às 19h

Entrada franca

De 21 de setembro a 16 de outubro

Pelotas - MALG - Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo

Rua General Osório, 725

Visitação de terça a domingos, incluindo feriados, das 10h às 19h

Entrada franca

De 24 de setembro até 16 de outubro

Bagé - Da Maya Espaço Cultural

Rua General Osório, 521

Visitação de segunda a sexta, das 09h às 12h e das 14h às 18h. Sábados, das 14h às 18h

Entrada franca

De 27 de setembro até 16 de outubro



Calendário de eventos

Data	Tema	Evento	Horário	Locais, Endereços e Observações	Cidade
2 de setembro	Continentes	Início atividades Atelier Subterrânea / Ceroinspiración	Até 24 de setembro	Atelier Subterrânea	Porto Alegre
5 de setembro	Palestra	Conversa com os artistas Barthelémy Toguo e Yanagi Yukinori	11h	Instituto de Artes da UFRGS	Porto Alegre
8 de setembro	Abertura Bienal	Pré-abertura para imprensa	todo o dia	Cais do Porto, MARGS, Santander Cultural, Cidade Não Vista e Casa M	Porto Alegre
	Abertura Bienal	Pré-abertura para professores	Das 09h às 19h em horários agendados previamente	Cais do Porto, MARGS, Santander Cultural e Cidade Não Vista	Porto Alegre
	Continentes	Abertura e lançamento atividades	20h	Atelier Subterrânea	Porto Alegre
9 de setembro	Continentes	Início atividades Sala Dobradiça / Planta Alta	Até 30 de setembro	Sala Dobradiça	Santa Maria
	Abertura Bienal	Cerimônia oficial e Performance do coletivo YOUNG HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES	A partir das 18h30min	Cais do Porto	Porto Alegre
10 de setembro	Seminário Internacional	Ensaio de Geopoética	Das 13h às 19h	Auditório Dante Barone - Assembléia Legislativa	Porto Alegre
	Abertura Bienal	Abertura para o público	Das 09h às 21h, até 15 de novembro	Cais do Porto, MARGS, Santander, Cidade Não Vista e Casa M	Porto Alegre
11 de setembro	Cadernos de Viagem	Coro de Queixas de Teutônia Performance organizada pelos artistas Kochta&Kalleinen	11h	Escadaria da Rua João Manoel, em frente à Casa M	Porto Alegre
	Cadernos de Viagem	Folc-Industrial Performance organizada pela artista Beatriz Santiago Muñoz	12h	Cais do Porto	Porto Alegre
	Geopoéticas	<i>The Speech of the Swans</i> / O discurso dos cisnes Performance organizada pelos artistas Jon Rubin & Dawn Weleski	15h	Lago do Parque da Redenção	Porto Alegre
	Cadernos de Viagem	Coro de Queixas de Teutônia Performance organizada pelos artistas Kochta&Kalleinen	18h	Cais do Porto	Porto Alegre
21 de setembro	Eugenio Dittborn	Exposição – itinerância 18h – conversa com o artista 19h30 – abertura exposição	De terça a sexta-feira, das 09h às 19h. Sábados e domingos, das 15h às 19h. Até 16 de outubro	Galeria de Arte do Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovas Filho	Caxias do Sul
24 de setembro	Eugenio Dittborn	Exposição – itinerância 17h – conversa com o artista 18h30 – abertura exposição	De terças a domingos, incluindo	Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo	Pelotas



			feriados, das 10h às 19h. Até 16 de outubro		
27 de setembro	Eugenio Dittborn	Exposição – itinerância 18h – conversa com o artista 19h30 – abertura exposição	De segunda a sexta, das 09h às 12h e das 14h às 18h. Sábados, das 14h às 18h. Até 16 de outubro	Da Maya Espaço Cultural	Bagé
28 de setembro	Continentes	Início atividades NAVI / Lugar a dudas	Até 11 de outubro	Navi - Núcleo de artes visuais	Caxias do Sul
8 de outubro	Continentes	Início atividades Sala Dobradiça / Batiscafo / Projeto Circo	Até 29 de outubro	Sala Dobradiça	Santa Maria
	Continentes	Início atividades Atelier Subterrânea / Diabolo Rosso	Até 29 de outubro	Atelier Subterrânea	Porto Alegre
10 de outubro	Continentes	Início atividades NAVI / KIOSKO galeria	Até 30 de outubro	NAVI - Núcleo de Artes Visuais	Caxias do Sul
Novembro	Mesa de Encerramento	a definir	a definir	a definir	Porto Alegre
15 de novembro	Encerramento	encerramento das mostras	das 09h às 21h	Cais do Porto, MARGS, Santander e Cidade Não Vista	Porto Alegre

Casa M – programação especial de abertura da Bienal

Data	Evento	Horário	Observações
2 de setembro	Dueto	19h	Com Teatro Geográfico e Panetone
5 de setembro	Conversas com artistas em montagem	19h30	Artistas da 8ª Bienal do Mercosul, que estão em Porto Alegre preparando suas obras para a Mostra, conversam sobre seus projetos
6 de setembro	Conversas com artistas em montagem	19h30	Artistas da 8ª Bienal do Mercosul, que estão em Porto Alegre preparando suas obras para a Mostra, conversam sobre seus projetos
7 de setembro	Lançamento da coleção Fórum Permanente de Livros e mesa-redonda	14h	Com Martin Grossman, curador-coordenador do Fórum Permanente, e José Roca, curador-geral da 8ª Bienal do Mercosul, para discutir as relações entre museu e bienal
	Conversas com artistas em montagem	19h30	Artistas da 8ª Bienal do Mercosul, que estão em Porto Alegre preparando suas obras para a Mostra, conversam sobre seus projetos
	Lançamento da revista ERRATA# 5	17h	A publicação divulga e analisa atividades de formação, investigação, criação e difusão no âmbito das artes visuais, na Colômbia e em outras partes do mundo. O número 5 é voltado aos temas pedagogia e educação artística
	Contaminação Hypnorder Intervenção sonora do artista Giancarlo Lorenci	21h	Mixagem de beats eletrônicos e samples diversos criando inusitadas colagens. Lorenci desenvolve trabalhos de arte que transitam entre o universo sonoro e o visual, como instalações sonoras, vídeo instalações e experimentos diversos em mídias digitais
10 de setembro	Show da banda Anarquia da Fantasia	20h	Pedro Palhares, artista da Bienal, integra a banda



Performances de abertura

The Immigrant as Geopoet / O Imigrante como Geopoeta - performance do coletivo YOUNG HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES

Dia 09 de setembro, sexta-feira

A partir das 19h30, no Cais do Porto, após a cerimônia oficial de abertura da Bienal

Os coreano-americanos YOUNG-HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES são muito conhecidos por seus textos animados em *Flash* e acompanhados por *jazz*, usualmente composto e interpretado por eles mesmos. As obras de YOUNG-HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES têm uma estrutura narrativa e exigem que o visitante – como em um filme – permaneça até o final, dado que são pequenas histórias poéticas sobre a vida, que envolvem decisões de ética, moral e política, narradas com sutil humor e muito sarcasmo. Na Bienal, o coletivo vai apresentar a animação digital ***The Immigrant as Geopoet*** (O Imigrante como Geopoeta), 2011. O vídeo tem duração de 55 minutos.

Coro de Queixas de Teutônia - performance organizada pelos artistas Kochta&Kalleinen

Dia 11 de setembro, domingo

Às 11h, na Escadaria da Rua João Manoel, em frente à Casa M

Às 18h, no Cais do Porto

O **Coro de Queixas**, produzido pelo artista finlandês **Oliver Kochta-Kalleinen** com a colaboração da comunidade de Teutônia, fará duas **apresentações públicas** no fim de semana de abertura da Bienal. Com música composta a partir de reclamações dos próprios moradores da cidade, o Coro é formado por cerca de 30 integrantes e tem arranjo e regência do professor de música Lucas Brolese. O projeto ***The Complaints Choir*** (O Coro de Queixas) foi criado pelos artistas **Tellervo Kalleinen** e **Oliver Kochta-Kalleinen** em Birmingham/Reino Unido, em 2005. Desde então, criaram **24 coros** em diversas cidades do mundo. O **Coro de Queixas de Teutônia** faz parte do projeto **Cadernos de Viagem** e é o primeiro organizado pela dupla na América Latina.

Folc-Industrial - Performance organizada pela artista Beatriz Santiago Muñoz

Dia 11 de setembro, domingo

Às 12h, no Armazém A7 do Cais do Porto – mostra Cadernos de Viagem

A artista porto-riquenha **Beatriz Santiago Muñoz**, participante da 8ª Bienal do Mercosul dentro do projeto ***Cadernos de Viagem***, produziu uma obra especial para o evento em colaboração com a comunidade de **Caxias do Sul**. Em formato audiovisual, a obra intitulada ***Folc-Industrial*** mescla cenas de trabalhadores de indústrias de Caxias com uma improvisação de cinco músicos da cidade.



A performance que será apresentada consiste na projeção do vídeo enquanto cinco músicos caxienses dialogam com a imagem através da improvisação sonora.

The Speech of the Swans / O discurso dos cisnes - Performance organizada pelos artistas Jon Rubin & Dawn Weleski

Dia 11 de setembro, domingo

Às 15h, no lago do Parque da Redenção

Reapresentações aos domingos, dias 18 e 25 de setembro e 10 de outubro, às 16h

A prática artística de Jon Rubin e Dawn Weleski está fortemente ligada ao contexto em que estão inseridos e emprega estratégias de participação para envolver-se com a comunidade, ativando discussões e gerando conhecimento. *The speech of the swans* [O discurso dos cisnes] (2011) é um projeto de participação, desenhado especificamente para Porto Alegre e que conjuga características performáticas e políticas, utilidade e ócio, realidade e ficção, com o fim de explorar as formas como líderes políticos e mandatários são capazes de encarnar ideologias e criar, inclusive, mitologias em torno de suas figuras. Sempre aos domingos, durante o período da Bienal, sócias do presidente dos EUA, Barack Obama, e do presidente da Venezuela, Hugo Chávez, vão passear de pedalinho com o público no Lago da Redenção, discutindo temas políticos.



Projeto Curatorial - introdução

A 8ª edição da Bienal do Mercosul – *Ensaio de Geopoética* tem como tema o território e sua redefinição crítica a partir de uma perspectiva artística. Reúne **105 artistas** oriundos de **31 países** que tratam de tópicos relevantes para essa discussão: mapeamento, colonização, fronteira, aduana, alianças transnacionais, construções geopolíticas, localidade, viajantes científicos, nação e política. Segundo **José Roca, curador-geral** dessa edição, “a 8ª Bienal quer mostrar alternativas à noção convencional de nação, além de discutir novas cartografias, as relações entre as condições políticas e geográficas, o posicionamento entre o regional e o global, as rotas de circulação e o intercâmbio de capital simbólico, a cidadania em territórios não-urbanos, o status político de nações fictícias e a relação entre ciência, viagem e colonização”.

O projeto curatorial desenvolve **sete grandes ações**, abordadas por meio de duas estratégias – expositivas e ativadoras. Nas ações ativadoras, que podem também ter como resultado uma exposição, há uma ênfase na relação entre artista e público. Nas exposições propriamente ditas, a ênfase está na obra e na sua relação com os trabalhos dos demais artistas e com o tema proposto.

Dessa forma, a cidade de Porto Alegre e o território do Rio Grande do Sul são vistos como lugares a descobrir e a ativar por meio da arte. A intensa atuação dos artistas e suas obras nesse território pressupõe a participação da comunidade e a colaboração com centros culturais – institucionalizados ou independentes – e artistas locais, como é o caso nos projetos *Continentes* e *Cadernos de Viagem*, e na exposição *Além Fronteiras*, em que artistas desenvolvem trabalhos a partir da paisagem do RS. Além dessas ações, a exposição do **artista homenageado Eugenio Dittborn**, que estará em cartaz em Porto Alegre no Santander Cultural, terá desdobramentos em três cidades do Estado: Bagé, Caxias do Sul e Pelotas.

Em Porto Alegre, serão realizadas as exposições *Geopoéticas* e *Cadernos de Viagem*, no Cais do Porto, *Além Fronteiras*, no MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul – e a exposição do **artista homenageado**, o chileno **Eugenio Dittborn**, no Santander Cultural. Além disso, nove locais do centro da Capital abrigarão a exposição *Cidade Não Vista*, que vai chamar a atenção para lugares que habitualmente não são percebidos pela população.

Um dos projetos-chave da 8ª Bienal do Mercosul é a **Casa M**, um espaço de encontro para a comunidade artística local, pessoas interessadas em arte e cultura, professores e estudantes de arte e áreas afins. A proposta parte da vontade de criar uma comunidade temporária em torno da mostra, promovendo a reflexão e o diálogo e favorecendo o intercâmbio e a criação de redes. Para além do período da 8ª Bienal, a Casa M terá a duração de sete meses, oferecendo à comunidade uma programação de residências curatoriais, pequenas exposições, conversas, oficinas e outras atividades. O local conta com um espaço de convivência, sala de leitura, biblioteca e ateliê, entre

outros ambientes. A programação da Casa M é desenhada pela equipe curatorial da 8ª Bienal em parceria com o Projeto Pedagógico, contando com o apoio de um conselho formado por seis artistas, teóricos e agentes culturais de Porto Alegre.

A Bienal também se entende por todo o território do Rio Grande do Sul levando artistas, obras, exposições e atividades pedagógicas a **mais de vinte cidades** do Rio Grande do Sul, entre elas **Bagé, Caxias do Sul, Ilópolis, Pelotas, Santa Maria, Santana do Livramento, São Miguel das Missões e Teutônia.**

Como diferencial da Bienal do Mercosul em relação a outras bienais no mundo, o **Projeto Pedagógico** está presente em toda a estrutura conceitual. As diversas linhas de ação curatorial foram concebidas também como ações pedagógicas. O Projeto Pedagógico da 8ª Bienal do Mercosul contempla atividades de formação de professores, curso para formação de mediadores, oficinas, palestras, seminários, publicações destinadas a diversos públicos e, especialmente, a programação da Casa M. Agendamento de visitas guiadas, transporte gratuito para escolas públicas e atividades diferenciadas serão oferecidos ao público visitante durante o período da mostra.

Para o presidente da 8ª Bienal do Mercosul, Luiz Carlos Mandelli, a realização dessa edição reafirma o compromisso da Fundação Bienal com a comunidade: “o projeto curatorial da 8ª Bienal amplia as ações e envolve comunidades de todo o Estado, promovendo efetivamente a transformação social através de propostas artísticas contemporâneas”.

Equipe curatorial

Curador-geral: José Roca (Colômbia, radicado em Bogotá)

Curador pedagógico: Pablo Helguera (México, radicado em Nova Iorque)

Curadores adjuntos:

Alexia Tala (Chile, radicado em Santiago)

Cauê Alves (Brasil, radicado em São Paulo)

Paola Santoscoy (México, radicado na Cidade do México)

Curadora convidada: Aracy Amaral (Brasil, radicado em São Paulo)

Curadora assistente: Fernanda Albuquerque (Brasil, radicado em Porto Alegre)



Destaques da 8ª Bienal

- Uma Bienal que não é apenas uma grande exposição
- Uma Bienal que não acontece *a cada* dois anos, mas que acontece *durante* dois anos: a 8ª Bienal do Mercosul se estende no tempo, com projetos que perduram, como a Casa M, ou que são pontos de partida para novas articulações entre agentes culturais, como o projeto Continentes
- Uma Bienal que não está concentrada em um único local ou cidade, mas que reverbera por todo o território do Rio Grande do Sul, passando por mais de **20 cidades**
- Projeto curatorial que estimula a reflexão sobre as noções de territorialidade, nação, identidade
- Ênfase na valorização e ativação da cena artística local e estímulo a jovens artistas, curadores e instituições culturais independentes
- Um Projeto Pedagógico preocupado em oferecer atividades específicas para os diversos tipos de público
- A Bienal do Mercosul mais internacional até o momento: **105 artistas de 31 países** – Argentina, Bélgica, Bolívia, Brasil, Camarões, Chile, Colômbia, Coreia do Sul, Costa Rica, Cuba, Egito, Equador, Eslovênia, Espanha, EUA, Finlândia, França, Guatemala, Inglaterra, Israel, Japão, México, Panamá, Paraguai, Peru, Porto Rico, Rússia, Sealand, Suécia, Suíça, e Venezuela
- Participação de **38 artistas brasileiros**, sendo **15 do Rio Grande do Sul**



Seminário Internacional *Ensaio de Geopoética*

10 de setembro, das 13h às 19h

Auditório Dante Barone – Assembléia Legislativa

Praça Marechal Deodoro, 101 - 1º Andar – Porto Alegre – RS

Entrada gratuita

Inscrições de **22 de agosto a 4 de setembro**. Formulário de inscrições no link:

http://www2.portoalegre.rs.gov.br/encontros_bienal

Informações: telefone 3254 7500 - projetopedagogico@bienalmercosul.art.br

No dia **10 de setembro**, data que marca o início das exposições da **8ª Bienal do Mercosul**, acontece o **Seminário Internacional Ensaio de Geopoética**. Com um formato que mescla **conferências e performances**, o seminário debate as questões abordadas no projeto curatorial da 8ª edição, apresentando diferentes perspectivas sobre geopolítica, territorialidade, fronteiras, nação e representação simbólica dos países. Artistas, pensadores, cientistas políticos, fundadores de micronações reais e fictícias, curadores e líderes comunitários de várias partes do mundo estarão reunidos no seminário para debater essas questões. O evento será realizado no **Auditório Dante Barone da Assembléia Legislativa do Rio Grande do Sul**, das **13h às 19h**, com **entrada franca**.

Dividido em duas etapas, o seminário começa com a sessão **Geopolítica/Geopoética**, moderada por **José Roca**, curador geral da 8ª Bienal. A artista espanhola **Cristina Lucas**, integrante da mostra *Geopoéticas*, vai apresentar a animação digital *Pantone* (2007), com depoimentos “ao vivo” de historiadores. Os trabalhos de Cristina tratam de questões relacionadas à cartografia e sua relação com a economia, a autonomia política e a diferença. Em seguida, o presidente da Associação Comunitária Rosa Osório Marques – Quilombo Morro Alto, **Wilson Marques da Rosa**, aborda o significado de “**território quilombola**”, reivindicado pela entidade, a partir de uma reflexão sobre etnias e culturas.

Para falar sobre as relações entre **geopolítica e mercado**, foi convidado o antropólogo argentino, radicado no México, **Néstor García Canclini**, um dos principais pesquisadores de temas vinculados à cultura e à pós-modernidade desde um ponto de vista latino-americano. A professora **Maria Adélia de Souza**, catedrática de Direitos Humanos da Universidade Católica de Lyon, tratará do **trabalho político do geógrafo Milton Santos**, figura de destaque na reflexão sobre o desenvolvimento urbano dos países subdesenvolvidos.

A segunda sessão do Seminário inicia-se às 16h20, sob o tema **Nação/Ficção** e moderada por **Pablo Helguera**, curador pedagógico da 8ª Bienal. A artista e escritora cubano-americana **Coco Fusco** abre a sessão falando sobre suas investigações atuais, partindo do tema de sua obra *Els*

Segadors (The Reapers, 2001), que será apresentada na mostra Geopoéticas. A obra explora o tema da identidade regional na Catalunha através de seu hino.

Em seguida, o artista de Serra Leoa radicado na Eslovênia, **Borut Vogelnik**, fala sobre o coletivo **Irwin**, fundado em 1983 e integrado por ele e outros dois artistas. Vogelnik comentará também o projeto **NSK**, que consiste na criação de “um estado em tempo”, com funções políticas e burocráticas, através do qual o artista questiona os processos de construção de uma nação. O coletivo participa da 8ª Bienal do Mercosul como uma ZAP – Zona de Autonomia Poética, dentro da mostra Geopoéticas. O último convidado do seminário é o **príncipe Michael de Sealand**, que vai contar a curiosa história do **Principado de Sealand**, uma micronação de pouco mais de 500 m² fundada em 1967 numa antiga base naval construída pelo Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial.

Programação - Seminário Internacional Ensaio de Geopoética

Primeira Sessão - **Geopolítica/geopoética**

Moderador: José Roca, Curador geral

13h às 13h45

Pantone (Vídeo/Performance): Cristina Lucas (com historiadores locais)

13h50 às 14h10

Apresentação: José Roca

14h15 às 14h35

Quilombos: Wilson Rosa

14h40 às 15h

Geopolítica e mercado: Néstor García Canclini

15h05 às 15h25

Milton Santos, o trabalho político do geógrafo: Maria Adélia de Souza

15h30 às 16h

Debate

Segunda Sessão - **Nação/ficção**

Moderador: Pablo Helguera, Curador Pedagógico

16h20 às 16h30

Apresentação: Pablo Helguera

16h35 às 17h20

Conferência sobre a obra *Els Segadors* (The Reapers, 2001): Coco Fusco

17h25 às 17h45

IRWIN / NSK: Borut Voelgnik

17h50 às 18h10

Entrevista: Príncipe Michael de Sealand

Por: Pablo Helguera

18h15 às 18h45

Debate

Perfis dos palestrantes

Cristina Lucas - Integrante da mostra Geopoéticas, vive em Madri, Espanha, e na Holanda. Seu trabalho aborda o poder – religioso, político ou patriarcal – desde diversas perspectivas, utilizando o humor como uma estratégia para nunca cair na denúncia nem no panfleto e efetuando sua crítica a partir de uma posição feminista.

<http://www.bienalmercosul.art.br/blog/entrevista-cristina-lucas>

Wilson Rosa - Liderança do Movimento Negro e referência da luta pelos quilombos desde 1995, esteve no Congresso americano com o presidente Barack Obama em função do trabalho no Quilombo Morro Alto, além de ter participado de publicações nacionais e internacionais.

Néstor García Canclini - Antropólogo e crítico cultural, autor de obras como “Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade” (1999) e “Consumidores e cidadãos” (1995), é professor e pesquisador da Universidad Autónoma Metropolitana, onde trabalha desde 1990. Em suas pesquisas sobre as relações entre culturas e mídias, cunhou o termo “hibridação cultural”.

<http://nestorgarciacanclini.net>

Maria Adélia de Souza - Professora titular convidada da Universidade Federal do Rio Grande do Norte e professora titular aposentada da Universidade de São Paulo, é presidente do TERRITORIAL – Instituto de Pesquisa, Informação e Planejamento –, atua na área de Planejamento Urbano e Regional e é autora da primeira política nacional de desenvolvimento urbano.

<http://www.territorial.org.br/>

Coco Fusco – Utilizando a ficção como estratégia para refletir sobre questões de gênero, raça e noções de dominação entre indivíduos ou nações, debate temas identitários inspirados pelo feminismo, pela arte política e pela crítica institucional. Atualmente vivendo em Nova Iorque, atua como educadora e acadêmica no âmbito da multimídia e da performance.

<http://www.thing.net/~cocofusco/>

Borut Vogelnik - Radicado em Liubiana, capital da Eslovênia, é um dos criadores do coletivo Irwin, mais tarde incorporado a um grupo mais amplo de artistas conhecidos como Neue Slovenske Kunst (nova arte eslovena, em alemão). <http://www.nskstate.com/>

Príncipe Michael de Sealand - Herdeiro do Principado de Sealand desde 1999, é filho do ex-major do exército britânico Paddy Royal Bates, fundador da micronação, localizada a 11 km da costa oeste da Grã-Bretanha. Em 1987, Michael foi tomado como refém por um grupo de alemães e holandeses que invadiram o território. Um contra-ataque resultou na prisão dos sequestradores, que mais tarde foram liberados, após negociações com um diplomata do governo alemão.

Exposições e atividades

Geopoéticas

Local: Armazéns A4, A5 e A6 do Cais do Porto

Quantidade de artistas: 59

Artistas participantes:

Alberto Lastreto - Argentina
Alicia Herrero - Argentina
André Komatsu - Brasil
Angela Detanico & Rafael Lain – Brasil
Anna Bella Geiger – Brasil
Barthélémy Toguo – Camarões
Center for Land Use Interpretation – EUA
Coco Fusco – EUA
Cristina Lucas – Espanha
Donna Conlon & Jonathan Harker – EUA
Duke Riley – EUA
Edgardo Aragón – México
Eduardo Abaroa – México
Emmanuel Nassar – Brasil
Fabio Morais – Brasil
Fernando Bryce – Peru
Flavia Gandolfo – Peru
Francis Alÿs – Bélgica
Guilherme Peters – Brasil
Irwin / NSK – Eslovênia
Iván Candeo – Venezuela
Javier & Erika – Paraguai
Jean-François Boclé – França
Jon Rubin & Dawn Weleski – EUA
Jonathan Harker – EUA
José Toirac & Meira Marrero – Cuba
Juan Manuel Echavarría – Colômbia
Kajsa Dahlberg – Suécia
Khaled Hafez – Egito



Lais Myrrha – Brasil
Leslie Shows – EUA
Lucía Madriz - Costa Rica
Luis Gárciga – Cuba
Luis Romero – Venezuela
Manuela Ribadeneira – Equador
Marcelo Cidade – Brasil
Marcius Galan – Brasil
María Teresa Ponce – Equador
Mark Lombardi – EUA
Mayana Redin – Brasil
Melanie Smith / Rafael Ortega – México
Miguel Angel Rios – Argentina
Miguel Luciano - Porto Rico
Pablo Bronstein – Argentina
Paco Cao – Espanha
Paola Parcerisa – Paraguai
Paulo Climachauska – Brasil
Raquel Garbelotti – Brasil
Regina Silveira - Brasil
Sanna Kannisto – Finlândia
Sealand – Sealand
Slavs and Tatars – Bélgica, Rússia e Inglaterra
Torolab / Raúl Cárdena - México
Uriel Orlow – Suíça
Voluspa Jarpa - Chile
Yanagi Yukinori- Japão
Yasmín Hage – Guatemala
Ykon – Finlândia
YOUNG-HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES - Coreia do Sul

Esta mostra examina a criação de entidades transterritoriais e supraestatais que põem em cheque a noção de nacionalidade. Também reúne diversas formas de medir e representar o mundo, incluindo artistas que usam mapas para promover a transformação social, mapas afetivos e diversas representações do mundo que contradizem as cartografias convencionais. A exposição explora diferentes aspectos e alternativas às ideias convencionais de Estado e Nação, questionando suas





retóricas visuais (mapa, bandeira, brasão, hino, passaporte) e suas estratégias de auto-afirmação e consolidação de identidade e propondo alternativas à noção convencional de cidadania.

ZAPs – Zonas de Autonomia Poética

Algumas **micronações** - pequenas nações com ou sem território – também fazem parte desta exposição como **zonas de autonomia poética** – ZAPs. “Ainda que existam algumas micronações que são reais, a maioria delas é fictícia ou virtual, muitas são construções políticas e algumas são criações exclusivamente artísticas”, explica José Roca. Os artistas **Duke Riley, Irwin/NSK, Raquel Garbelotti, Slavs and Tatars** e **Torolab / Raúl Cárdenas** fazem parte das ZAPs, além da micronação Sealand. AS ZAPs estão localizadas em contêineres dentro da exposição, que representam uma espécie de “gabinete de curiosidades” sobre essas micronações.

Ykon Game

Os espaços de transição entre os Armazéns do Cais do Porto serão utilizados para atividades pedagógicas, como o **Ykon Game**, um jogo com sessões abertas ao público em geral. O jogo foi criado pelo grupo Ykon, liderado pelos artistas Tellervo Kalleinen y Oliver Kochta-Kalleinen, e é baseado nas idéias do arquiteto utopista norte-americano Buckminster Fuller, que propôs o World Game como uma forma alternativa de solucionar conflitos “através da cooperação espontânea, sem dano ecológico e sem desvantagens para ninguém”.



Artista Homenageado: Eugenio Dittborn

Local: Santander Cultural, em Porto Alegre

Curador: José Roca

Quantidades de obras: 15 obras de grande porte e 03 vídeos

Itinerâncias:

Caxias do Sul – 21 de setembro a 16 de outubro, na Galeria de Arte do Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho

Pelotas – 24 de setembro a 16 de outubro, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo - MALG

Bagé – 27 de setembro a 16 de outubro, no Da Maya Espaço Cultural

Nascido em Santiago do Chile em 1943, **Eugenio Dittborn** é um artista referencial da América Latina. Sua obra é baseada na transterritorialidade, no nomadismo e nas estratégias para subverter fronteiras e penetrar nos centros sem se deixar neutralizar por eles.

Sob curadoria de José Roca, que é também curador-geral da 8ª edição, a exposição de **Eugenio Dittborn** na **8ª Bienal do Mercosul** será mostrada em Porto Alegre no Santander Cultural. São quinze obras de grande porte e três vídeos sobre a série de "**Pinturas Aeropostais**" - obras de ampla riqueza iconográfica que o artista desenvolve desde os anos 80, misturando desenho, costura, pintura e colagem. As obras chegam a Porto Alegre por via postal, dobradas e colocadas em um envelope. A pintura é aberta, desdobrada e pendurada, e o envelope é exibido ao lado, pois traz o registro do itinerário de viagem, os lugares para onde aquela pintura foi enviada anteriormente e o lugar onde está exposta.

Uma destas obras é inédita e está sendo produzida especialmente para ser mostrada nas cidades de **Caxias do Sul, Pelotas e Bagé**, durante o período da Bienal. Intitulada "**OB.IT**", a peça é resultado de uma viagem que o artista realizou durante o mês de março, quando visitou as três cidades. A obra tem dez módulos articulados, que medem 2,1 x 1,4m cada, e será apresentada integralmente no Santander, na abertura da Bienal. Posteriormente, será desmembrada em três blocos que serão enviados por correio para cada uma das cidades que recebem a exposição. O trabalho ficará exposto por três semanas, entre setembro e outubro de 2011. Cada bloco da obra resgata a memória da viagem realizada pelo artista e relaciona-se com seu local de exposição, seja através de referências coletadas na cidade, ou pelo conteúdo do trabalho. Esse processo ressalta o caráter literalmente transitório da obra de Dittborn.

As itinerâncias das *Pinturas Aeropostais* vão acontecer em Caxias do Sul, no **Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho**; em Bagé, no **Da Maya Espaço Cultural** e em Pelotas, no **Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo**. A atividade nessas três cidades conta com a parceria da



Unidade de Artes Visuais - Secretaria Municipal de Cultura - Prefeitura de Caxias do Sul, do Da Maya Espaço Cultural e do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo - Centro de Artes – UFPEL.

A obra de Dittborn questiona a relação entre centro e periferia, pois “(...) converte a metrópole em lugar de trânsito”, como destaca o crítico chileno Roberto Merino. Sua obra foi objeto de uma mostra individual no New Museum of Contemporary Art de Nova Iorque – cujo resultado está no livro *Remota*, que traça o percurso de mais de 20 anos de sua atividade artística -, além de diversas exposições em instituições como The Art Museum of the University of Houston, Museo Nacional de Bellas Artes de Chile, Museo de Artes Visuales de Santiago e Witte de With, em Rotterdam/Holanda, entre outros. Dittborn foi artista convidado na 26ª Bienal de São Paulo e na 3ª Bienal de Gwangju/Coreia do Sul.



Além Fronteiras

Local: Museu de Arte do Rio Grande do Sul – MARGS

Curadora convidada: Aracy Amaral

Pesquisa em acervos: Giorgio Ronna

Quantidade de artistas: 09

Artistas participantes:

Cao Guimarães - Brasil
Carlos Pasquetti - Brasil
Carlos Vergara - Brasil
Felipe Cohen - Brasil
Gal Weinstein - Israel
Irene Kopelman - Argentina
José Alejandro Restrepo - Colômbia
Lucia Koch - Brasil
Marina Camargo - Brasil

A curadora e historiadora **Aracy Amaral** foi convidada a organizar a mostra **Além Fronteiras**, exibida no **MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul**. A exposição traz uma visão crítica e poética da paisagem do sul do Brasil e países limítrofes, como Argentina e Uruguai, através do olhar múltiplo sobre o território de artistas brasileiros contemporâneos, em particular gaúchos, assim como da América Latina e de outras partes do mundo.

Os trabalhos mostrados são resultado das expedições dos nove artistas convidados por diferentes paisagens geográficas e culturais, como as regiões dos pampas, das missões e dos cânions. Como um contraponto, serão exibidos 34 itens históricos de acervos locais, como gravuras, esculturas (zoólitos), pinturas de paisagem e históricas, objetos domésticos, mapas de expedições e documentos. Obras de artistas históricos do Rio Grande do Sul, como Pedro Weingartner, Leopoldo Gotuzzo, Iberê Camargo, Lenir de Miranda, Guilherme Litran e Angelo Guido fazem parte da seleção e dialogam com as obras inéditas dos artistas convidados.

Cao Guimarães registrou em foto e audiovisual sua viagem pela fronteira entre Brasil e Uruguai entre fevereiro e abril deste ano, quando visitou as cidades de Tacuarembó, Melo, Salto, Alegrete, São Gabriel e Rio Pardo. Suas perambulações pelos pampas rio-grandenses e uruguaios fixaram a temática do homem do campo, em seus encontros e recreações.

Dois momentos na produção de **Carlos Pasquetti** estão representados neste evento: registros em fotografia de suas experimentações na turbulenta década de 1970 e uma instalação desse período, até agora inédita, que será apresentada ao lado de um trabalho tridimensional.

Em seu fascínio pela região das Missões Jesuíticas, **Carlos Vergara** apresenta um diálogo entre a imagem magnificada de pequenas esculturas indígenas em madeira e monotípias, além de um filme e uma série de fotomontagens.



Felipe Cohen viajou pela região dos Cânions e seu trabalho representa a geografia dos Campos de Cima da Serra: a colagem da série “Abismos” e uma instalação com caixas, papelão, carpete, com um jogo de sombras e luzes.

O israelense **Gal Weinstein** foi o único dos artistas que não viajou “fisicamente” pelo Rio Grande do Sul. Ele visitou o município de Entre-Ijuís através do Google Earth, e seu trabalho é uma grande tapeçaria inspirada na fotografia de satélite dessa região.

Irene Kopelmann, que também visitou os Cânions, buscou uma imersão na paisagem. O resultado está na série de desenhos “Cambará”, em grafite e aquarela, além de peças de cerâmica e argila negra que formam uma grande instalação.

José Alejandro Restrepo trabalha com o tema da religião nos dois vídeos inspirados na Região das Missões. Imagens de programas religiosos captadas na tv aberta dialogam com peças de acervos religiosos, imagens de Santo Ignácio de Loyola e São Francisco Xavier.

Nos quatro trabalhos expostos na Mostra, **Lucia Koch** apresenta a água como tema. A artista viajou por cidades de diferentes regiões do Rio Grande do Sul, como Cachoeira do Sul, Jaguarão, Pelotas, Bagé e Rio Grande, além de cidades fronteiriças do Uruguai, como Melo. Uma instalação de projeções de um filme sobre as “águas dançantes” de Cachoeira do Sul, uma instalação sonora, uma projeção de imagens da enchente de 1941 e brasões de escolas públicas do Uruguai compõem o conjunto da obra.

A viagem à região sul do estado e à fronteira com o Uruguai inspirou a série de trabalhos de **Marina Camargo**. A obra “Tratado de Limites” é composta de cinco trabalhos, como fotografias, instalação sonora, mapas e instalações com gelo, documentos e anotações, que retratam a diluição das fronteiras, os elementos da paisagem do pampa, como o céu, o vento e as tempestades. Além disso, a artista está realizando uma obra que ficará permanentemente exposta em um sítio arqueológico não explorado da cidade de Tacuarembó - “Capital dos Pampas”, no Uruguai. A obra consiste em uma instalação de grande porte, com letras de concreto que formam o nome da cidade.

“Partimos da idéia de que as delimitações políticas das nações, no caso do Brasil e seus vizinhos, nem sempre correspondem a uma autonomia cultural encerrada dentro desses limites”, afirma a curadora Aracy Amaral. E completa: “Depois de percorrer quilômetros de estradas e cidades do território do múltiplo e belo Rio Grande do Sul, situado num país como o Brasil, habitado por indígenas de dezenas de etnias distintas, e colonizado aqui no extremo sul por portugueses, jesuítas, africanos, alemães, italianos, árabes, judeus, percebemos como é relativo o termo ‘fronteira’ ou ‘limite’ no sentido de circunscrição que usualmente o termo abarca”.

Cadernos de Viagem

Diversas cidades do Rio Grande do Sul e Armazém A7 do Cais do Porto, em Porto Alegre

Quantidade de artistas: 09

Artistas participantes:

Beatriz Santiago Muñoz - Porto Rico

Bernardo Oyarzún - Chile

Kochta & Kalleinen (Oliver Kochta-Kalleinen e Telervo Kalleinen) - Finlândia

Marcelo Moscheta - Brasil

Marcos Sari - Brasil

María Elvira Escallón - Colômbia

Mateo López - Colômbia

Nick Rands - Inglaterra

Sebastian Romo - México

O projeto **Cadernos de Viagem** é composto por **nove artistas** de diferentes nacionalidades que percorreram entre os meses de abril e julho diversas regiões do Estado documentando esta experiência em meios como desenho, fotografia, vídeo, objetos, anotações, performances e instalações. Os resultados foram exibidos em museus e espaços culturais das regiões visitadas por eles. Além disso, **atividades pedagógicas** como workshops e conversas com os integrantes do projeto fazem parte da programação e visam o envolvimento das comunidades e a troca de experiências. Entre as cidades envolvidas neste projeto estão **Santana do Livramento, Caxias do Sul, Ilópolis, Teutônia, Pelotas, Bagé, São Miguel das Missões, Tavares, Upamaroti, Porto Lucena, Pinhal da Serra e Santa Maria**.

As obras expostas em Porto Alegre durante a Bienal são novas versões do que foi exposto inicialmente nas outras cidades.

Segundo Alexia Tala, curadora adjunta da 8ª Bienal do Mercosul, “o projeto *Cadernos de Viagem* consiste em apresentar o Rio Grande do Sul a artistas cujos temas e práticas envolvam a viagem, a paisagem e/ou o trabalho com comunidades”, afirma. A experiência do percurso e as interações sociais e/ou culturais ditam o desenvolvimento da obra final: “Nos interessa evidenciar as diversas formas como os artistas documentam sua experiência de observação e vivência no território, incorporando, além do caderno de viagem, outras soluções às suas obras de arte”.

Bernardo Oyarzún foi o primeiro a iniciar seu roteiro de viagem, em direção a **São Miguel das Missões**, onde também foram expostos seus registros. O chileno passou duas semanas convivendo com os habitantes da aldeia Mbyá-Guarani, a 30 km das ruínas de São Miguel. As experiências coletadas junto à comunidade determinaram de que maneira esse convívio com os índios foi o



ponto de partida para a concepção de uma obra que esteve exposta na Sacristia das Ruínas de São Miguel, de **07 de maio a 10 de junho**. A obra **Koenyú** (Aurora) foi composta de um vídeo-retrato de um habitante da aldeia e pequenas esculturas de animais em resina. Em Porto Alegre, além dos três vídeos-retratos, o artista vai apresentar uma instalação de letras em barro, com um texto da mitologia guarani escrito também em guarani.

Marcelo Moscheta realizou seu percurso nas fronteiras **Brasil – Argentina - Uruguai e Brasil - Uruguai** no final do mês de **abril**. Seu roteiro iniciou em Alegrete, passando por Uruguaiana, Paso de Los Libres, Barra do Quaraí, Quaraí, Cerro do Jarau, Artigas, Santana do Livramento, Rivera, Aceguá e Jaguarão, encerrando o trajeto em **Pelotas**, onde seus registros de viagem foram expostos durante o **mês de julho**. Moscheta atravessou fronteiras em busca de elementos presentes na paisagem local para servirem de própria representação do espaço definido, procurando coletar a memória do lugar através destes elementos. A exposição **Deslocando Territórios: projeto URUGUAY**, que aconteceu no Museu Leopoldo Gotuzzo, em Pelotas, entre os dias 26 de julho e 14 de agosto, é composta de uma instalação com rochas coletadas durante o percurso feito pelo artista e um painel de grande porte com 15 desenhos e cartazes com informações sobre o território. **Deslocando Territórios: projeto URUGUAY** é um desdobramento do projeto *Deslocando Territórios: projeto GALIZA*, que Moscheta realizou na fronteira entre Portugal e Espanha em 2009.

Beatriz Santiago Muñoz viajou em maio para **Caxias do Sul**. A experiência de Beatriz em Caxias resultou no vídeo intitulado **Folc-Industrial**. A obra é um filme em processo, com trilha sonora improvisada ao vivo por cinco músicos caxienses que realizam música experimental e improvisação sonora. O filme de oito minutos está composto por imagens de trabalhadores na saída de uma fábrica e foi desenvolvido a partir da residência realizada por Beatriz Santiago Muñoz em Caxias. A obra de Beatriz foi concebida, mais do que como exibição, como um espaço de experimentação. O filme transita ao redor da imagem do trabalhador, uma imagem reiterada com frequência em Caxias do Sul e instrumentada a uma variedade de propósitos. O momento em que os trabalhadores saem da fábrica funciona como um limite entre a figura coletiva e imaginária do "trabalhador" e o momento em que ele recupera sua individualidade, sua materialidade. Cinco músicos caxienses dialogam com a imagem através da improvisação sonora. Segundo a artista, a intenção é "abrir um espaço de jogo onde é possível quebrar, reabrir, desajustar o significado da imagem". A obra foi exposta de 25 de maio a 18 de junho no Centro Municipal de Cultura Dr. Henrique Ordovás Filho. Em Porto Alegre, além da exposição, a artista realiza uma performance com música ao vivo no final de semana de abertura da Bienal.

Para desenvolver o projeto **Rumo ao Sul** o artista **Marcos Sari** esteve por alguns dias na Região de Palmas, nos arredores de Bagé, onde realizou intervenções na paisagem e registros fotográficos. O resultado pode ser conferido na exposição, que esteve em cartaz de 28 de maio a 25 de junho, no



Da Maya Espaço Cultural, em Bagé. A obra é composta por imagens que retratam a experiência da viagem, desde a saída de Porto Alegre e o período de residência em Bagé. Um vídeo, cinco fotografias de grande dimensão e 50 imagens tamanho postal, além de interferências com pintura realizadas diretamente na arquitetura do espaço expositivo e no jardim, fazem parte da exposição. Em Porto Alegre, o artista exhibe, além das fotografias e de uma intervenção com pintura no solo, seu caderno com anotações da viagem.

Nick Rands, que é britânico e vive em Porto Alegre, coletou referências para sua obra em uma viagem que realizou entre os dias 17 e 30 de maio. O artista percorreu os quatro cantos de um quadrado imaginário no mapa do Rio Grande do Sul, onde cada canto é o mais próximo possível das fronteiras do Estado com o Oceano Atlântico, Uruguai, Argentina e Santa Catarina: **Tavares, Upamaroti, Porto Lucena e Pinhal da Serra**. A cidade de **Santa Maria** - que marca o centro desse quadrado - foi escolhida para sediar a exposição, que ficou em cartaz no Museu de Arte de Santa Maria entre os dias 30 de maio e 04 de junho. A mostra **Um Quadrado no RS** foi composta de uma instalação com quatro grandes esferas trabalhadas com barro, além de fotografias e um vídeo que registra os quatro pontos visitados pelo artista. Para a exposição em Porto Alegre o artista produziu uma instalação com barro e folhas de ouro. A instalação é composta de quatro quadrados de barro, com 80 pontos de terras coletadas na viagem sobre cada um.

Sebastian Romo percorreu de motocicleta regiões da fronteira Brasil-Uruguai entre **Santana do Livramento e Rivera**. Para o artista, a experiência da viagem permite refletir sobre temas intangíveis como deslocamento, invisibilidade, tempo, limite e a ideia de transformação. Por meio de anotações, colagens, desenhos e fotografias o artista constrói narrativas, arquivos, roteiros, crônicas e poéticas. A exposição **Do dito à ficção** esteve em cartaz no Núcleo de Estudos Fronteiriços da UFPel, em Santana do Livramento, de 27 de junho a 24 de julho.

María Elvira Escallón visitou a **reserva Mbya-Guarani em São Miguel das Missões**, investigando e intervindo por meio de entalhes nas espécies nativas da região. Quatro pontos-chave embasam sua obra: a flora, a evangelização jesuíta, a fusão Guarani-Europa e a arte barroca produzida no período da ocupação jesuíta. A experiência resultou na exposição **Novas Floras do Sul**, que foi exibida na Sacristia da Ruína da Igreja de São Miguel Arcanjo, em São Miguel das Missões, de 29 de junho a 30 de julho. A exposição em Porto Alegre vai mostrar fotografias dos entalhes realizados em árvores nativas de São Miguel das Missões. Todo o trabalho da artista foi realizado em colaboração com o entalhador local, José Herter.

Mateo López conheceu de bicicleta o roteiro Caminho dos Moinhos, na região de **Ilópolis**. Sua investigação é em torno da história do pão, sua manufatura e sua importância na constituição sócio-cultural da região. A exposição intitulada **Notas de Campo** esteve em cartaz no Museu do Pão, em



Ilópolis, 30 de junho a 21 de julho. Em Porto Alegre, o artista exhibe desenhos que são uma espécie de reportagem gráfica e uma escultura árvore-lápis suspensa na horizontal.

O artista finlandês **Oliver Kochta-Kalleinen** realizou sua viagem para a cidade de **Teutônia** no mês de julho, encerrando a programação de Cadernos de Viagem. Com a colaboração da comunidade de Teutônia, "Capital do Canto Coral", organizou um Coro formado por cerca de 30 integrantes. A música foi composta a partir de reclamações dos próprios moradores da cidade, com arranjo e regência do professor de música Lucas Brolese. Nos dias 23 e 24 de julho, o Coro de Queixas realizou apresentações em Teutônia. Durante a Bienal, além do vídeo das apresentações que estará em exibição no Cais do Porto, o Coro apresenta-se ao vivo no final de semana de abertura da Bienal.



Cidade Não Vista

Nove locais do centro de Porto Alegre

Quantidade de artistas: 9

Quantidade de obras: 9

Artistas participantes:

Elida Tessler - Brasil

Marlon de Azambuja - Brasil

Oswaldo Maciá - Colômbia

Paulo Vivacqua - Brasil

Pedro Palhares - Brasil

Tatzu Nishi - Japão

Valeska Soares / O Grivo - Brasil

Vitor Cesar- Brasil

Santiago Sierra - Espanha

A partir de um processo de arqueologia urbana, foram identificados nove lugares do centro da capital gaúcha que despertam interesse arquitetônico, histórico, sociológico, ou, simplesmente, curiosidade. São eles: o **Aeromóvel**, o **Observatório Astronômico da UFRGS**, o **Viaduto Otávio Rocha**, a **Escadaria da Rua João Manoel**, a cúpula da **Casa de Cultura Mario Quintana**, os jardins do **Palácio Piratini**, a **Prefeitura Municipal de Porto Alegre**, a chaminé da **Usina do Gasômetro** e a livraria **Garagem do Livro**. A ênfase foi dada a locais que muitas vezes não são percebidos pela população, seja pelo automatismo que costuma caracterizar a experiência na cidade, pela dificuldade de acesso ou por estarem fora do imaginário coletivo.

Artistas de diferentes nacionalidades elaboraram obras especialmente para estes espaços, que valorizam os elementos já existentes. Todas as obras destacam o lugar e privilegiam a experiência sensorial. Para o curador adjunto Cauê Alves, “o contato com a urbe a partir do tato, dos sons, das palavras e de mínimas intervenções, é uma estratégia de ativação de territórios de Porto Alegre. Ao atingir o cidadão desprevenido, o trabalho de arte pode colaborar na abertura para uma relação não usual com o território da cidade”.

A ideia é atrair o público para espaços que não são usualmente considerados interessantes (a Escadaria ou a Garagem do Livro), ou para importantes ícones da cidade, mas que estão inacessíveis. Ruínas urbanas que surgem antes mesmo de os projetos inaugurarem (o Aeromóvel), estátuas com valor histórico, mas pouco notadas (um monumento público da cidade), assim como construções com valor arquitetônico e cultural (Casa de Cultura Mário Quintana, Viaduto Otávio Rocha e o Observatório) serão valorizados a partir de uma aproximação não tradicional.

Espaços e obras

Observatório Astronômico da UFRGS – obra de **Paulo Vivacqua** – composição com sons e o depoimento do técnico responsável pelo local, Claudio Bevilacqua

Cúpula da Casa de Cultura Mario Quintana - obra de **Valeska Soares e O Grivo** – Intitulada (*Prelúdio*) *Shhhh*, a obra é composta de 32 caixas de som, que reproduzem sons e chiados. As caixas estão distribuídas entre a cúpula e um dos corredores do prédio

Prefeitura Municipal de Porto Alegre - obra de **Tatzu Nishi** – a frente do edifício dá lugar a um ambiente que reproduz um quarto de dormir, incorporando elementos da própria fachada

Chaminé da Usina do Gasômetro – obra de **Oswaldo Maciá** – quatro caixas de som instaladas a cada 20 metros dentro da chaminé reproduzem uma “sinfonia de bigornas” que tocam o “martinete”, um ritmo tradicional dos ciganos de Granada/Espanha

Aeromóvel – obra de **Pedro Palhares** – canos de PVC, instalados em 10 pilares presos verticalmente e em dois pontos horizontais, reproduzem o som da rua

Livraria Garagem dos Livros – obra de **Elida Tessler** - a obra “*Ist Orbita*” entrecruza o acervo de livros da Garagem dos Livros e um texto inédito do escritor Donaldo Schüller, intitulado IST ORBITA. A obra consiste em uma enciclopédia de 138 volumes para a obra do escritor, placas de identificação para as estantes de livros e uma intervenção sonora.

Jardins do Palácio Piratini – obra de **Santiago Sierra** – os hinos nacionais dos países que integram o Mercosul são tocados ao mesmo tempo em seis alto-falantes

Escadaria da Rua João Manoel – obra de **Vítor César** – interfones instalados em uma ponta e outra da escadaria permitem que as pessoas se comuniquem através dos equipamentos

Viaduto Otávio Rocha – obra de **Marlon de Azambuja** – as estátuas localizadas na avenida Borges de Medeiros, na parte de baixo do viaduto, são revestidas de fitas vermelhas, chamando a atenção dos passantes

Continentes

Locais:

- Atelier Subterrânea** - Av. Independência, nº 745/Subsolo - Porto Alegre/RS
- Navi – Núcleo de Artes Visuais** - Rua Ettore Pezzi s/nº - Caxias do Sul - RS
- Sala Dobradiça** – espaço itinerante – Santa Maria/RS

Instituições participantes: 09

- Atelier Subterrânea
- Batiscafo / Proyecto Circo
- ceroinspiración
- Diablo Rosso
- KIOSKO galería
- lugar a dudas
- NAVI - Núcleo de Artes Visuais
- Planta Alta
- Sala Dobradiça

O projeto **Continentes** incentiva a criação de redes de intercâmbio, conhecimento e colaboração entre instituições culturais independentes do Rio Grande do Sul e de outros países da América Latina. Ao longo da Bienal, três espaços do Rio Grande do Sul vão receber instituições internacionais em suas sedes, com o objetivo de trabalhar em conjunto durante um mês, em caráter de residência artística. As instituições convidadas terão, assim, uma sede temporária na capital gaúcha e desenvolverão um projeto específico, com base nas atividades que normalmente realizam em seus locais de origem.

As instituições envolvidas no projeto são:

Atelier Subterrânea (Porto Alegre)

- ceroinspiración** (Quito/Equador) – de 02 a 21 de setembro
- Diablo Rosso** (Cidade do Panamá/Panamá) – de 08 a 29 de outubro

Sala Dobradiça (Santa Maria)

- Planta Alta** (Assunção/Paraguai) – de 09 a 30 de setembro
- Batiscafo** (Havana/Cuba) e **Proyecto Circo** (Havana/Cuba) – de 08 a 29 de outubro

Navi - Núcleo de Artes Visuais (Caxias do Sul)

- lugar a dudas** (Cali/Colômbia) - de 28 de setembro a 11 de outubro
- KIOSKO galería** (Santa Cruz de la Sierra/Bolívia) - de 10 a 30 de outubro

Perfis das instituições

Atelier Subterrânea (Porto Alegre, RS, Brasil)

Fundado em 2006, o *Atelier Subterrânea* surge como um espaço independente, dedicado às artes visuais. Atualmente, é constituído por seis artistas. Além de ser o lugar de trabalho dos artistas que o integram, também é um espaço aberto ao trânsito e ao diálogo de pessoas interessadas em arte.

A proposta do *Atelier Subterrânea* é auxiliar artistas contemporâneos na execução de projetos artísticos, através da concessão do espaço físico de seu local para a realização de mostras, cursos e diversos eventos, como conferências, diálogos, lançamentos de livros e outras atividades de experimentação artística. Seu *site* funciona também como um espaço virtual aberto para a publicação de escritos de artistas, textos críticos e teóricos sobre arte, assim como para a documentação de eventos relacionados às artes visuais.

São integrantes do *Atelier Subterrânea*: Adauany Zimovski, Gabriel Netto, Guilherme Dable, James Zortéa, Lilian Maus e Túlio Pinto. <http://www.subterranea.art.br>

Batiscafo (Havana/Cuba)

O *Batiscafo* surgiu em 1997 como uma iniciativa promovida por artistas junto com estudantes e professores do Instituto Superior de Arte de Havana. Projeto único nesse gênero em Cuba, seu programa de residências tem como objetivo principal o intercâmbio cultural entre artistas de diferentes nacionalidades, para estimular o diálogo como fonte de novas ideias e possibilidades de experimentação. Esse projeto não conta com um espaço fixo de exposição e privilegia, mais que o resultado da obra artística, o processo de trabalho realizado durante as residências que organiza. Na última década, mantendo uma estrutura de trabalho flexível e adaptável às necessidades de cada projeto, o *Batiscafo* conseguiu consolidar-se como um pilar na cena da arte emergente cubana, oferecendo, periodicamente, uma programação de exposições, estudos abertos, conferências e *performances*. Patrocinado pelas Fundações Hivos e Doem de Holanda, o *Batiscafo* forma parte do *Triangle Arts Trust*, uma rede internacional de programas de residência, com sede no Centro de Arte Gasworks, em Londres, Inglaterra. <http://www.batiscafo.org/>

Proyecto Circo (Havana/Cuba)

O *Proyecto Circo* nasceu em 2003, inicialmente ligado ao *Batiscafo*, como uma plataforma nômade, de caráter híbrido, experimental e interativo que articula o vídeo com a *performance*, com estratégias de arte relacional, de arte de ação e com intervenções urbanas. Sua intenção centra-se em propiciar, a partir da prática artística, uma dinâmica de intervenção no espaço cotidiano e um diálogo capaz de mobilizar o pensamento analítico-artístico junto ao prazer e ao entretenimento. www.proyectocircocuba.org e <http://proyectocircocuba.blogspot.com>



ceroinspiración (Quito/Equador)

É um espaço independente de exposição, produção e residências curtas para pesquisa e criação. Seu objetivo, através da gestão do que chamam de colégio curatorial, é ser um aglutinador da produção artística local, ao mesmo tempo em que busca ser uma ponte com plataformas e movimentos artísticos internacionais. Desde a sua fundação, em 2009, situa-se no bairro Floresta, da cidade de Quito.

O ceroinspiración produz exposições, organiza oficinas, cursos e encontros e realiza consultorias e produções culturais para outras instituições. Além disso, organiza: séries de “conversatórios” sobre assuntos de arte e ciências sociais, sob o nome de Remedios caseros [Remédios caseiros]; um programa de Intervenciones sonoras [Intervenções sonoras], organizado em colaboração com o Centro Experimental Oído Salvaje [Ouvido selvagem]; El levantamiento de la floresta [O levantamento da floresta], uma plataforma de trabalho com a comunidade e gestores sociais, que busca projetar o olhar de seu entorno para o futuro; e o programa Cero en conducta [Zero de conduta], que propõe uma série de aulas, cursos e oficinas, em formato de cátedra aberta, sobre temas de arte, literatura e estudos culturais. Tudo com o fim de gerar um espaço de diálogo e reflexão discursiva em torno das visualidades e sonoridades artísticas.

São integrantes do ceroinspiración: María del Carmen Carrión, María Rosa Jijón, Fabiano Kueva e Ana Rodríguez. Artista convidado: Wilson Díaz. www.ceroinspiracion.org

Sala Dobradiça (Santa Maria, RS, Porto Alegre)

A *Sala Dobradiça* é composta por um grupo de artistas e produtores culturais que projeta e viabiliza exposições e eventos de artistas tanto da Região Sul como de outras localidades do Brasil e do exterior. Seus interesses estão dirigidos às práticas que condicionam o espaço como fundamento poético às soluções visuais *in situ* ou *site-specific*, assim como aos modelos alternativos de exposição e a projetos em espaços públicos.

Desde o surgimento, em 2009, suas ações contemplam procedimentos, conceitos e estratégias que incluem o espaço como um meio dentro do pensamento artístico, revisando continuamente os limites e as convenções entre prática e curadoria. Além de favorecer formatos de exposição alternativos, a *Sala Dobradiça* realizou mostras mensais no seu projeto *Espaço-Suporte*, anexado a *Macondo Lugar* (em Santa Maria), e mantém uma zona de interseção com *Macondo Colectivo*, ponto referencial sul do *Circuito fora do eixo*, focalizado em ações e ocupações conceituais de diferentes territórios. Neste ano, e coincidindo com sua participação na 8ª *Bienal do Mercosul*, a *Sala Dobradiça* deixa sua sede na rua Serafim Valandro, 643, para iniciar uma nova etapa, com uma sala móvel chamada *Espaço Recombinante*.

São integrantes do *Sala Dobradiça*: Elias Maroso, Alessandra Giovanella, Desirée Tibola, Aloísio Licht, Gabriel Araújo, Adonai Schlosser e Marcos Benedetti. www.saladobradica.blogspot.com





Planta Alta (Assunção/Paraguai)

A missão do *Planta Alta*, espaço criado em junho de 2007, é fomentar e estimular a produção e o reconhecimento de artistas emergentes do Paraguai e do exterior mediante uma programação que combina exposições, um bar e, recentemente, residências para artistas. Essa estrutura propõe diversas formas de produção e criação em um encontro de disciplinas, de tal modo que músicos, atores, artistas visuais e outros profissionais de distintas gerações convergem nesse local.

A sede do *Planta Alta* é um casarão de 1910, a “Casa de Gasperi”, localizada no centro antigo de Assunção. Esse espaço conta com numerosas salas de exposição, nas quais são realizadas diversas atividades com o intuito de fomentar a criação e o desenvolvimento de novos projetos, assim como de mediar o intercâmbio entre artistas, apoiando a divulgação e a circulação de suas obras. O fim último dessa iniciativa é propiciar uma troca de olhares, entre as diversas propostas, para motivar a produção, reflexão e crítica no contexto local.

São integrantes do *Planta Alta*: Bettina Brizuela, Laura Mandelik, Wolfgang Krauch e Daniel Milessi.
www.flickr.com/photos/larissa_jimenez

KIOSKO galería (Santa Cruz de la Sierra/Bolívia)

KIOSKO galería é um espaço que reúne e promove a arte contemporânea da Bolívia, localmente e para o exterior, a partir da cidade de Santa Cruz de la Sierra. Esse espaço autogerido abriu suas portas em 2006 com a intenção de gerar uma plataforma de exposição das manifestações artísticas que refletem a diversidade atual da contemporaneidade, em diálogo com as diversas cenas internacionais. Seu objetivo central é promover os artistas nacionais e oferecer um espaço de exposição e intercâmbio para criadores e desenhistas emergentes do estrangeiro. Além de exposições, *KIOSKO galería* realiza um amplo programa de atividades relacionadas com a cultura.

Desde 2007 realiza residências para artistas, nas quais convivem sempre um artista boliviano e um artista internacional. As residências são uma alternativa de trabalho dinâmico, coletivo e interativo, que acolhe experiências e reflexões a partir de diferentes perspectivas e disciplinas. Os participantes empreendem projetos nos quais se enfatiza mais o processo de trabalho do que a obra final, permitindo experimentar e assumir riscos. A comunidade, outros artistas e o espaço contribuem no processo de reformulação conjunta, criando nexos e situações de colaboração entre os artistas. São integrantes do *KIOSKO galería*: Raquel Schwartz e Roberto Unterladstaetter.

www.kioskogaleria.com

NAVI – Núcleo de Artes Visuais (Caxias do Sul, RS, Brasil)

O *Núcleo de Artes Visuais* (NAVI) é uma associação autônoma de artistas plásticos, funcionando na cidade de Caxias do Sul desde 1988. Foi fundado por um grupo de artistas locais que procurava a criação de meios de estímulo para a produção artística na cidade e na região. Promove oficinas



para a criação e o estudo das artes plásticas, como pintura, escultura, fotografia e gravura e oferece regularmente cursos teóricos e práticos para seus membros e outros interessados. Também realiza inúmeras exposições na sua sede e em outros locais e, com frequência, convida para Caxias do Sul críticos, curadores, filósofos e artistas de destaque no Brasil, para ministrar conferências, cursos e seminários.

É centrado não apenas nos aspectos de criação e estudo da arte contemporânea, mas também no apoio ou na intervenção direta em ações relacionadas ao patrimônio histórico e artístico local. Tem representantes em diversos órgãos culturais, como o Conselho Municipal de Cultura, o Instituto Estadual de Artes Visuais, o Conselho Municipal da Lei de Incentivo à Cultura (COMIC) e o Conselho da Cidade das Artes na Universidade de Caxias do Sul.

São integrantes do NAVI: Mara De Carli, Odete Garbin, Margarete Zanchin, Vera Martini, Ana Vergamini, Neuza Zini. www.navi-artecaxias.blogspot.com

Diablo Rosso (Ciudad de Panamá/Panamá)

Diablo Rosso, situado no *Casco Viejo* da Cidade do Panamá, é um espaço de reflexão criativa cujos integrantes são artistas provenientes de múltiplas disciplinas: dança, artes visuais, curadoria, arquitetura e desenho. Foi fundado em 2006 como uma pequena loja de diversos objetos de vanguarda; depois de cinco anos, converteu-se em um dos espaços mais inovadores de artistas emergentes da região. Procura fortalecer e estimular mentes jovens para quebrar os modelos e para pensar de forma independente. Além disso, incentiva o público a adentrar-se na arte e na cultura contemporâneas.

Diablo Rosso tem um interesse particular em refletir sobre os modelos expositivos e de circulação da arte, algo que se torna evidente na sua estrutura. A galeria de arte inaugura exposições todos os meses, e seu restaurante, El Pony Rosso, é um espaço criativo para encontros e conferências de todo tipo, enquanto a sua boutique está repleta de objetos de jovens desenhistas independentes, locais e internacionais. São integrantes do Diablo Rosso: Analida Galindo, Carlos Ucar, Miky Fábrega, Johann Wolfshoon e Rafa Arrocha. www.diablorosso.com

lugar a dudas (Cali/Colômbia)

O *lugar a dudas* é um espaço independente e sem fins lucrativos, localizado na cidade de Cali. Como sugere seu nome, *lugar a dudas* é um laboratório de pesquisa, confrontação, reflexão e crítica. Um espaço que, mais do que tentar se converter em legitimador ou substitutivo de outras instituições, privilegia a pesquisa, a partir de seu próprio âmbito. Seus programas, eventos, mostras e oficinas procuram tornar visíveis as problemáticas e os desencontros do contexto em que vivemos, estimular a discussão e propiciar experiências que acompanhem as transformações dos setores culturais de Cali e da região.



O *lugar a dudas* transita dentro de três ações/espços articulados: espços de exposição e *la vitrina* – um espço com vista para a rua e que expo para os transeuntes e para o público da cidade obras de artistas locais, nacionais e internacionais; *la sala de estar* – lugar de encontro formado pelo centro de documentação, pela sala de leitura e de internet; e o pátio, onde se projetam filmes duas vezes por semana –  também o espço onde se realizam conversas, fóruns e oficinas. Conta com um programa de residências, que oferece a possibilidade a pesquisadores, artistas ou curadores, de qualquer nacionalidade, de realizar uma residência em Cali.

O *lugar a dudas*  dirigido por Oscar Munoz, em colaboração com Diana Torres, David Alvarez, Yolanda Chois, Sally Mizrachi, Leandra Plaza, Joel Rozen, Natalia Imer, Oscar Campo, Luisa Gonzalez, Claudia Sarria e María Eugenia Alba. www.lugaradudas.org



Casa M

Rua Cel. Fernando Machado, 513 - Centro (em frente à escadaria da Rua João Manoel)
De segunda a sexta-feira, das 12h às 20h | Sábado, das 10h às 18h

Horários de funcionamento durante o período da Bienal: Segundas, quartas e sextas, das 12h às 21h | Terças, quintas e sábados, das 09h às 21h | Domingos, das 14h às 21h

Informações: casam@bienalmercosul.art.br - telefone 51 3519 7109

Inscrições para oficinas: oficinascasam@bienalmercosul.art.br - telefones (51) 3254 7517 e 3254 7519

Inscrições para cursos de formação de professores: professor@bienalmercosul.art.br - telefones (51) 3254 7517 e 3254 7519

Programação: www.bienalmercosul.art.br/casam

Inaugurada no dia **24 de maio** com uma intensa programação que atraiu mais de mil pessoas na noite de abertura, a **Casa M** é um dos projetos-chave da **8ª Bienal do Mercosul**. Pensada para expandir a Bienal no tempo, a Casa M é um espaço cultural dedicado à promoção, ao desenvolvimento e ao intercâmbio artístico a nível regional, nacional e internacional, com ênfase no estímulo à cena artística local. A casa, que deve permanecer aberta até dezembro, oferece atividades de diferentes linguagens, mesclando artes visuais, literatura, cinema, música, dança e teatro, entre outras expressões e áreas do conhecimento.

Segundo a curadora assistente da Bienal, Fernanda Albuquerque, o nome “Casa M” (de Mercosul) pretende dar ênfase ao seu caráter de “casa”, de local de integração e recepção, de situação doméstica, aberta e informal. Compõem a programação **atividades voltadas ao público em geral e do meio artístico, como conversas, debates e workshops, entrevistas com artistas da 8ª Bienal do Mercosul, pocket-shows e mostras audiovisuais**, além de ações especiais oferecidas à vizinhança. A Casa M terá uma sala de leitura, um espaço experimental de exposição (Vitrine), ateliê, área de convivência e ambientes para projeção de vídeos e debates. O Projeto Pedagógico da 8ª Bienal do Mercosul promove, na Casa M, **cursos de formação para professores e oficinas voltadas à arte-educação**.

A Casa M também abriga projetos permanentes como a **Vitrine** - onde a cada mês um jovem artista apresenta uma exposição de pequeno porte, **instalações** de três artistas – **Daniel Acosta, Fernando Limberger** e **Vitor César**, o programa **Duetos** - que reúne 12 artistas de diferentes áreas para utilizar a Casa M como local de trabalho e investigação, oferecendo oficinas e desenvolvendo propostas em colaboração, e o programa **Combos** - em que três convidados de diferentes linguagens artísticas e campos do conhecimento compartilham com o público projetos em desenvolvimento e trocam ideias sobre suas práticas. Nos programas especiais para os moradores da Rua Fernando Machado, vizinhos da Casa M, a artista plástica e professora **Cláudia Sperb**, oferece a **Oficina dos Vizinhos**, onde a cada encontro são discutidas ações e realizações em conjunto, utilizando-se os espaços, conteúdos e materiais da 8ª Bienal do Mercosul. A Casa M



também abriga um **Programa de Residências para curadores** de instituições culturais nacionais e internacionais, convidados a propor conversas com o público, desenvolver oficinas e visitar ateliês de artistas locais. O programa, com duração de sete dias para cada curador, acontece nos meses de julho, agosto, setembro e outubro.

Um **Conselho** formado por artistas, pesquisadores e agentes culturais da Capital colabora com os curadores da 8ª Bienal na concepção da programação, sugerindo eventos e profissionais no âmbito artístico, acadêmico e institucional. O Conselho é composto pelos seguintes membros:

- Alexandre Santos - professor e pesquisador do Instituto de Artes da UFRGS
- Camila Gonzatto – cineasta e jornalista
- Gabriela Motta - crítica e curadora de arte
- Jezebel De Carli - atriz, diretora de teatro e professora
- Leo Felipe – jornalista e curador
- Neiva Bohns - professora e pesquisadora do Instituto de Artes e Design da UFPel

Para o curador-geral da Bienal, **José Roca**, a implantação de um projeto tão complexo quanto a Casa M é essencial para aproximar evento e comunidade: “A maioria das bienais traz grandes quantidades de público durante um período curto e concentrado de duração do evento, mas, em seguida, há longos períodos em que quase não há atividade. É possível entender a Bienal também como uma instância de criação de infraestrutura”, declara Roca.

O presidente da 8ª Bienal do Mercosul, **Luiz Carlos Mandelli**, acredita que a Casa M amplia os canais de diálogo com a comunidade e promove a reflexão, o diálogo e a formação de público para a arte contemporânea: “esperamos que a comunidade acolha a Casa M como um local de fundamental importância para o fomento das artes em Porto Alegre e no Rio Grande do Sul. Almejamos que este espaço siga permanentemente aberto ao público, além dos sete meses previstos para a sua duração”.

A Casa abriga uma história curiosa: a antiga moradora do sobrado, Christina Balbão (1917-2007), estudou no Instituto de Belas Artes da UFRGS, em Porto Alegre. Estimulada por artistas e professores como Ado Malagoli, interessou-se por arte moderna, tornou-se professora do Instituto por mais 30 anos, sendo responsável pela formação de vários novos artistas e acompanhando o surgimento de diferentes manifestações artísticas. Dentre eles, Fernando Limberger, cuja obra desenvolvida para o pátio da Casa M chama-se *Vermelho-Pungente (Para Dona Cristina)*, em homenagem à sua professora.



Casa M - ambientes

- **Terraço** - Um espaço de convivência que permite uma visão diferenciada do Centro de Porto Alegre
- **Ateliê** - Espaço aberto para cursos, oficinas e trabalho para artistas que integram a programação
- **Porão** – local para mostras de vídeos e projeções abertas ao público. Serve também como espaço de experimentação para artistas que participam da programação
- **Cozinha/Sala de reuniões** – espaço aberto para reuniões, bate-papos e grupos de estudo, conforme a disponibilidade
- **Vitrine** – espaço experimental de exposição
- **Sala de Leitura** – A Sala de Leitura coloca à disposição do público revistas especializadas, catálogos de artistas e livros sobre arte contemporânea. As publicações fazem parte do acervo do NDP - Núcleo de Documentação e Pesquisa da Fundação Bienal do Mercosul que, desde 2004, abriga um extenso conjunto de documentos, livros, catálogos, periódicos, revistas, fotografias e materiais audiovisuais sobre a história da Bienal do Mercosul e arte contemporânea na América Latina. O acervo completo conta hoje com mais de 17 mil itens registrados e está à disposição do público para consulta gratuita

Obras permanentes

Outras três obras especiais criadas para diferentes ambientes estarão permanentemente em exposição: na Sala de Leitura encontra-se uma peça de mobiliário multiuso criada por **Daniel Acosta**, uma instalação de **Fernando Limberger** está exposta no pátio e a campainha da porta de entrada é obra de **Vitor Cesar**.

- **Vitor Cesar – Campainha, 2011** - Os projetos de Vitor Cesar confundem-se com elementos da vida comum, envolvem uma estratégia de comunicação com o outro e questionam o contexto onde estão inseridos. Para a Casa M, o artista desenvolveu uma campainha que, quando acionada, dispara diferentes toques ao longo dos ambientes da casa, dando as boas vindas a quem chega.
- **Fernando Limberger – Vermelho-Pungente (Para Dona Cristina), 2011** - Os trabalhos de Limberger articulam vegetação, formas geométricas e planos de cor em jardins que combinam exuberância e simplicidade, natureza e artifício. Aspectos similares estão no trabalho desenvolvido para o pátio da Casa M. Em meio a uma vibrante e colorida topografia, dois elementos pontuam a paisagem: um abacateiro de copa farta e iluminada e



um cubo de madeira queimada. Vida e morte, luz e sombra, natureza e racionalidade são alguns dos binômios evocados pela obra.

- **Daniel Acosta - REPLIK:modularshelvesystem, 2011** - Os espaços criados por Daniel Acosta oferecem o que o artista chama de *disponibilidade multifuncional*. A característica também está presente na peça desenvolvida para abrigar a coleção de livros e revistas de arte. De desenho geométrico e estrutura modular, o trabalho marca a entrada da sala de leitura e organiza o ambiente.

Vitrine

As exposições, que acontecem a cada mês, estarão concentradas no espaço chamado **Vitrine**, um nicho com pouco mais de 1m², voltado para a rua. Jovens artistas visuais gaúchos vão expor obras criadas especialmente para o contexto da casa. São eles:

- **Tiago Giora** – início da exposição: 24 de maio
- **Rogério Severo** - início da exposição: 21 de junho
- **Viviane Pasqual** - início da exposição: 30 de julho
- **Helene Sacco** - início da exposição: 27 de agosto
- **Rommulo Conceição** - início da exposição: 24 de setembro
- **Glaucis de Moraes** - início da exposição: 29 de outubro
- **João Genaro** - início da exposição: 26 de novembro

Programa de Residências

Nos meses de julho, agosto, outubro e novembro, curadores de instituições culturais nacionais e internacionais são convidados a propor conversas com o público, desenvolver oficinas e visitar ateliês de artistas locais, em um **Programa de Residências** com duração de sete dias para cada um. São eles:

- **Clarissa Diniz** (Brasil, Recife) – editora da Revista Tatuí
- **Karina Granieri** (Argentina, Buenos Aires) - Artista e curadora independente
- **Soledad García** (Chile, Santiago) - Centro Cultural Palacio de la Moneda
- Mauricio Marcín (México, DF) - Proyecto El Clauselito

Duetos

O programa Duetos reúne doze artistas e coletivos de diferentes linguagens – música, literatura, teatro, vídeo, cinema, dança e artes visuais – para utilizar a Casa M como espaço de trabalho e investigação ao longo do ano e desenvolver propostas em colaboração. Cada convidado forma dois duetos, apresentados ao público quinzenalmente, e oferece uma oficina aberta à comunidade. Integram o programa:

- **Tatiana Rosa** - bailarina, coreógrafa e performer





- **Diego Mac** - bailarino, diretor e coreógrafo
- **Maíra Coelho** – diretora teatral e bonequeira (teatro de bonecos)
- **Teatro Geográfico** – grupo de teatro
- **Marcelo Noah** – poeta e radialista
- **Daniel Galera** - escritor
- **Grupo Avalanche** – coletivo de produção audiovisual
- **Rodrigo John** – artista e cineasta
- **Carla Borba** - artista visual e performer
- **Elcio Rossini** – artista e performer
- **Panetone** - músico experimental
- **Yanto Laitano** - músico

Combos

Três convidados de diferentes linguagens artísticas e campos do conhecimento compartilham com o público projetos em desenvolvimento e trocam ideias sobre suas práticas. As conversas acontecem quinzenalmente. Desde a abertura da Casa M foram realizadas seis edições do Combos, discutindo os seguintes temas:

Criação e manutenção de projetos artísticos independentes, com participação de integrantes do Atelier Subterrânea (Adauany Zimovski, Tulio Pinto, Guilherme Dable, James Zortéa, Lilian Maus), Casa de Teatro (Jeffie Lopes) e Não Editora (Rodrigo Rosp).

Práticas curatoriais em diferentes campos da arte, com José Roca, curador geral da 8ª Bienal do Mercosul, Vika Schabback, coordenadora de produção do 18º Porto Alegre em Cena, e Gustavo Spolidoro, cineasta e coordenador de curadoria do festival de cinema CineEsquemaNovo.

Observatórios, com o poeta e músico Álvaro Santi, do Observatório da Cultura, o físico do Observatório Astronômico da UFRGS Cláudio Bevilacqua e a artista plástica Elaine Tedesco que, em 2010, reconstruiu seu *Observatório de Pássaros* em Paris.

Delícias - gastronomia, deleite, fruição e degustação, com a atriz Sissi Venturin, que desenvolveu e atuou no espetáculo *Fome*, Glauco Caon, biólogo e fotógrafo, criador da Anner Cervejas Especiais, e Janaína Mury Girardi, proponente de um espaço gastronômico em sua casa, o *Primeiro Andar*.

Crítica, com Alexandre Nicolodi, artista plástico e webdesigner, editor da revista online Panorama Crítico, Marcus Mello, crítico de cinema, e Mônica Zielinsky, historiadora da arte que desenvolveu em seu doutorado uma pesquisa sobre a crítica de arte contemporânea no Brasil.

Urbano, com o jornalista, curador e galerista Lucas Ribeiro “Pexão”, o mestre em planejamento urbano e regional pelo PROPUR e arquiteto da Equipe do Projeto Monumenta Luiz Merino F. Xavier e o professor e coordenador do Programa de Pós-Graduação em Planejamento Urbano e Regional da UFRGS Antônio Tarcísio da Luz Reis

Viagem e deslocamento, com o grupo do Teatro Geográfico, o geógrafo e fotógrafo Leandro Artur Anton e a artista e performer Carla Borba.



Projeto Pedagógico

Sob a curadoria do artista mexicano **Pablo Helguera**, o **Projeto Pedagógico** da 8ª Bienal do Mercosul propõe diversas ações que levam em conta os desafios e oportunidades das bienais anteriores, assim como as temáticas desta edição, tendo como ênfase teórica a educação no campo expandido.

Dessa forma, a proposta pedagógica da 8ª Bienal estabelece seis linhas de ação:

- Programa de mediação
- Programa escolar
- Programas para diferentes públicos
- Bienal online
- Documentação e avaliação
- Publicações

Dentre as ações estão a realização de Cursos para formação de mediadores e professores, workshops e oficinas abertos ao público interessado, conversas com artistas e encontros teóricos.

O Projeto Pedagógico também é responsável pelo desenvolvimento de diversas atividades dentro da Casa M, como palestras, debates, oficinas e formações. Além disso, realiza ações em todas as cidades visitadas pelos artistas participantes de Cadernos de Viagem, do projeto Continentes e nas itinerâncias da exposição em homenagem ao artista Eugenio Dittborn, realizando cursos para professores, promovendo debates e conversas com os artistas, entre outras atividades educativas. O objetivo é aproximar os artistas da Bienal da comunidade na qual realizam suas obras, promover a autorreflexão da comunidade através de seus valores e conhecimentos e propor projetos coletivos entre artistas e representantes locais, em um processo de colaboração e integração.

O projeto conta com o **suporte das mídias digitais** para informar e envolver o público nas atividades. Além de um programa de EAD - Ensino à Distância, que foi utilizado para o Curso de Mediadores, o projeto pedagógico terá seções com conteúdos especiais para o público geral, professores, estudantes e pesquisadores na página web da Bienal.

O **Curso de Mediadores** é gratuito e tem como público-alvo estudantes universitários cursando a partir do 4º semestre e graduados de qualquer área de conhecimento. Esse ano foram recebidas 780 inscrições. Noventa e dois ex-mediadores demonstraram interesse em trabalhar novamente na Bienal, 603 candidatas são do Rio Grande do Sul e 177 de outros Estados. O curso ofereceu 300 vagas, sendo 50 delas destinadas para EAD. Para as vagas de inscritos de outros Estados e Municípios, 298 inscrições foram recebidas. Interessados de 112 cidades e 16 Estados enviaram suas inscrições e desse total, 542 são estudantes de cursos de Artes Visuais, Arte-educação,



História, Letras, Comunicação e Pedagogia, em sua maioria. “O Curso de Mediadores da 8ª Bienal do Mercosul busca funcionar não somente como um seminário de treinamento para o evento, mas como um curso para compreender a natureza da mediação, além de transmitir ao mediador ferramentas que sejam adequadas para poder responder de forma imaginativa, criativa e flexível ante uma obra, de acordo com o mesmo dinamismo que oferece a arte de hoje”, declara Pablo Helguera, curador pedagógico desta edição.

O **ciclo de formação de professores** iniciou em julho e oferece programação até setembro, devendo atender a cerca de **dois mil professores** de 17 municípios e cidades vizinhas em todo o Rio Grande do Sul: **Porto Alegre, Caxias do Sul, Canoas, Montenegro, Pelotas, Guaíba, Ilópolis, Teutônia, Santana do Livramento, Estrela, Ijuí, Santo Ângelo, Gravataí, Novo Hamburgo, Santa Maria, São Leopoldo e Bagé**. As inscrições são gratuitas através do email professor@bienalmercosul.art.br, até se esgotarem as vagas, ou nos locais em cada cidade. Informações podem ser obtidas pelos telefones (51) 3254 7519 e 3254 7517 e através do site www.bienalmercosul.art.br, no link Projeto Pedagógico. Os encontros de formação de professores em Porto Alegre são sediados na Casa M, com programas estendidos e mesclas de disciplinas, divididos em cursos de 2 a 4 dias.

Até o dia 13 de novembro, é possível realizar **agendamento para visitas de grupos e escolas** às exposições. O atendimento para agendar visitas guiadas funcionará de segunda a sexta-feira, das 08h30 às 19h, através do telefone **(51) 3433 7700**. Informações podem ser obtidas através do email agendamento@bienalmercosul.art.br e os roteiros disponíveis para escolha estão detalhados no site www.bienalmercosul.art.br, na página do Projeto Pedagógico. Nesta edição, a capacidade de atendimento de visitas através do agendamento é de 162.865 mil pessoas. A equipe de mediadores da 8ª Bienal do Mercosul estará disponível para apoio das visitas dos grupos nas mostras.

A Bienal também disponibiliza, de segunda a sexta-feira (exceto feriados), **transporte gratuito em ônibus para escolas das redes públicas de ensino**, localizadas em cidades com **até 100 km de distância** da Capital.

Publicações voltadas a diversos tipos de público são produzidas com enfoque em temas que se apliquem a distintos níveis de aprendizagem e diferentes disciplinas. Dentre as publicações que desenvolvidas estão os cadernos para Mediadores, materiais educativos, além de catálogo trilingue (português, espanhol e inglês) que vai reunir a documentação, descrição, análise e debate do projeto.

O **Caderno de Mediadores** da 8ª edição da Bienal é uma antologia de textos sobre mediação, tendo em seu conteúdo mais da metade de textos inéditos em português. Nomes como Rika Burnham, Cheryl Meszaros, Luis Guilherme Vergara, Shanon Jackson e Mila Chiovatto fazem parte dos autores que constam na publicação, que tem como objetivo disseminar um conteúdo que





ultrapassa a função de material de formação de mediadores, sendo uma obra de consulta para todos os interessados no tema. Seiscentos exemplares serão distribuídos durante o curso de mediadores. O caderno também estará disponível para download gratuito no site da Bienal.

Seis **materiais educativos** contemplam seis temas distintos: geografia física, geografia política, história, artes e literatura, além de um caderno especial para pré-escola. Os materiais estão sendo utilizados em cursos de formação de professores. O objetivo é ampliar a formação de professores de diversas áreas e promover o intercâmbio interdisciplinar.

Por fim, e para dar continuidade ao que já vem sendo realizado desde as primeiras Bienais, todos os aspectos pedagógicos desta edição da Bienal serão submetidos a uma extensa **avaliação**. O resultado dessas avaliações é publicado no catálogo do Projeto Pedagógico, uma espécie de relatório de atividades. Para completar a avaliação, uma **Mesa de Encerramento** da edição deverá abordar a noção de pedagogia no campo expandido. Seminário, oficinas e conversas com convidados nacionais e internacionais farão parte da programação da **Mesa**, no final de semana de encerramento da 8ª Bienal.



Programação visual e comunicação

Mídias digitais

A 8ª Bienal do Mercosul lançou seu perfil nas redes sociais da internet **Facebook**, **Orkut** e no microblog **Twitter**. Na **Fan Page da 8ª Bienal no Facebook** são publicadas fotos das viagens realizadas pelos artistas participantes das mostras *Cadernos de Viagem e Além Fronteiras*, agenda de eventos e outras curiosidades. No **Twitter** são divulgadas as novidades do projeto, além de fotos e notícias das atividades pedagógicas nas cidades do interior do Rio Grande do Sul, onde serão realizadas mostras e eventos. Na comunidade da 8ª Bienal no Orkut o internauta fica por dentro de todos os eventos da programação e pode dar sua opinião nos Fóruns da comunidade.

Informações sobre os principais eventos, obras e artistas, programação, atividades pedagógicas, exposições e novidades podem ser conferidas através das redes e também através do **Blog dos Curadores**. O dia-a-dia da concepção e produção do evento, entrevistas com artistas e textos conceituais podem ser acessados no **Blog dos Curadores**, em posts publicados em português ou espanhol.

Twitter - www.twitter.com/bienalmercosul

Facebook – www.facebook.com/bienaldomercosul

Orkut - <http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=113624981>

Blog dos Curadores - www.bienalmercosul.art.br/blog

A 8ª edição conta também com um **website** - www.bienalmercosul.art.br - que traz informações sobre obras e artistas que participarão do evento, programação completa das atividades, além de sugestões de roteiros de visitação. Materiais pedagógico e outras publicações, como o Guia e o Catálogo da edição, também estão disponíveis para download.

Identidade Visual

A **logomarca** da 8ª Bienal do Mercosul foi criada pelos artistas e designers gaúchos **Angela Detanico e Rafael Lain**. A construção da marca toma como ponto de partida o *Dymaxion map* - mapa-múndi criado por **Buckminster Fuller** - que apresenta os continentes sem fronteiras políticas e os representa na sua verdadeira magnitude, formando um poliedro que pode ser montado tridimensionalmente. Segundo o curador-geral José Roca, "Detanico e Lain decompõem o mapa de Fuller em seus componentes geométricos básicos (triângulos e quadrados) e o recompõem para propor um '8', que corresponde à oitava edição da Bienal do Mercosul. Nesse logotipo, os fragmentos de território estão sugerindo um mapa novo e mutável". Nas diversas aplicações da marca, o público pode ver diferentes configurações, fazendo referência a um território em constante reconfiguração. O mesmo princípio combinatório foi utilizado pelos designers para propor um tipo de



letra especial, chamado **Polígona**, que é usado em todo o material gráfico da Bienal. Saiba mais sobre os designers da marca em www.detanicolain.com.

A **logomarca da Casa M** também foi desenvolvida por Detanico e Lain, utilizando a Polígona e construindo a letra M através de uma imagem que faz referência à arquitetura da casa que sedia o espaço. A dupla também desenvolveu o projeto gráfico para o guia da exposição e o catálogo da 8ª Bienal.

Campanha publicitária da 8ª Bienal do Mercosul

O tema da 8ª Bienal do Mercosul, Ensaio de Geopoética, é o fio condutor da campanha que a DEZ Comunicação lança em diferentes canais de comunicação do país e América Latina. Em todas as peças é lançada a pergunta **Qual a distância entre você e a arte?** A campanha será veiculada entre 1º de setembro a 15 de novembro, em anúncios de jornais e revistas, outdoors, busdoors, filmes em 60" e 30" para tv aberta e cinema, textos de rádio e banners de internet.

A ideia é provocar uma reflexão nas pessoas sobre a sua relação com a arte. Ficam no ar questões para pensar: será que eu estou próximo ou distante da arte? Como a arte influencia a minha percepção da vida? A arte é algo para poucos ou pode estar ao meu alcance se eu for buscá-la? Eu não me aproximo da arte porque eu não entendo ou porque simplesmente nunca me interessei? As respostas para esses e outros questionamentos estimulados pela DEZ - agência que já produziu campanhas para a Bienal do Mercosul em quatro edições - estão ligadas ao projeto curatorial dessa edição.

Ficha Técnica

Atendimento: Arlete Bernardes e Henrique Menezes
Planejamento: Mariana Verçoza e Juliana Lubianca
Direção de Criação: Carlos Saul, Thiago Bizarro e Taíse Kodama
Direção de Arte: Thiago Bizarro, Laura Krebs, Andrey Damo e Daniel Salvatori
Redação: Carlos Saul, Marlon Abrahão, Alessandro Carlucci e Cauã Teixeira
RTVC: Alessandra Santos e Rodrigo Taborda
Produção Gráfica: Marília Vargas
Mídia: Francice Luz e Juliana Duarte

Projeto Museográfico

A proposta do **Projeto Museográfico** da 8ª Bienal do Mercosul parte de questionar a necessidade de isolamento das obras para seu melhor entendimento. Porém, segundo José Roca, curador geral, ao se tomar partido da utilização do Cubo Branco, nega-se a possibilidade de um diálogo entre as obras. "O propósito de qualquer curadoria é incentivar estes diálogos, e o da museografia, permiti-los", afirma.





A partir da procura de um **equilíbrio entre a assepsia total e o excesso de interferências**, o Projeto Museográfico utiliza-se do espaço e da pouca luminosidade dos galpões do Cais do Porto como uma estratégia de isolar uma obra da outra. Em outros casos, pequenas intervenções são construídas: “O diálogo com os artistas determina o quanto é suficiente, qual é o mínimo”, declara Roca.

A **sustentabilidade** também guia as definições do projeto: o polimento de superfícies só é feito para receber obras ou projeções, exteriores de paredes e recintos são deixados sem acabamento ou pintura, e a utilização de materiais simples e baratos, mas com tratamento técnico impecável, fazem parte das execuções da Museografia.



Equipe curatorial – perfis

José Roca - curador-geral

Nasceu em Barranquilla, Colômbia, em 1962. Trabalha entre Bogotá (Colômbia) e a Filadélfia (EUA). Formado em arquitetura (Universidad Nacional de Colômbia) com especialização em Estudos Críticos (Whitney Independent Study Program, New York) e mestrado em Design e Gestão de Edificações Culturais (Ecole d'Architecture Paris-Villemin). Dirigiu o programa artístico do Banco de La República em Bogotá; foi cocurador da *I Trienal Poli/gráfica em San Juan* (Puerto Rico, 2004), da *27ª Bienal de São Paulo* (Brasil, 2006), do *Encuentro de Medellín MDE07* (2007) e da *Cart[ajena]* (2007). Participou do Júri da *52ª Bienal de Veneza* (2007). Em 2011, realizou a curadoria da exposição *Mil e Um Dias e Outros Enigmas*, da artista Regina Silveira na Fundação Iberê Camargo, em Porto Alegre, e a exposição *Muntadas: informação»espaço»controle*, na Pinacoteca do Estado de São Paulo, ambas no Brasil; além de *Välparaíso: Intervenções* (Chile, 2010); *Outras Floras*, na Galeria Nara Roesler, em São Paulo (2008) e *Botânica Política* (Espanha, 2004), entre outras. Atualmente, é diretor artístico da *Philagrafika 2010* (Filadélfia/EUA).

Aracy Amaral – curadora convidada

Nasceu em São Paulo, Brasil, em 1930, onde vive e trabalha. Foi diretora da Pinacoteca do Estado de São Paulo e do Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo. Titular em História da Arte na Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da USP até 1990. Curadora de diversas exposições no Brasil e América Latina, membro do Comitê Internacional de Premiação do Prince Claus Fund (Haia/Holanda) entre 2002 e 2005, e coordenadora do projeto *Rumos do Itaú Cultural*, de 2005 a 2006. Em 2009, foi curadora de exposição na *Trienal de Santiago*, Chile. Recebeu o John Simon Guggenheim Fellowship, entre outros prêmios, e é autora de inúmeros livros publicados sobre o modernismo no Brasil, arte latino-americana e arte contemporânea brasileira, além de ter organizado antologias sobre arte brasileira e da América Latina.

Pablo Helguera – curador pedagógico

Nasceu na Cidade do México em 1971. Vive e trabalha em Nova York, EUA. É artista visual e educador. Sua atuação como educador está diretamente relacionada ao seu trabalho como artista, refletindo sobre questões de interpretação, diálogo e o papel da cultura contemporânea no mundo globalizado. Foi chefe de programas públicos no Departamento de Educação do Museu Guggenheim, em Nova York (1998-2005), onde organizou cerca de 500 eventos e 30 exposições. Desde 2007, é diretor do *Adult and Academic Program* no *Museum of Modern Art – MoMA* (Nova York). Em 2008, foi premiado com o John Simon Guggenheim Fellowship e também recebeu o Creative Capital Grant, em 2006, entre outros prêmios. É autor de oito livros que incluem

temas de museologia, performance e educação. Recentemente recebeu o primeiro Prêmio Internacional de Arte Participativa, na região de Emilia-Romagna, na Itália.

Alexia Tala – curadora adjunta

Nasceu em Santiago, Chile, em 1966, onde vive e trabalha. Mestre em Artes pelo Camberwell College of Arts; atua como professora-convidada em instituições de arte da Inglaterra. Foi cocuradora da primeira *Bienal de Performance Deformes* (Chile, 2006) e do Museum Man na mostra *Historia de la Desaparición* (arquivos Franklin Furnace - Centro Cultural Palacio La Moneda, Chile, 2007) e curadora do *Focus Brasil* no Chile (2010). Escreve para revistas de arte na Inglaterra e é autora da publicação *Installations and Experimental Printmaking* (Reino Unido, 2009). Em sua pesquisa sobre artistas contemporâneos, que utilizam técnicas experimentais de gravura para criar instalações, revelou um movimento em rápida expansão na Inglaterra e no resto do mundo.

Cauê Alves – curador adjunto

Nasceu em São Paulo, Brasil, em 1977, onde vive e trabalha. Curador e professor do curso *Arte: história, crítica e curadoria*, da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. É mestre e doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo e curador do *Clube de Gravura* do Museu de Arte Moderna de São Paulo. Foi membro do Conselho Consultivo de Artes do MAM-SP (2005-2007) e realizou, entre outras curadorias, *MAM[na]OCA: arte brasileira do acervo do Museu de Arte Moderna de São Paulo* (2006), a mostra *Quase Líquido*, Itaú Cultural (2008), *Da Estrutura ao Tempo: Hélio Oiticica*, no Instituto de Arte Contemporânea (2009) e *Mira Schendel: avesso do avesso* (2010), também no IAC. É um dos curadores do próximo *Panorama da Arte Brasileira* do MAM (2011).

Paola Santoscoy – curadora adjunta

Nasceu na Cidade do México, em 1974, onde vive e trabalha. É curadora da *I Bienal de las Américas*, em Denver (EUA), intitulada “La Naturaleza de las Cosas”. Foi curadora em diferentes espaços expositivos da Cidade do México: La Panadería (2000-2001), Museo de Arte Carrillo Gil (2001-2003) e Museo Tamayo Arte Contemporâneo (2004-2007). Em 2005, junto com Willy Kautz e Sebastian Romo, iniciou o projeto curatorial *111 (un día, un artista, una obra)*. Alguns de seus projetos de exibição incluem: *Xilitla - Un proyecto de Melanie Smith y Rafael Ortega* (2010), *Asterismo - Artistas radicados en Berlin* (2006), *Jesús Rafael Soto, Visión en Movimiento* (cocurada com Tatiana Cuevas, 2005); *Outside In, Robin Minard* (2006), *Todo va a estar bien* (2004). Realizou ensaios e projetos curatoriais para instituições internacionais como Künstlerhaus Bethanien (Alemanha), Fundación Proa (Argentina), GAMEC (Itália) y Piano Nobile (Suíça) e colabora periodicamente com publicações de arte contemporânea. Em 2007 e 2008, exerceu a função de curadora da seção *Solo Projects* na Arco (Espanha).

Fernanda Albuquerque – curadora assistente

Nasceu no Rio de Janeiro, em 1978. Vive e trabalha em Porto Alegre. Jornalista, curadora e crítica de arte, é mestre e doutoranda em História, Teoria e Crítica de Arte pela UFRGS. Foi curadora de artes visuais do Centro Cultural São Paulo - CCSP (2008-2010); atuou no Projeto Educativo da 29ª *Bienal de São Paulo* (2010), no grupo de crítica de arte do Paço das Artes (2007, 2008 e 2010) e no Instituto Tomie Ohtake, na área de cursos e publicações educativas (2006-2010). Em 2009, participou do programa *Courants du Monde*, na França. Como curadora, realizou as exposições: *Horizonte de eventos* (2010), na Fundação Ecarta, Porto Alegre; *Dois pontos* (2010), no Museu Murillo La Greca, Recife; *Sinais de fumaça* (2009) e *Passagens secretas* (2008), no CCSP, São Paulo; e *Campo coletivo* (2008), no Centro Universitário Maria Antonia, São Paulo. Em 2010, foi uma das ganhadoras do Prêmio *Estudos e Pesquisas sobre arte e economia da arte no Brasil*, oferecido pela Fundação Bienal de São Paulo.



Artistas (por ordem alfabética)

Artista	País	Mostra/ação
Alberto Lastreto	Argentina	Geopoéticas
Alicia Herrero	Argentina	Geopoéticas
André Komatsu	Brasil	Geopoéticas
Angela Detanico & Rafael Lain	Brasil	Geopoéticas
Anna Bella Geiger	Brasil	Geopoéticas
Atelier Subterrânea	Brasil	Continentes
Barthélémy Toguo	Camarões	Geopoéticas
Batiscafo	Cuba	Continentes
Beatriz Santiago Muñoz	Porto Rico	Cadernos de Viagem
Bernardo Oyarzún	Chile	Cadernos de Viagem
Cao Guimarães	Brasil	Além Fronteiras
Carlos Pasquetti	Brasil	Além Fronteiras
Carlos Vergara	Brasil	Além Fronteiras
Center for Land Use Interpretation	EUA	Geopoéticas
ceroinspiración	Equador	Continentes
Coco Fusco	EUA	Geopoéticas
Cristina Lucas	Espanha	Geopoéticas
Daniel Acosta	Brasil	Casa M - Intervenções
Diablo Rosso	Panamá	Continentes
Donna Conlon & Jonathan Harker	EUA	Geopoéticas
Duke Riley	EUA	Geopoéticas (ZAP)
Egardo Aragón	México	Geopoéticas
Eduardo Abaroa	México	Geopoéticas
Elida Tessler	Brasil	Cidade Não Vista
Emmanuel Nassar	Brasil	Geopoéticas
Eugenio Dittborn	Chile	Eugenio Dittborn
Fabio Morais	Brasil	Geopoéticas
Felipe Cohen	Brasil	Além Fronteiras
Fernando Bryce	Peru	Geopoéticas
Fernando Limberger	Brasil	Casa M - Intervenções
Flavia Gandolfo	Peru	Geopoéticas
Francis Alÿs	Bélgica	Geopoéticas
Gal Weinstein	Israel	Além Fronteiras
Glaucis de Morais	Brasil	Casa M - Vitrine
Guilherme Peters	Brasil	Geopoéticas
Helene Sacco	Brasil	Casa M - Vitrine





Irene Kopelman	Argentina	Além Fronteiras
Irwin / NSK	Eslovênia	Geopoéticas (ZAP)
Iván Candeco	Venezuela	Geopoéticas
Javier & Erika	Paraguai	Geopoéticas
Jean-François Boclé	França	Geopoéticas
João Genaro	Brasil	Casa M - Vitrine
Jon Rubin & Dawn Weleski	EUA	Geopoéticas
Jonathan Harker	EUA	Geopoéticas
José Alejandro Restrepo	Colômbia	Além Fronteiras
José Toirac e Meira Marrero	Cuba	Geopoéticas
Juan Manuel Echavarría	Colômbia	Geopoéticas
Kajsa Dahlberg	Suécia	Geopoéticas
Khaled Hafez	Egito	Geopoéticas
KIOSKO galeria	Bolívia	Continentes
Lais Myrrha	Brasil	Geopoéticas
Leslie Shows	EUA	Geopoéticas
Lucia Koch	Brasil	Além Fronteiras
Lucía Madriz	Costa Rica	Geopoéticas
lugar a dudas	Colômbia	Continentes
Luis Gárciga	Cuba	Geopoéticas
Luis Romero	Venezuela	Geopoéticas
Manuela Ribadeneira	Equador	Geopoéticas
Marcelo Cidade	Brasil	Geopoéticas
Marcelo Moscheta	Brasil	Cadernos de Viagem
Marcus Galan	Brasil	Geopoéticas
Marcos Sari	Brasil	Cadernos de Viagem
María Elvira Escallón	Colômbia	Cadernos de Viagem
María Teresa Ponce	Equador	Geopoéticas
Marina Camargo	Brasil	Além Fronteiras
Mark Lombardi	EUA	Geopoéticas
Marlon de Azambuja	Brasil	Cidade Não Vista
Mateo López	Colômbia	Cadernos de Viagem
Mayana Redin	Brasil	Geopoéticas
Melanie Smith / Rafael Ortega	México	Geopoéticas
Miguel Angel Rios	Argentina	Geopoéticas
Miguel Luciano	Porto Rico	Geopoéticas
NAVI – Núcleo de Artes Visuais	Brasil	Continentes
Nick Rands	Inglaterra	Cadernos de Viagem
Oliver Kochta-Kalleinen & Telervo Kalleinen	Finlândia	Cadernos de Viagem
Oswaldo Maciá	Colômbia	Cidade Não Vista





Pablo Bronstein	Argentina	Geopoéticas
Paco Cao	Espanha	Geopoéticas
Paola Parcerisa	Paraguai	Geopoéticas
Paulo Climachauska	Brasil	Geopoéticas
Paulo Vivacqua	Brasil	Cidade Não Vista
Pedro Palhares	Brasil	Cidade Não Vista
Planta Alta	Paraguai	Continentes
Raquel Garbelotti	Brasil	Geopoéticas (ZAP)
Regina Silveira	Brasil	Geopoéticas
Rogério Severo	Brasil	Casa M - Vitrine
Rommulo Conceição	Brasil	Casa M - Vitrine
Sala Dobradiça	Brasil	Continentes
Sanna Kannisto	Finlândia	Geopoéticas
Santiago Sierra	Espanha	Cidade Não Vista
Sealand	Sealand	Geopoéticas (ZAP)
Sebastian Romo	México	Cadernos de Viagem
Slavs and Tatars	Bélgica, Rússia e Inglaterra	Geopoéticas (ZAP)
Tatzu Nishi	Japão	Cidade Não Vista
Tiago Giora	Brasil	Casa M - Vitrine
Torolab / Raúl Cárdenas	México	Geopoéticas (ZAP)
Uriel Orlow	Suíça	Geopoéticas
Valeska Soares & O Grivo	Brasil	Cidade Não Vista
Vitor Cesar	Brasil	Cidade Não Vista e Casa M - Intervenções
Viviane Pasqual	Brasil	Casa M - Vitrine
Voluspa Jarpa	Chile	Geopoéticas
Yanagi Yukinori	Japão	Geopoéticas
Yasmín Hage	Guatemala	Geopoéticas
Ykon	Finlândia	Geopoéticas
YOUNG-HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES	Coreia do Sul	Geopoéticas



Perfis dos artistas

Alberto Lastreto

Buenos Aires, Argentina, 1951. Vive em Montevideú, Uruguai.

Talvez como consequência lógica dos deslocamentos geográficos experimentados ao longo de sua vida – Argentina, Cuba, Estados Unidos e Uruguai – e de seu trabalho inicial com fotografias, unido à ilusão de tempo e movimento gerada pela manipulação delas – influência de Eadweard Muybridge, artista de fins do século XIX – Lastreto começa a desenvolver obras em formato de vídeo. Valendo-se de operações similares, articula seus vídeos com imagens fotográficas encontradas ou tomadas como referência que servem ao seu propósito final. Assim, com manipulações digitais, vai armando os fotogramas de suas animações. Na sua temática abundam as referências à história política e à memória, utilizando, em parte, emblemas das nações, como um hino nacional ou imagens que aludem às histórias nacionais. Suas obras parecem não responder necessariamente a nações específicas, mas, sim, a um conceito generalizado, onde qualquer um poderia assumir esses referentes como próprios ou como uma busca da nação de todos os lugares e, ao mesmo tempo, de nenhum. **El prócer** [O herói] (2008): A partir de uma fotografia encontrada em Nova York, Lastreto realiza esta videoanimação que mostra a trajetória de um líder – desconhecido – por diferentes pedestais, colocando-o em diversas paisagens e situações ao som de uma marcha libertadora argentina. O anonimato da personagem permite supor que o herói pertence a qualquer história de qualquer nação.

Alicia Herrero

Argentina. Vive em Buenos Aires, Argentina.

Os projetos de Alicia Herrero – que geralmente consistem em experimentações em diversos meios, como publicações, encontros, instalações, arquivos e vídeos – utilizam os recursos da arte conceitual e da linguagem para questionar tanto os limites da arte como as contradições do papel que tem a cultura no capitalismo. Herrero indaga constantemente temas como a economia da arte, a relação entre a arte e o público e o papel do intelectual e da instituição na construção do conhecimento. A artista elabora suas propostas através de cuidadosas reflexões teóricas, que se manifestam como teses ao interagir com os espectadores, participantes, ou leitores de seus vários projetos. Herrero, ora através de um evento hibridizando o teatro, o evento teórico e o programa televisivo, ora em uma série de ações em uma casa de leilões, e aproveitando uma série de ferramentas que provêm da comunicação e da pedagogia, incita seus interlocutores a reconhecerem as problemáticas das estruturas políticas, econômicas e sociais que os envolvem e a participarem em diálogos ou em ações que levem a uma conscientização coletiva sobre eles.

Para a 8ª Bienal do Mercosul, Herrero apresenta um projeto multidisciplinar que consiste em uma série de viagens através dos diversos rios da América do Sul. A artista considera esse projeto um “romance navegado”, no qual se equipara o processo do transcurso do rio com o próprio processo da escrita. O título do projeto, ***El viaje Revolucionário***, inspira-se nos lendários diários de viagem de Ernesto Guevara, antes de converter-se no “Che”, que transitou pelos diversos cantos da América do Sul e descreveu, segundo Herrero, “o fictício das incertas e ilusórias nacionalidades da América”. No transcurso dessas viagens, realizadas de barco, lancha, ou barcaça, Herrero convida ao diálogo vários protagonistas, que, através de diferentes estruturas, compartilham suas reflexões em torno da cultura local. Nesse projeto, Herrero combina o rigor estrutural do romance, os elementos imprevisíveis dos rios e as conversas com os membros de comunidades que vão emergindo no seu caminho. <http://www.aliciaherrero.com.ar/>

André Komatsu

São Paulo, Brasil, 1979. Vive em São Paulo.

André Komatsu trabalha com instalações, vídeos, ações, elementos arquitetônicos como *dry wall*, além de uma série de projetos de intervenções em espaços públicos e privados. Realizou registros de deambulações no espaço urbano com olhos fechados e seguindo coordenadas de uma bússola rumo ao oeste, em direção ao sol, até que algum obstáculo da cidade interrompesse seu caminho. Seus trabalhos discutem a relação entre áreas internas e externas de galerias e instituições. É recorrente em sua trajetória a problematização dos limites entre dentro e fora. Um de seus projetos convidava os visitantes a demarcar território urinando num canteiro de areia dentro da mostra. Levou para o espaço expositivo as cinzas da estrutura de uma casa que construiu e ateou fogo, numa espécie de *performance* que tratou da relação entre tempo, espaço e ação. Entre suas operações está a desconstrução e reconstrução de edificações a partir de madeiras descartadas pela construção civil. O artista discute as fronteiras e os mecanismos de vigilância de territórios com *bunkers* e guaritas. Se valendo de fragmentos da arquitetura, aborda conflitos e vestígios de uma guerra cotidiana, silenciosa e surda.

Um dos projetos do artista para a 8ª Bienal do Mercosul é um mastro de bandeira com um par de velhos tênis pendurados. Jogar sapatos usados nos fios elétricos urbanos é uma prática antiga e bastante comum nas periferias das grandes cidades brasileiras. Há algo de misterioso nesse gesto, como se fosse uma espécie de demarcação de território e sinal para consumidores de drogas. No mastro, é como se esse ato banal adquirisse um *status* mais nobre, os tênis pendurados pelos cadarços tornam-se emblemas da nação e elementos simbólicos da vida social do país. Participou da 7ª Bienal do Mercosul, no Projeto Editorial.

Angela Detanico / Rafael Lain

Caxias do Sul, Brasil, 1974 / Caxias do Sul, Brasil, 1973. Vivem entre São Paulo, Brasil, e Paris, França.

Angela Detanico e Rafael Lain utilizam o design e a tipografia para desenvolver sistemas de escrita – ou de compreensão e organização do mundo. A arbitrariedade de mecanismos de representação como alfabetos e cartografias e o fato de eles sempre envolverem uma interpretação da realidade estão na base de suas criações. Exemplo disso é *O mundo justificado...* (2004), em que os artistas redesenham o mapa-múndi com linhas gráficas diagramadas como um texto: justificadas, alinhadas à esquerda, centralizadas e alinhadas à direita. Ao sugerir diferentes conformações geopolíticas, o trabalho evidencia o caráter arbitrário desse sistema de notação, que não apenas representa o mundo, mas o recria, redefinindo o que é centro, periferia, norte, sul, etc. Uma das obras mais conhecidas da dupla é a fonte Utopia (2001/2003), que combina elementos da arquitetura moderna de Oscar Niemeyer – letras maiúsculas – a exemplos da ocupação informal das cidades brasileiras – letras minúsculas. A tipografia cria paisagens urbanas caóticas, que apontam não só para a fragilidade do projeto moderno, mas para as profundas diferenças e tensões que compõem um cenário em constante reconfiguração.

Em *Sol médio* (Cruzeiro do Sul) (2011) os artistas criam um sistema de representação de um dos símbolos mais conhecidos do hemisfério meridional: a constelação que permite identificar o polo sul. Quatro pirâmides distribuem-se no espaço, seguindo o desenho do Cruzeiro do Sul. Por meio de um jogo de projeções, vemos a suposta incidência do sol sobre a paisagem e os efeitos de luz e sombra gerados ao longo do dia, de acordo com a posição de cada objeto.
<http://www.detanicolain.com.br/>

Anna Bella Geiger

Rio de Janeiro, Brasil, 1933. Vive no Rio de Janeiro.

Marcada pela diversidade de linguagens, a obra de Anna Bella Geiger transita pela pintura, desenho, gravura, fotografia, vídeo, xerox e publicações. A pluralidade de suportes, interesses, procedimentos e materiais talvez seja uma das principais características de seu trabalho, que começou a se desenvolver nos anos 1950 sob o signo do abstracionismo informal, passando à chamada “fase visceral” na década seguinte, com formas aludindo a órgãos humanos em representações fragmentadas do corpo. O questionamento sobre a natureza e o papel da arte marcou sua produção nos anos 1970, de forte caráter experimental. O lugar do Brasil e da América Latina no mundo, a formação de um circuito de arte no país, a crítica a uma ideia de brasilidade ou identidade nacional são alguns dos temas que alimentam a obra da artista no período e a levam a utilizar a cartografia como recurso para problematizar a pretensa correspondência entre fronteiras

geográficas e territórios culturais. Entre a representação e a camuflagem, seus mapas apresentam-se como esboços ou esquemas de um planeta estruturado não só por meridianos e paralelos, mas por complexas relações de poder.

Encontram-se na mostra Geopoéticas os livros da artista **O novo atlas 1** (1977), **A cor na arte** (1976) e a série de mapas **Variáveis** (1977/2010). Como em outros trabalhos da década, o uso de técnicas variadas, como xerox, colagem, serigrafia e costura, e a presença marcante da palavra, são aspectos centrais, apontando tanto para os discursos e leituras que alimentam as representações territoriais quanto para a constante reordenação simbólica que as caracteriza. Participou da 1ª Bienal do Mercosul, na mostra Vertente Cartográfica.
<http://www.annabelleageiger.com/>

Barthélémy Toguo

Mbalmayo, Camarões, 1967. Vive em Paris, França, e Bandjoun, Camarões.

Barthélémy Toguo trabalha com diversos meios, como o desenho, a gravura, a escultura, a instalação, a *performance* e o ativismo social. Sua obra aborda temas como a migração e as fricções culturais, produtos da geopolítica e das identidades múltiplas e fraturadas. O marcado corte político de seu trabalho é mediado por uma deliciosa sensibilidade poética, expressa em delicados desenhos em aquarela, imagens sensuais e oníricas de fragmentos de corpos, plantas e animais combinados livremente. Suas instalações incorporam uma grande quantidade de objetos, desenhos e vídeos sem uma ordem lógica, convidando o espectador a uma imersão que incentiva a associação livre e o gozo visual e sensorial. O fazer manual é evidente em seus desenhos, aquarelas e talhas em madeira, deixando presente sua materialidade dentro de conjuntos mais conceituais, um comentário irônico a respeito das expectativas culturais acerca do objetual/Africano e do conceitual/Europeu.

The New World climax (2001/2011) é uma instalação com enormes carimbos de madeira feitos a partir de troncos talhados, empilhados sobre uma mesa. Nos painéis, há impressões xilográficas de cada um deles. A obra referencia o humilhante processo de autorização de visto e imigração a que estão sujeitos os cidadãos de muitos países do chamado Terceiro Mundo. Os carimbos têm a forma e a materialidade das talhas típicas africanas que os turistas costumam comprar como *souvenirs*. As imagens estão inspiradas nas marcas que Toguo tem em seu passaporte e incluem carimbos de imigração de cidades ou países onde foi aceito ou rejeitado. <http://www.barthelemytoguo.com>

Beatriz Santiago Muñoz

São João, Porto Rico, 1972. Vive em São João.

Beatriz Santiago Muñoz não realiza documentários de comunidades específicas, embora seu processo comece com a observação e culmine em um vídeo ou em uma instalação de novos meios, aos poucos vamos percebendo que, na realidade, ela vai transitando entre os conflitos sociais e políticos, entre histórias reais e soluções fictícias. Assim, a artista vai montando suas obras com as interações causadas pelas vivências na comunidade e as problemáticas que se manifestam dentro dela. Sua aproximação com uma prática de antropologia visual é compreendida de maneira ampla a partir dessa interação, que se enquadra na proposta de sistemas de comunicação, gerando um mapa de conexões que vai documentando e projetando para sua obra. Desses nexos com a antropologia e a etnografia, ela articula sua obra através de filmagens e experimentos cinematográficos, nos quais as personagens envolvidas são pessoas reais, que, sem roteiro ou estrutura predeterminada, improvisam situações que são fruto de sua interação com a artista. O resultado é uma proposta audiovisual que faz a ficção de micromundos a partir do olhar da artista.

A viagem para a cidade de Caxias do Sul realizada por Santiago focou-se na gravação dos horários de final de expediente de mega empresas da cidade, em dois turnos, na tarde e na madrugada. O vídeo, sem som, foi projetado no dia da abertura da mostra, em Caxias do Sul, no Centro Cultural Ordovás Filho, onde um grupo de músicos locais respondeu espontaneamente às imagens, criando, assim, a trilha sonora que hoje acompanha a obra. <http://fabricainutil.com/>

Bernardo Oyarzún

Los Muermos, Chile, 1963. Vive em Santiago, Chile.

Bernardo Oyarzún pesquisou, ao longo de sua produção artística, diversos tópicos que o vinculam fortemente com suas raízes e com o entorno latino-americano. Seu trabalho institui-se a partir de uma análise estética, identitária e ecológica dos referentes próximos que o marcaram durante sua própria biografia. Nascido no sul do Chile e proveniente de uma família de etnia mapuche, este artista pôs em crise sua origem chileno-mestiça, questionando a própria identidade em relação aos cânones sociais, políticos e estéticos, que imperam no mercado de consumo. Sua obra é baseada, assim, na análise antropológica da raça, da sociedade e da autoexposição como resultado exploratório de um americanismo vivido na própria carne. Temas como beleza/feiura, aceitação/rejeição e estereótipo encontraram visualidade através da instalação, da fotografia e do vídeo. Sua imagem como representação de indigenismo aparece recorrentemente em várias de suas obras, não sendo estranho se deparar com a fotografia retocada de Oyarzún ao estilo de um modelo publicitário (*Cosmética*, 2008); ou com centenas de pequenos bonecos que o retratam; ou,

ainda, diante de uma figura de cera no tamanho real do artista com um *collage* de fotos biográficas de fundo (*Fetichê*, 2006).

A obra de Oyarzún é o resultado da convivência na aldeia de Koenju, da etnia mbyáguaraní, onde o artista acampou durante quatorze dias e trabalhou em colaboração com seus habitantes, baseado nos seus traços de identidade, na sua organização social e em suas crenças mitológicas comunitárias. Uma mostra do processo criativo do artista realizou-se durante o mês de maio na Sacristia da Ruína da Igreja de São Miguel Arcanjo.

Carlos Pasquetti

Bento Gonçalves, Brasil, 1948. Vive em Porto Alegre, Brasil.

Pertencente a uma geração eminentemente experimental, dos anos 1970, Pasquetti tornou-se conhecido por seus desenhos, Super-8 e fotografias seriais dessa década, contendo alusões diretas ou ambíguas à situação de exceção em que se vivia à época, em que se falava por meias palavras ou códigos a grupos extremamente reduzidos de interessados nesse tipo de trabalho. O artista tem realizado obras ambientais e instalações que remetem de forma poética à agilidade do expor e do levar, ou a uma visualidade plena de signos enigmáticos que cultivou ao longo dos anos. Personaliza, ao mesmo tempo, com sua obra, uma trajetória apoiada no universo limítrofe entre a pintura e objetos tridimensionais, questionando sempre o “conteúdo móvel”, como diz ele, assim como “a ideia da ação e o deslocamento do próprio trabalho e sua inserção em espaços e situações”.

Dois momentos na produção de Pasquetti estão representados neste evento: registros de suas experimentações na turbulenta década de 1970, período em que se utilizava igualmente de fotografia e Super-8; ao mesmo tempo, uma instalação desse período, até agora inédita como tal, será apresentada ao lado de um trabalho tridimensional, uma de suas mais recentes especulações visuais. Participou da 5ª Bienal do Mercosul, no vetor A Persistência da Pintura - Núcleo Contemporâneo.

Carlos Vergara

Santa Maria, Brasil, 1941. Vive no Rio de Janeiro, Brasil.

Pertencente a uma geração que se inicia nas artes visuais na década de 1960, Vergara tem sua primeira produção marcada por individuais e participações em mostras hoje antológicas, como *Opinião 65* e *Opinião 66*, no Rio de Janeiro. Nesse período, sua figuração sempre foi crítica, baseada, sobretudo, na temática urbana, claramente inspirada no momento social e político vivenciado pelo país. O interesse pela experimentação com materiais novos, como o poliestireno



e/ou o acrílico moldados, já caracterizavam sua pintura, ao mesmo tempo em que realizava instalações. A partir da década de 1970, a fotografia ocupa espaço cada vez maior em suas criações, atentas ao fascínio de eventos como o Carnaval; e, aos poucos, monotípias e pinturas combinadas comparecem de maneira constante numa produção que não descarta novas experimentações. Seus deslocamentos com o olhar do viajante sensível e criativo resultam em trabalhos com novos suportes – como o acrílico, o tecido e o vidro –, com pigmentos que oferecem rastros visuais poderosos em que “acaso e intenção caminham irmanados” (Luiz Camillo Osório).

Em seu fascínio pela região das Missões jesuíticas, independente de limitações fronteiriças, Vergara apresenta uma “conversação” entre imagem “magnificada” de peça de pequena dimensão, usualmente oferecida em estradas ou ruas de cidades sulinas e do Paraguai (manufaturadas em madeira balsa com detalhes em pirogravura sobre sua superfície) e monotípias. Estas são realizadas como registros de rastros de um tempo memorial. Participou da 1ª Bienal do Mercosul, na Vertente Cartográfica, e da 5ª Bienal do Mercosul, no Vetor A Persistência da Pintura - Núcleo Contemporâneo. <http://www.carlosvergara.art.br/novo/pt/>

Cao Guimarães

Belo Horizonte, Brasil, 1965. Vive em Belo Horizonte.

Solicitado constantemente e movimentando-se com igual desenvoltura pelas áreas de artes visuais, cinema e vídeo, Cao Guimarães expõe sempre algo de tocante afetividade em seus trabalhos. Seja por sua observação e captação emotiva de pequenos acontecimentos corriqueiros e cotidianos, seja por sua absorção de reações, sensibilidades e características próprias do comportamento anônimo, ou do fazer artesanal, sempre desprovido de qualquer intenção de *popularismo* – como diria o crítico Mário Schenberg – e por natural comunhão visual com os personagens e situações focalizados. Assim, sua universalidade a partir de imagens e pequenos episódios, criados ou encontrados pelo artista, se registram no recolhimento de fotos de *Gambiarra* (2008) ou em longas e curta-metragens, como em *Rua de mão dupla* (2002), no ermitão de *A alma do osso* (2004), em *Andarilho* (2006) e em *Da janela do meu quarto* (2004). E, mais recentemente, no enigmático e poético, e premiado, longa *Ex-isto* (2010), baseado em texto de Paulo Leminski.

Fotografias e vídeos marcam a presença de Cao Guimarães nesta Bienal. Suas perambulações pelos pampas rio-grandenses e uruguaios fixaram a temática do homem do campo, em seus encontros e recreações. E captam, comunicando, ao mesmo tempo, a certeza da melancolia que perspira nos espaços públicos, plenos de “desolação e vazio”, em pequenas cidades semiadormecidas da região. Participou da 7ª Bienal do Mercosul, no programa Radiovisual – projeto *Ao redor de 4'33"*. http://www.caoguimaraes.com/page2/principal_new.php





Center for Land Use Interpretation

Fundado e com sede em Los Angeles, Califórnia, 1994

O Center for Land Use Interpretation (CLUI) opera nas margens de uma série de disciplinas. Constituído por um grupo de indivíduos que oscilam entre o estudo da geografia, da geopolítica, da geologia e da arte, o CLUI realiza exposições, programação educativa e publicações desde 1994, com o fim de gerar maior entendimento sobre o tipo de interação humana com a superfície terrestre e a maneira como ela se modifica através de nosso uso. O CLUI, na sua apresentação, menciona: “acreditamos que a paisagem feita pelo homem é uma inscrição cultural que pode ser interpretada para melhor entender quem somos e o que estamos fazendo”.

Afastando-se das estratégias convencionais dos grupos de conservação ou ecológicos, o CLUI se autodenomina como uma organização de pesquisa que utiliza as vias da arte para apresentar os problemas que lhe dizem respeito em relação à paisagem contemporânea.

Para esta Bienal, o CLUI apresenta uma instalação intitulada **Última Thule**, que documenta a base militar norte-americana mais ao norte do planeta, localizada na Groenlândia e estabelecida durante a Guerra Fria. Nas palavras de CLUI, “Thule está à beira da comunicação, da percepção e da imaginação”. <http://www.clui.org/>

Coco Fusco

Nova Iorque, 1960. Vive em Brooklyn, NY.

Coco Fusco é uma artista norte-americana, filha de pais de origem cubana e italiana, cuja obra expande-se da escrita e do ensaio até o vídeo e a *performance*. Começou a trabalhar em 1988, produzindo obras que se inseriam diretamente no debate dos temas identitários inspirados pelo feminismo, pela arte política e pela crítica institucional. Desde esse momento, Fusco vem utilizando a ficção como uma estratégia para incitar o espectador a refletir sobre temas de gênero e raça, bem como sobre noções de dominação entre indivíduos ou nações. Em seu filme *Operación Atropos* [Operação Atropos] (2006), a artista pesquisa a psicologia do interrogatório aplicado em prisioneiros militares, submetendo várias mulheres voluntárias a esse processo. Ao longo de sua carreira, Fusco vem mantendo um interesse na tecnologia interativa, a qual incorporou em vários projetos *online*. Sua influência como artista foi complementada com seu ativo papel como educadora e acadêmica no âmbito da multimídia e da *performance*.

A obra de Fusco **Els segadors** [Os ceifadores] faz uma reflexão acerca das mudanças demográficas na cidade de Barcelona, Espanha, e questiona o que é a identidade local. No ano de 2001 iniciaram-se grandes tensões em torno da imigração nessa cidade, que é a capital da Catalunha e onde se fala, primordialmente, o catalão. À época, a imprensa espanhola debatia se o



hino catalão, “Els Segadors”, deveria ser ensinado nas escolas públicas. Durante esse debate, a esposa do então governador da Catalunha, Jordi Pujol, expressou opiniões xenófobas em referência aos filhos de imigrantes, sobre como eles ameaçavam a cultura local ao não falar o catalão. Na primavera daquele ano, Fusco colocou anúncios em jornais de Barcelona procurando atores e atrizes que pudessem cantar canções catalãs tradicionais e que pudessem participar em um filme norte-americano, mostrando sua identidade catalã. Fusco informou aos participantes que, se necessitavam ajuda com seu sotaque catalão, lhes seria ensinado o hino “Els Segadors”.
<http://www.thing.net/~cocofusco/>

Cristina Lucas

Jaén, Espanha, 1973. Vive em Madri, Espanha, e na Holanda.

Seu trabalho aborda a questão do poder – religioso, político ou patriarcal – sob diversas perspectivas, utilizando o humor como uma estratégia para nunca cair na denúncia nem no panfleto e efetuando sua crítica a partir de uma posição feminista. Várias de suas obras referem-se a questões de nação, em particular à cartografia e sua relação com a economia, a autonomia política e a diferença. Cristina Lucas singulariza elementos nos quais se articulam os sistemas ideológicos das sociedades ocidentais, como os mapas (que ela descreve como “desenhos feitos pela história”), os monumentos ou a grande pintura, evidenciando os vieses ideológicos latentes nas sociedades que produzem esses artefatos culturais. No seu trabalho cartográfico, Lucas propõe um atlas alternativo do mundo, que corresponderia mais à forma como se estruturam as relações sociais do que à tradicional divisão política expressa em fronteiras abstratas que definem autonomias políticas. Nesse sentido, a artista afirmou: “Tento criar um mapa indefinido de lacunas das estruturas existentes no poder, na educação e na arte”.

La liberté raisonnée (2009) é uma encenação, um *tableau vivant* a partir do arquétipo da pintura histórica e da alegoria da república, a *Liberdade guiando o povo* (1830), de Eugène Delacroix. A imagem de grande dramatismo sugere um destino fatal para a liberdade no devir histórico de todo sistema político. Em ***Light years*** (2009/2010) vão aparecendo manchas brancas em um fundo negro até que o espectador percebe que se trata de países que, aos poucos, vão conformando continentes. Este grande mapa do mundo vai cartografando os momentos em que homens e mulheres foram obtendo acesso ao voto e quando, em um determinado país, se conquistou o sufrágio universal.

Daniel Acosta

Rio Grande, Brasil, 1965. Vive em Pelotas, Brasil.

Entre objetos e lugares, cômodos e mobiliários, os espaços criados por Daniel Acosta oferecem o que o artista chama de “disponibilidade multifuncional”. Marcadamente distintos dos contextos em que se inserem – da praia à cidade, passando por museus e galerias – eles parecem se camuflar, senão visual, ao menos funcionalmente a esses locais. Dependendo das características e dos usos do lugar, podem figurar como ponto de encontro, espaço de leitura, área de descanso, ambiente de trabalho, local de conversa, entre outras possibilidades. Tais trabalhos têm suas origens nas “paisagens portáteis” do início dos anos 2000, que também se apresentavam como híbridos entre objetos e lugares. Plástico, fórmica e lâmpadas fluorescentes criavam ambientes assépticos e impessoais. Ao embaralhar um sem-número de referências arquitetônicas – cabines, elevadores, quiosques, piscinas –, pareciam-se com quase tudo e, ao mesmo tempo, com praticamente nada. Como nas obras mais recentes, o que estava em jogo era desafiar nossa percepção a escapar dos registros que habitualmente informam a decodificação do mundo e rapidamente articulam aparências e funções, materiais e lugares, imagens e significados.

A chamada *disponibilidade multifuncional* também está presente na peça desenvolvida para abrigar a coleção de livros e revistas de arte do Núcleo de Documentação e Pesquisa da Fundação Bienal. Entre um objeto e um lugar, o trabalho marca a entrada da sala de leitura e organiza o ambiente. De desenho geométrico e estrutura modular, retoma aspectos caros à sua poética, como a criação de equipamentos que se articulam entre arquiteturas e paisagens. Participou da 2ª Bienal do Mercosul, no vetor Instalação, e da 7ª Bienal do Mercosul, na mostra texto Público. <http://daniel-acosta.com/>

Donna Conlon / Jonathan Harker

Atlanta, Estados Unidos, 1966. Quito, Equador, 1975. Vivem na Cidade do Panamá, Panamá.

Os trabalhos da dupla Donna Conlon e Jonathan Harker, que atuam em colaboração desde 2006, combinam interesses e procedimentos próprios de suas práticas individuais. Temas como a voracidade do consumo e do descarte e a conflituosa relação do homem com o seu meio, recorrentes na obra de Conlon, ganham um tratamento absurdo, irônico e por vezes sarcástico. Ao mesmo tempo, a proximidade de Harker com o universo da música e do cinema empresta outro uso a objetos encontrados na rua, como latas, embalagens, sacolas plásticas e outros refugos caros à poética de Conlon. É o que ocorre, por exemplo, no vídeo *Estación Seca* (2006), em que uma estranha sinfonia é obtida por meio de uma chuva de garrafas sobre uma montanha do mesmo material. A paisagem sintética revelada nas imagens também é sugerida em outros projetos da dupla, como na série (*Video*) *Juegos* (2008-2009), que tem como pano de fundo a explosão

imobiliária da capital panamenha e a profunda transformação vivida pelo país na última década. Nos vídeos, peças encontradas em ruínas de casas demolidas são usadas como fichas e tabuleiros de jogos imaginários, evocando aspectos como as disputas envolvidas na construção e desconstrução de um país e na criação de símbolos e identidades nacionais.

Em *Drinking song* [Canção de bebedeira] (2011), Donna Conlon e Jonathan Harker utilizam latas e garrafas de cervejas panamenhas para tocar o hino norte-americano – que encontra origem em uma “drinking song”, ou “canção de bebedeira”. Os nomes das bebidas curiosamente refletem o imaginário em torno do Panamá. Irônica e humorada, a peça evoca a complexa relação entre os dois países e aponta para a arbitrariedade e o delírio por trás da construção de símbolos nacionais. <http://www.jonathanharker.com/> e <http://www.donnaconlon.com/>

Duke Riley

Massachusetts, Estados Unidos, 1972. Vive em Nova York, Estados Unidos.

A obra de Duke Riley é multifacetada, tanto pela versatilidade dos meios quanto pela multiplicidade de fontes que a compõe. Riley tem formação como artista de tatuagens e possui conhecimento de uma ampla variedade de meios, como a gravura, o mosaico e o desenho, que ele combina com estratégias de performance, narrativa e museografia. Em sua obra, Riley explora espaços, territórios, indivíduos e situações que se encontram soterrados pela história ou dominados por outras histórias hegemônicas, concedendo-lhes, em seus projetos, nova autonomia, combinando estratégias de ficção e, ao mesmo tempo, uma rigorosa pesquisa histórica. Utilizando mitos populares, urbanos e histórias reais (porém esquecidas) e justapondo o excêntrico e o dominante, Riley procura criar espaços que possibilitem defender a ideia de liberdade da identidade do indivíduo e dos espaços que ele ocupa.

No seu projeto *Reclaiming the Lost Kingdom of Laird*, Riley pesquisou a história de uma pequena ilha, localizada no meio do rio Delaware, e de um dos seus habitantes, um imigrante irlandês chamado Ralston Laird, que, no século XIX, proclamou-se rei da ilha. Atualmente, a ilha encontra-se ocupada por uma estrutura que pertence à companhia de petróleo venezuelana CITGO. A partir de uma pesquisa histórica, que inclui árvores genealógicas e pratos comemorativos do império de Laird, Riley constrói um argumento sobre a posse ilegal do governo venezuelano na ilha e elabora uma campanha para devolver o território a seu “dono” original. Um retrato do rei Laird “misteriosamente” aparece pintado no teto de um dos depósitos de gás da CITGO, para ser visto do céu. Como parte de sua campanha de liberação desse território, Riley enviou uma carta aberta ao presidente Hugo Chávez, pedindo que devolva o território a seu verdadeiro dono. Ao invocar a história atual das multinacionais, e ao tentar recuperar a história original desse território, Riley aproxima a geopolítica à geopoética e propõe uma reflexão sobre a forma como os interesses



econômicos redefinem os territórios dos países e se sobrepõe aos indivíduos.
<http://www.dukeriley.info>

Edgardo Aragón

Ocotlán de Morelos, Oaxaca, México, 1985. Vive na mesma cidade.

Memória histórica e pessoal entrecruzam-se na obra de Edgardo Aragón. Esse artista revisita a história por meio de *remakes*, trazendo ao presente situações e narrações que existem dentro de sua família e que tocam questões sociais, culturais e políticas mais amplas – e relacionadas ao contexto de Oaxaca, seu estado natal, e à realidade de um país transtornado pelo narcotráfico. Trata-se, em geral, de vídeos que, além de contar ou repetir uma história, a colocam novamente em operação e em circulação. *Matamoros* (2009) é um *road movie* que registra o percurso do artista pelas estradas mexicanas, desde Oaxaca até a fronteira com os Estados Unidos, seguindo a mesma rota que seu pai fazia nos anos 1980 para transportar droga. Em *Efectos de familia* [Efeitos de família] (2007/2009), integrantes da família de Aragón – primos, sobrinhos etc. – “são obrigados a aprender a história familiar, vinculada de diversas formas com o crime organizado”. Nessas obras, o vínculo afetivo substitui os juízos morais por atos simbólicos e de jogo, que permitem ver a violência associada ao “narco” a partir de outro ponto de vista, diferente da análise dos meios de comunicação.

Tinieblas [Trevas] (2009) é uma videoinstalação realizada no município de Ocotlán de Morelos, que reúne as interpretações individuais de uma banda formada por treze músicos. De pé sobre pequenas pedras chamadas de *mojoneras*, utilizadas para delimitar fronteiras, tocam uma marcha fúnebre que, de maneira poética, alude aos conflitos territoriais e à existência de divisões não somente políticas, mas, também, ideológicas na região.

Eduardo Abaroa

Cidade do México, México, 1968. Vive na cidade do México.

Eduardo Abaroa utiliza objetos e materiais do cotidiano para construir esculturas que, através do humor e da estranheza, colocam o espectador diante de elementos que lhe são familiares, mas que abrem um terreno de operações estéticas e associações inesperadas. Esses materiais provêm de lojas e vendedores da Cidade do México, uma metrópole inundada por comerciantes de todos os tipos e por objetos provenientes de todo o mundo. O comércio informal produz um fluxo de objetos disponíveis que mudam com grande velocidade, o que na obra de Abaroa aponta para um interesse pelas possibilidades formais desse fato, assim como para uma inevitável relação com o mercado e com as políticas da globalização. Suas obras variam em tamanho, desde esculturas muito pequenas



até grandes instalações e ações em espaços abertos. Nos últimos anos, seu interesse centrou-se na cartografia e nas formas de representar o território, estendendo-se a questões do uso da terra e suas implicações políticas e culturais. *Necesitamos un mundo más grande* [Necessitamos de um mundo maior] (2008) é um globo terrestre em que infinitos “países” recortados criam uma composição cromática que torna impossível visualizar apenas um território. Já *Another world, and another, and another...* (2008) é um mundo que pareceria ter se deformado, em uma tentativa de coexistência com outros mundos.

Bisutería, 20,96 km (Isla Bermeja) [Bijuteria, 20,96 km (Ilha Bermeja)] (1991/2011) é um projeto concebido pelo artista em 1991 e realizado pela primeira vez em Porto Alegre. Trata-se de uma escultura que se propõe a materializar o perímetro de um território – nesse caso, da Ilha Bermeja, no Golfo do México, pivô de muita controvérsia por sua existência depender da anexação de zonas de jazidas petrolíferas ao território mexicano.

Elida Tessler

Porto Alegre, Brasil, 1961. Vive em Porto Alegre.

A temporalidade é algo que está no interior da prática de Elida Tessler. Materiais como palha de aço enferrujada e metais deteriorados revelam o processo de desgaste dos objetos. A transparência de frascos de vidro, presentes ainda hoje em sua obra, dá um caráter silencioso aos seus trabalhos. Em sua poética, metaforicamente, coadores de café retêm memórias e lembranças, filtrando a espessura das palavras. A artista gravou uma série de palavras em chaves, evocando grandes obras da literatura mundial e abrindo cadeias associativas. Na última década, deu ênfase ao uso da palavra e suas relações com seus diversos sentidos. Desenvolve desde 2004 a pesquisa *Você me dá a sua palavra?*, que já contou com a colaboração de centenas de participantes que escrevem uma palavra num prendedor de roupas. Pendurados num varal, o tamanho dessa obra em processo já atingiu dezenas de metros. Um de seus trabalhos mais conhecidos chama-se *Doador* e foi realizado em colaboração com dezenas de amigos que enviaram, atendendo a uma proposição da artista, objetos cujos nomes terminassem com o sufixo “dor”, tais como aparador, secador, regador, que foram afixados nas paredes de um corredor. A experiência com o trabalho nos leva ao questionamento sobre a arbitrariedade do nome de muitos objetos. Participou da 2ª Bienal do Mercosul, no vetor Instalação. <http://elidatessler.com/>



Emmanuel Nassar

Capanema, Brasil, 1949. Vive em Belém e Santos, Brasil.

Um dos trabalhos mais vistos de Emmanuel Nassar é a instalação *Bandeiras*, ocasião que reuniu 143 bandeiras de municípios do estado brasileiro do Pará, a partir de um anúncio feito no jornal local. Interessa ao artista a identificação dos símbolos nacionais e as hibridizações entre a tradição portuguesa, as inscrições em latim, os ícones medievais ao lado de desenhos de plantas e animais típicos da região, como seringueiras, mangueiras, botos e algumas espécies de peixes. Sua obra sintetiza, de algum modo, a cultura visual do norte do país. A estética das feiras e festas populares e o modo como as construções precárias se tornam permanentes estão presentes em sua produção. A noção de improviso, de solucionar os problemas com o que se tem ao alcance da mão, não se opõe a uma vontade de organização do caos. Em suas pinturas estão em destaque suas iniciais, “E” e “N”. Aos poucos, essas letras se tornam pontos cardeais, indicam direções e demarcam espaços. As letras instauram uma nova relação entre latitude e longitude.

No trabalho apresentado na 8ª Bienal do Mercosul há, simultaneamente, a presença de um raciocínio geométrico e uma ironia em relação à utopia construtiva que projetava um Brasil desenvolvido, moderno e civilizado. A bandeira brasileira é toda composta por remendos aparentes, chapas de metal reutilizadas e reparos por fazer. Muitos dos materiais das obras de Nassar são garimpados nas ruas de Belém. Em sua obra convivem o aspecto rústico dos materiais e a visualidade publicitária e pop da cultura de massa. A linguagem imediata do outdoor e a estrutura aparente que o sustenta revelam o processo de construção do trabalho.

Fábio Morais

São Paulo, Brasil, 1975. Vive em São Paulo.

A obra de Fábio Morais trata primordialmente da palavra e da literatura, mas sob a perspectiva de um artista visual. Os livros são seu ponto de partida, matéria-prima, e também lugar de chegada, no caso das edições e textos que produz. Interessa mais ao artista pensar o território e a nação a partir do campo da linguagem do que por definições políticas prévias. As fronteiras invisíveis da linguagem, que se escondem sob o emprego de cada palavra ou frase, em sotaques ou entonações, atravessam os homens mais do que o território no seu sentido geográfico. Em sua obra, Morais trabalha com mapas e promove encontros de mares a partir de dicionários e atlas. Se os países possuem uma vida breve e os atlas registram seu surgimento e desaparecimento político, as cartografias físicas são mais perenes. É com recortes de representações do mar que o artista enche copos d'água. Em sua trajetória, elaborou livros em que retirou todos os continentes e nações, como se a Terra fosse completamente preenchida pelo azul e verde dos oceanos. A ênfase



aos oceanos se aproxima da percepção de que eles pressupõem um tempo lento e abrigam uma série de outros territórios, navios, com suas próprias leis internas, micronações e ilhas.

Antilla é uma espécie de *land art* feita com 42 representações de territórios e mapas fragmentados. Os atlas são organizados no chão, em forma de círculo, com um vazio no centro. Eles tratam dos mais diversos temas, que vão da presença da indústria química no território aos fatos históricos mais lembrados, como uma espécie de estratificação oficial da nação. Mas, o que a cartografia oficial de uma nação encobre? <http://fabio-morais.blogspot.com>

Felipe Cohen

São Paulo, Brasil, 1976. Vive em São Paulo.

De geração surgida em meados dos anos 1990, Felipe Cohen, ao mesmo tempo em que deixava expostas suas naturais admirações nas primeiras individuais, sempre se moveu num território em que, mesmo valendo-se da figuração ou da imagem explícita de um objeto real, seus projetos de instalações, usualmente de pequeno porte, comunicavam uma abstração como concepção. Isto tanto pelo silêncio que as rodeava como pelo caráter evasivo de suas imagens/colagens, a nos remeter, ao caráter plano das figuras do norte-americano Milton Avery, por exemplo. Podemos mencionar o espaço e a luz como motivos recorrentes em seus trabalhos, a sombra usualmente ocupando lugar de destaque em suas propostas. Assim como provocações visuais para o observador através do jogo com mole/duro, continente/conteúdo, por vezes emergindo um certo surrealismo quando seleciona, para combinação, objetos bem distintos, senão antagônicos, no caráter diverso de sua funcionalidade. E materiais como pedra, vidro, carpete, caixas de papelão, madeira, folhas de papel, mármore, copos ordinários etc., abstratos enquanto conceito, utilizando-se da figuração como meio.

Uma visão linear da paisagem foi apreendida em síntese máxima por Felipe Cohen, em resposta *cool* frente aos cânions vertiginosos, com sua queda rochosa e abrupta na região serrana do Rio Grande. A série de desenhos apresentada nesta exposição parece, assim, um enxugamento quase contemplativo em sua placidez, diante dessa paisagem tempestuosa, e consiste em segmentos recortados de cartolinas coloridas. Esse cromatismo, longe de ser expressivamente aplicado, é, antes, derivado de produção industrial selecionada pelo artista sem sua interferência na fabricação do pigmento. Paralelamente, uma instalação objetiva uma projeção, em território de luz/sombra em iluminação vertical, através de empilhamento de material industrializado em construção alusiva à paisagem vivenciada.

Fernando Bryce

Lima, Peru, 1965. Vive em Berlim, Alemanha.

Através de um trabalhoso processo de desenho, que ele denomina “análise mimética”, Fernando Bryce reproduz páginas de revistas, jornais, folhetos, documentos de arquivo e propaganda estatal, material em que foi escrita a realidade da América Latina e que hoje faz parte da história. A linha tênue enfatiza que o texto é mediado por uma subjetividade crítica e lembra que o desenho é sempre sintético e o olhar do artista é seletivo ante o documento fotográfico. As séries de Bryce podem ser vistas literalmente como reescritas da história e como reflexões sobre a construção da imagem das nações do subcontinente. Nas palavras do crítico Peio Aguirre, “Muitos dos desenhos de Bryce incluem textos e citações, que introduzem o aspecto alegórico da obra de arte, no qual a imagem é lida como texto e o texto como imagem. Isso conduz a uma fértil contradição inicial entre o assunto escolhido (história) e a técnica mimética empregada, e seu enfoque poderia ser lido erroneamente como um gesto pós-moderno de arte como teoria ilustrada. Mas, longe de assinalar de maneira pessimista para o fim da história, Bryce nos impele a olhar para o passado com um olhar político”.

Na década de 1960 toda América Latina olha para Cuba como um experimento na construção de um novo tipo de sociedade, mais igualitária. **Revolución** é uma extensa série de desenhos que mostra um panorama dos primeiros anos da Revolução Cubana, em que se percebe um sentimento de possibilidades ilimitadas e uma confiança plena nas probabilidades de sucesso de um governo progressista de esquerda. Hoje, temos a distância histórica para ver os resultados. Nas palavras do artista, “A série pode ser lida de maneira irônica e existe sem dúvida uma mistura, de minha parte, de uma certa empatia com o tema, uma encenação crítica e, sobretudo, uma obsessão historiadora”.

Fernando Limberger

Santa Cruz do Sul, Brasil, 1962. Vive em São Paulo, Brasil.

Os trabalhos de Fernando Limberger apresentam-se como paisagens. Articulam vegetação, pedras, formas geométricas e planos de cor em jardins que combinam exuberância e simplicidade, natureza, artifício e racionalidade. Suas composições reconfiguram os ambientes onde se inscrevem, alterando o modo como a natureza os integra ou atravessa, seja pelo uso da cor e dos efeitos de luz provocados, seja pela poda e limpeza das espécies ou, ainda, pela subtração/inserção de novos elementos. A transformação da natureza por meio da ação humana e o modo como ela também age sobre essa intervenção está presente em boa parte de suas criações. Exemplo disso são as sementeiras, mudas e canteiros de cor do projeto *Fértil* (2003), que estão na origem dos jardins coloridos, recobertos por areias tingidas de rosa e amarelo – inócuas ao meio ambiente.

Assim como eles, os arranjos que compõem as instalações *Células Verdes* (2008) e *Complementares* (2010) ostentam uma natureza domesticada, ainda que vigorosa, problematizando as contradições e ambivalências dos discursos ambientalistas que tentam dar conta da complexa relação entre o homem e a natureza. Questões similares estão colocadas no trabalho desenvolvido para o pátio da Casa M. Em meio a uma vibrante topografia em tons de vermelho, roxo e rosa, dois elementos pontuam a paisagem: um abacateiro e um cubo de madeira queimada. Vida e morte, luz e sombra, natureza e racionalidade são alguns dos binômios evocados pela dupla. Um drama parece se desenhar – enquanto tomamos sol, jogamos conversa fora, compartilhamos um chimarrão ou lemos um livro nesse jardim feito obra. Participou da 1ª Bienal, na mostra Último Lustro / Imaginário Objetual.

Flavia Gandolfo

Lima, Peru, 1967. Vive em Lima.

Historiadora e fotógrafa de formação, Flavia Gandolfo combinou esses dois interesses ao longo da sua carreira. Isso levou a artista a desenvolver séries fotográficas que investigam “a peruanidade” e tentam vislumbrar as maneiras em que opera a construção de identidade como parte da educação pública. Durante a última década, Gandolfo dedicou-se a fotografar cadernos dos estudantes de escolas estatais, centrando-se nos desenhos que as crianças normalmente realizam como parte das aulas de História do Peru; representações das distintas raças, das classes sociais, da Constituição e do mapa do país. O desenho, a construção de uma imagem, é uma parte importante dentro do processo de aprendizagem. Para a artista, esses desenhos são vestígios que, de alguma maneira, retratam a experiência de viver no Peru atualmente: são formas de ver e de testemunhar a complexidade da história a partir da subjetividade de cada criança. Em uma série recente, *Memoria del Perú* [Memória do Peru] (2010), Gandolfo retrata as páginas de livros de texto que tiveram a intervenção dos seus proprietários junto àquelas que se encontram em seu estado original. Achados em preto e branco que contrapõem o olhar infantil com a história oficial, sugerindo uma possibilidade de ingerência – de mudança – através da rebeldia e do jogo.

El Perú (de la serie Historia) [O Peru] (1998/2006) é uma coleção de mapas desenhados por crianças como parte de um exercício de aula. Fotografados pela artista, esses desenhos se convertem em uma espécie de tipologia do que, na realidade, são tentativas de visualização de um território e de uma nação. ***Historia del Perú (de la serie Historia)*** [História do Peru] (1998/2006), por sua vez, centra o olhar na qualidade efêmera de esquemas explicativos dos quadros-negros de aula sobre questões tão complexas como a conquista ou a Constituição do país, ao mesmo tempo em que são retratos individuais dos estudantes.

Francis Alÿs

Amberes, Bélgica, 1959. Vive na Cidade do México.

A obra de Francis Alÿs caracteriza-se por acionar várias maneiras de intervenção física e simbólica na trama urbana, criando novas formas de visibilidade e colocando anedotas em circulação – fábulas, como ele as chama. A relação de Alÿs com a Cidade do México, onde se estabeleceu desde finais dos anos 1980, está marcada por seu deambular pela cidade: caminhar converteu-se para ele numa estratégia artística e numa forma de reclamar o espaço público como o lugar onde encontros sociais podem provocar situações escultóricas. Essas caminhadas conduzem tanto à realização de intervenções mínimas no imaginário da cidade – que o artista documenta em vídeo e fotografias, e das quais se desprende um trabalho pictórico paralelo – quanto ao desenvolvimento de ambiciosos projetos que elucidam novas formas de ação individual e coletiva. Essas vão desde o percurso solitário do artista empurrando um bloco de gelo até derretê-lo completamente (*Paradox of praxis 1* [Paradoxo da prática I], 1997), a uma procissão de obras de arte de Manhattan até o Queens, na cidade de Nova York (*The modern procession* [O processo moderno], 2002), passando por uma ação na qual convocou quinhentas pessoas para mover em dez centímetros uma duna de areia, realizada em Lima (*Cuando la fe mueve montañas* [Quando a fé move montanhas], 2002).

La Résidence [A residência] (2011) é uma obra feita especificamente para a *Bienal do Mercosul*. Usando a cidade de Porto Alegre como o terreno para explorar as distâncias entre mapas mentais e topografia, Alÿs executa uma ação solitária que fala sobre o estranhamento e a familiaridade que acompanham o deslocamento, bem como as formas em que se apropria de um território. Participou da 4ª Bienal do Mercosul, na representação nacional do México, e na 6ª Bienal do Mercosul, na mostra Zona Franca. <http://www.francisalys.com>

Gal Weinstein

Ramat Gan, Israel, 1970. Vive em Tel Aviv, Israel.

Terras estremecidas, um tufão em agitada movimentação, fogo caminhando por frestas de barrancos ou pedreiras, poeira de nuvens, incêndio em pneus empilhados... Como disse a crítica italiana Loredana Mascheroni, a propósito de sua mostra em Milão em dezembro último, o trabalho de Weinstein bordejia os limites entre ordem e caos, homem e sociedade. Este artista, da geração mais jovem da arte israelense, aborda cenas ambientais do cotidiano de nosso mundo tumultuado, temas telúricos em que se utiliza de materiais industrializados, como lã, PVC ou MDF, exibindo, como diz o próprio artista, sua materialidade exposta, privilegiando a “verdade do material” e rejeitando a pintura. Quando realizou a terra craquelada do terremoto (*Tremores*, 2007), em ampla

instalação sobre o piso, com o registro gigantesco do sismógrafo com o grau de intensidade transposto sobre as paredes, esse piso de terra foi esculpido pelo próprio artista – “Eu esculpi a terra”, diz ele, que se valeu de produtos industriais de madeira feita de poeira comprimida; “O trabalho criou um inquietante contraste entre o que se percebe e o que se vivencia”.

Uma visão por satélite, panorâmica, da região de Entre-Ijuís, Rio Grande do Sul, obtida através de *Google Earth* por Weinstein, possibilitou uma transposição dessa imagem em forma de carpete com materiais industrializados para a área central do espaço térreo do MARGS. Esse trabalho é uma sequência da série realizada anteriormente pelo artista em Israel, focalizando a terra partida por terremotos ou em vistas aéreas de seu país. No caso da enorme instalação concebida para o museu de Porto Alegre, o carpete, de parede a parede, é resultado de uma projeção “fria”, se assim o desejarmos, posto que prescindiu da presença ou da observação direta do artista sobre a área focalizada e ampliada para, sem qualquer envolvimento emotivo com a região por parte de seu autor, oferecer ao nosso olhar a estranheza de uma apropriação visual/virtual de um território desde milhares de quilômetros de distância. <http://www.gal-weinstein.com/>

Glaucis de Moraes

Lajeado, Brasil, 1972. Vive entre Paris, França, e Porto Alegre, Brasil.

A ideia de impossibilidade está presente em muitos trabalhos de Glaucis de Moraes: na imagem que revela uma ponte entre dois abismos, nas fotografias que tentam capturar o voo de um pássaro ou a passagem de um avião, na tentativa de manter de pé um castelo de cartas, na série que retrata o desvanecimento do corpo em meio à escuridão. Operações sutis – delicadas na forma, mas agudas nas reflexões que evocam – compõem a obra da artista, que se vale de diferentes linguagens: do vídeo à fotografia, passando pelo desenho e instalação. Os modos de habitar um lugar, seja ele a cidade ou o espaço íntimo da casa, são um tema frequente em seus trabalhos. É o caso, por exemplo, da intervenção em que dispõe o aviso “Reservado” em parques e praças de Paris e Porto Alegre, embaralhando as noções de público e privado e sugerindo outra impossibilidade.

Na vitrine da Casa M, a artista apresenta um vídeo que reúne relatos imaginários sobre Porto Alegre: depoimentos de pessoas que nunca estiveram na cidade e só a conhecem por meio de um cartão postal.

Guilherme Peters

São Paulo, Brasil, 1987. Vive em São Paulo.

A noção de território para Guilherme Peters vem dos trajetos e caminhos que ele percorre pela cidade. A experiência do artista com a urbe se dá sobre as rodas, no *shape* do skate. Seja por sons transmitidos ao vivo, captados por microfones instalados na parte inferior do skate, seja por desenhos traçados diretamente nas ruas, a paisagem é vivida sob a perspectiva do movimento. O perigo e a exposição do corpo são uma constante em sua ainda breve trajetória. É recorrente em sua prática a demarcação de territórios públicos ou privados. O campo demarcado, especialmente em *performances* em que se refere a Joseph Beuys, está previamente preparado com uma banha escorregadia que impede o movimento fluido das rodas do skate. Em outro trabalho, seu corpo é arrastado por um carro por toda a extensão do *Valle de La Muerte*, no deserto do Atacama, no Chile. Há uma perseguição indireta dos limites e das fronteiras em sua obra. As ações acontecem até que os materiais envolvidos se deteriorem ou que o corpo não aguente mais. Em *Tentativa de levar uma boia rosa até o horizonte*, o território é demarcado a partir de uma simples corrida e a fronteira é medida pelo alcance da vista.

Em *Robespierre e a tentativa de retomar a revolução*, Guilherme Peters interpreta um dos mais radicais e respeitados revolucionários franceses. Com um figurino típico, o artista recorre às origens do movimento republicano atual e à formação da nação contemporânea. Bem-humorado, o artista revela a impossibilidade de a utopia revolucionária prosperar num mundo em que tarefas simples e repetitivas provocam vertigem.

Helene Sacco

Canguçu, Brasil, 1975. Vive entre Pelotas e Porto Alegre, Brasil.

Helene Sacco passou a infância mudando de cidade. De cada morada, levava apenas os objetos e as lembranças. A fantasia de carregar consigo o “esconderijo em caso de erupção vulcânica” ou a “escada boa pra descer de colchonete” só pareceria possível anos mais tarde, quando, vivendo em Santa Catarina, deparou-se com a cultura das famílias locais de transportarem suas casas. Retratado em uma série de fotografias, o curioso hábito está na origem do projeto *Casa Movente* (2007/2010). Espécie de objeto-lugar, a habitação de pouco mais de 3 m², com quarto, cozinha, sala e banheiro, já ocupou ruas e espaços de Criciúma, Turvo e Itajaí, sempre com a moradora a bordo. O modo como habitamos um lugar e como ele nos habita, as memórias que carrega em seus móveis e objetos, o território que instaura e as situações de convívio que permite criar são alguns dos temas que interessam à artista.

No projeto desenvolvido para a 8ª Bienal do Mercosul, a vitrine da Casa M é transformada em um gabinete de estudos. Um espaço usado por Helene para ler, escrever e desenhar. Ao longo das três semanas de exposição, parte desse ambiente se desprende do sobrado para ocupar a Rua Fernando Machado. <https://helenesacco.wordpress.com/>

Irene Kopelman

Córdoba, Argentina, 1974. Vive em Amsterdã, Holanda.

Seu trabalho de desenho frente a uma paisagem é lento, silencioso como sua projeção gráfica, e resulta de um processo prolongado de observação e quase de comunhão frente à natureza. Tem realizado registros sensíveis, por assim dizer, de paisagens agrestes e distantes de sua base de trabalho, seja em Ushuaia, no extremo meridional da América do Sul, seja na Espanha e no Havaí. Seus desenhos se acompanham, em alguns casos, de verdadeiros diários de viagem e observação. Sua produção tem algo de um diálogo com a tradição delicada da apreensão da natureza desconhecida, como em trabalhos de viajantes do século XIX. Observar os cânions e fazer os desenhos *in situ* é fundamental para esta artista. Assim, segundo ela, seu trabalho se desenvolve a partir “da apreensão e do entendimento da paisagem, através de sua observação direta da mesma. Por essa mesma razão é fundamental para mim começar o projeto desde ali, desde esse ‘estar’ na paisagem através do desenho”.

Diante dos cânions da região da Serra Geral, tanto Itaimbezinho como Fortaleza, Irene absorve a visualidade apreendida num desenrolar lento, em desenhos cuidados (porém, dotados de forte temperamento). São dezenas de registros, como diários de diversos ângulos, frente a esses aspectos naturais sob condições atmosféricas instáveis. A ruptura, assim, comparece nas linhas quebradas, a assinalar os dados que a vista alcança. Paralelamente, sua intenção é tentar reproduzir, tridimensionalmente, o espírito da estrutura morfológica das paredes dos acidentes geológicos, com uma instalação que se contrapõe à expressão captada no registro gráfico da superfície bidimensional do papel. Chamou a atenção da artista, durante sua visita aos cânions, que os “miradores” delimitassem com tanta contundência as “maneiras como nós, como espectadores, podemos nos vincular ao espaço. Essas ‘vistas’ me fizeram pensar nas ideias cenográficas que o olhar cultural contém sobre a paisagem”. E Kopelman indaga: “será que se pode reorganizar esse olhar através do desenho?”.

Irwin

Ljubljana, Eslovênia, formado em 1983

O coletivo esloveno Irwin foi originalmente formado em 1983, em Ljubljana, ainda durante a existência da Iugoslávia. Seus integrantes imediatamente começaram a realizar ações experimentais, incorporando o conceitualismo e a *performance*. O uso do alemão para o nome do coletivo tinha como objetivo destacar a complexa relação entre a Eslovênia e a Alemanha – devido à ocupação alemã durante a Segunda Guerra Mundial. Irwin define sua obra através de três princípios fundamentais. Um deles é o de construir uma posição artística com base nas circunstâncias específicas de cada um. O segundo é o princípio de colaboração e coletividade, com o fim de diluir o culto pessoal ao artista. O terceiro princípio é o da “retrovanguarda”, através do qual o coletivo afirma a unicidade do passado e do futuro e a necessidade de estabelecer uma prática que simultaneamente olhe para frente e para trás. A noção de retrovanguarda tem levado Irwin a utilizar símbolos do passado para ilustrar a maneira como o poder se expressa e se estabelece em governos e nações.

Em 1991, Irwin, junto com outros colaboradores do NSK, produziu um projeto conhecido como o **NSK State** [Estado NSK], que consistia em estabelecer uma espécie de micronação com funções políticas e burocráticas em paralelo a qualquer outra nação, embora denominado “um Estado em tempo”. O projeto foi apresentado em bienais, através de um espaço que funciona como uma embaixada, dentro da qual se expedem passaportes para quem os solicitar. Embora os passaportes do NSK sejam um projeto conceitual e não tenham validade legal, em vários países esses passaportes foram utilizados como documentos de identificação, em particular na Nigéria, que conta com milhares de proprietários. Por meio desse projeto, Irwin questiona os processos de construção de uma nação e a maneira como os símbolos gerados em torno de uma ideia de nacionalidade convertem-se em símbolos de poder. <http://www.nskstate.com/>

Iván Candeo

Caracas, Venezuela, 1983. Vive em Caracas.

Iván Candeo tem profundo interesse pelas mudanças políticas, históricas e culturais que a Venezuela vem sofrendo nos últimos anos; mas não permite que esses assuntos sejam convertidos no foco central de sua obra. Atento ao contexto local e aos códigos nacionais como símbolos de poder, assume sua condição de artista. Embora, numa primeira leitura, o espectador possa interpretar um conteúdo centrado no político, quando indaga a sua obra pode ver como o artista substituiu decisões temáticas por decisões problemáticas, tal como ele mesmo aponta. Nesse sentido, reutiliza imagens que provêm de diversos contextos, não se interessa por criar imagens



novas, mas, sim, por trabalhar e decodificar as já existentes, percebendo seus limites de representação. Essa operação é aplicada em vários de seus vídeos, nos quais utiliza imagens que advêm, na sua maioria, da história da arte venezuelana. Por outro lado, Candeo explora a linguagem, não somente a partir da sua textualidade e visualidade, mas também a expondo como som puro, sem significado. Os protagonistas de seus vídeos não são atores, mas pessoas que têm alguma relação com o artista – a participação delas orienta-se por características identitárias e/ou pessoais.

Inercia (2009) é um vídeo com câmera fixa em que um ciclista pedala infinitamente defronte a um mural realizado por Winston Salas. Nele, há uma representação dos ideais políticos atuais recorrentes que se difundem na Venezuela. O artista faz uma alusão metafórica à posição do cidadão latino-americano, cujos governos regionais parecem não avançar em suas políticas locais.

Javier e Erika

Havana, Cuba, e São Pedro, Paraguai. Vivem em Assunção, Paraguai.

A dupla Javier e Erika trabalha, sobretudo, com o vídeo e a videoperformance. Em sua trajetória, é constante o tom explicitamente político e a ênfase em questões sociais candentes de Cuba e do Paraguai. Entre os principais temas tratados destacam-se a realidade latina pós-colonial e a investigação sobre a identidade nacional. A força opressora de monumentos públicos é questionada em seus vídeos na mesma medida em que símbolos nacionais, como a faixa presidencial, se tornam armas que sufocam o cidadão, principalmente os povos indígenas e seus descendentes. A discussão sobre a presença de imagens colonialistas e de personagens ilustres no espaço público é recorrente nas ações e intervenções da dupla. Recentemente, Javier e Erika exibiram fotografias em grandes formatos da série *Inforncof* e *Casa Rosada* que, a partir de estratégias visuais publicitárias, abordaram ironicamente a exploração econômica e a pobreza como negócio rentável para grandes empresas. Eles possuem ainda uma série de trabalhos que desfaz a oposição entre as tradições indígenas, o artesanato de baixa tecnologia e os aparatos tecnológicos de última geração (tais como memórias de computador).

Haciendo mercado é um vídeo bem humorado em que um típico paraguaio se apropria das lições de um dos gurus do *marketing* internacional, Philip Kotler, para inverter as relações de poder que historicamente oprimiram os guaranis. A persuasão dos discursos hegemônicos globais é ensinada em guarani, uma das línguas oficiais do Paraguai que quase foi exterminada pelos colonizadores. Ambos participaram da 7ª Bienal do Mercosul, no Projeto Pedagógico – Programa de Intercâmbio Vias de Diálogo.





Jean-François Boclé

Martinica, França, 1971. Vive em Paris, França, e Bruxelas, Bélgica.

Jean François Boclé vem negociando seu duplo pertencimento (Caribe-Europa) através de obras que envolvem as temáticas de raça e de identidade nacional. Muitos de seus trabalhos representam o resultado de processos extensos de busca de objetos em diversas partes do mundo, objetos que ele vai acumulando até tomarem uma dimensão conceitualmente consistente. Em obras como *Le petit musée des horreurs coloniais* (2007 – em processo), Boclé reúne, em vitrines, objetos encontrados em mercados de pulgas ou em lojas de diversas partes do mundo, brinquedos infantis e fotografias familiares que se referem à imagem do negro na cultura popular: “Subverto os pequenos hábitos e procedimentos museológicos dos templos do saber etnológico e histórico. Convido o público para outra visita: um olhar fatigado, comovido, errante”. As instalações de Boclé mostram até que ponto – antes das reivindicações culturais dos anos 1980 e das conquistas sobre os direitos de autodeterminação e autorrepresentação de comunidades “invisibilizadas”, como os povos indígenas ou os afrodescendentes – a publicidade usava a imagem do índio ou do negro para produtos alimentares ou de limpeza, reforçando o estereótipo de certas raças na função de empregados domésticos.

Consommons racial! é uma grande prateleira na parede, onde caixas e frascos de diversos produtos comerciais se acumulam como num supermercado. Um olhar mais atento a essa colorida justaposição de imagens revela que em todos os produtos aparece a imagem caricaturizada de um personagem de raça negra ou é utilizada uma referência textual à raça, com nomes como “Aunt Jemima”, “La Blanquita”, “La Negrita”, ou simplesmente “Negro”. Os traços raciais são exagerados até devirem um estereótipo: olhos abertos, boca grande, dentes brancos, em uma expressão de alegre conformidade de um papel social forçado pelo colonialismo, ou, como é definido pelo artista, “[o] sorriso de aceitação beata de uma relação de poder desigual”. <http://www.jeanfrancoisbocle.com/>

João Genaro

Poços de Caldas, Brasil, 1983. Vive em Pelotas, Brasil.

A aproximação de duas realidades aparentemente inconciliáveis está na base dos trabalhos de João Genaro. Sempre com uma boa dose de humor, o artista se vale de um procedimento caro ao Surrealismo para criar objetos e situações paradoxais, que muitas vezes partem de comentários à História da Arte. É o caso do *Parangolé Simoniano* (2009), que mescla um traje típico gaúcho, o poncho, a uma obra icônica da arte brasileira, os *Parangolés*, de Hélio Oiticica, capas coloridas feitas para serem experimentadas pelo público. Usada pelo artista em *performances* não anunciadas, a peça homenageia o escritor regionalista Simões Lopes Neto, natural de Pelotas, aproximando referências artísticas de naturezas distintas. Outros exemplos são *Fat Chair* (2010),

cadeira com uma estrutura de espuma em seu assento que remete à famosa obra de Joseph Beuys, e *Homenagem a Torres García* (2007), composição construtivista realizada com peças de Lego. A sugestão de interação é outro elemento recorrente na obra de João Genaro, como na saboneteira transformada em aquário em pleno banheiro público, no machado protegido por uma caixa de vidro onde se lê “em caso de crime, castigue o vidro” e no saco de boxe recheado com 50 kg de barro que ostenta a inscrição “sove”. <http://www.joaogenaro.com.br/>

Jon Rubin & Dawn Weleski

Jon Rubin - Filadélfia, Estados Unidos, 1963. Vive em Pittsburgh.

Dawn Weleski - Pittsburgh, Estados Unidos, 1981. Vive em Pittsburgh.

A prática artística de Jon Rubin e Dawn Weleski está fortemente ligada ao contexto em que estão inseridos, a cidade de Pittsburgh, e emprega estratégias de participação para envolver-se com a comunidade. Herdeiras de projetos dos anos 1960 e 70, quando a comida e outras atividades da vida cotidiana foram utilizadas como detonadoras de situações de sociabilidade, suas estratégias estão desenhadas para ativar discussões e gerar conhecimento dentro de um contexto pós-industrial como o de Pittsburgh, que carece muito de diversidade cultural. Embora ambos tenham também uma produção artística individual, juntos dirigem *The Waffle Shop*, em Pittsburgh; um restaurante de bairro no qual se realiza um *talk show* em colaboração com os comensais, que é transmitido ao vivo pela internet. Desse projeto, desprendem-se outros dois: *The Rooftop Billboard* é um anúncio espetacular no terraço desse prédio, do qual Rubin e Weleski dizem: “gostamos de pensar no espetacular como um sistema de experimentação de publicidade para transmitir histórias, pensamentos e ideias”. Já *Conflict Kitchen* é uma cozinha, de *delivery*, que se caracteriza por servir somente comida tradicional dos países com os quais os Estados Unidos se encontra em conflito.

The speech of the swans [O discurso dos cisnes] (2011) é um projeto de participação, desenhado especificamente para Porto Alegre – ocorrendo todo domingo no Parque Redenção – que conjuga características performáticas e políticas, utilidade e ócio, realidade e ficção, com o fim de explorar as formas como líderes políticos e mandatários são capazes de encarnar ideologias e criar, inclusive, mitologias em torno de suas figuras.

Jonathan Harker

Quito, Equador, 1975. Vive na Cidade do Panamá, Panamá.

As imagens que temos de nosso país e de nossa história – ou as imagens que fazemos de nós mesmos – são sempre construções. Espécies de narrativas que, como lembra Harker, “tentam

reconciliar ou ignorar incongruências, imperfeições e ambiguidades em histórias com um início, um meio e um fim, nas quais tudo é claro e todas as peças se encaixam”. A maneira como essas narrativas são produzidas e o modo como aproximam ficção e identidade alimentam a obra do artista, que se vale do humor, do sarcasmo e da ironia para apontar fissuras, dissonâncias e fragilidades nas representações que constituem o nosso imaginário. É o caso da série de postais criados para o Panamá (2001/2011), em que Harker se transveste de diferentes personagens, figurando em meio às “riquezas” e aos “apelos turísticos” locais. A presença do artista e um certo elemento performático são recorrentes em seus trabalhos, sejam eles formalizados em vídeo ou fotografia. É o caso de outras duas obras em que a imagem do Panamá também é evocada: Tomem distância (2002), em que o artista coloca uma minicâmera na boca e canta o hino nacional até vomitar, e Arednab al a Otnemaruuj (2004), outra tomada em que a boca do artista aparece em primeiro plano, dessa vez recitando o juramento à bandeira ao contrário.

Manágua, Nicarágua é um famoso foxtrot composto pelos americanos Irving Fields e Albert Gamse. Lançado em 1946, seus versos celebram um idealizado paraíso tropical. Jonathan Harker – em colaboração com os músicos Iñaki Iriberry e Rodrigo Sánchez – apropriou-se da canção para criar um videoclipe. A imagem caricata, repleta de clichês, reflete o olhar estrangeiro sobre a Nicarágua e evoca a conturbada relação entre este país e os Estados Unidos.

José Alejandro Restrepo

Bogotá, Colômbia, 1959. Vive em Bogotá.

Comprometido com a história e atento à problemática sociocultural de seu país, Colômbia, há décadas uma das arenas mais conflitantes neste contraditório terreno em que vivemos, a América do Sul, Restrepo expõe com transparência um testemunho de seu tempo. Ele se refere ao horror do olhar, “a concupiscência do olhar”, quando cita Santo Agostinho, que aludiu “ao excessivo e desordenado desejo de ver”. E que o artista expõe nos vídeos que marcam sua produção desde a década de 1980: cicatrizes, violência de martírios, sangue, turbulência e violência urbana, transe e credices populares *versus* a tradição dos tribunais da Igreja Católica e seu papel, em particular, nos países hispânicos. Como ansiar por uma visualidade apenas formalista e controlada quando o contexto acena com uma sequência impiedosa para com os espectadores? Por que seria a devolução imagética dos artistas distinta do horror com que nos brindam as TVs diariamente? Eis algumas das questões com que nos defrontamos diante da poética dura das propostas autorais dos vídeos de José Alejandro Restrepo.

Frente à realidade palpável do universo indígena, o credo cristão se impunha através de imagens de devoção – apelativas ou de comiseração – e constituíam lugares-comuns. Mas, sem dúvida, como enfatiza visualmente Restrepo em seu trabalho com vídeo e imagens procedentes das antigas

Missões, a conversão jogava também com a magia da iluminação trêmula das velas na semiobscuridade dos monumentos religiosos, imponentes em majestade, em contraposição violenta à humildade do casario das aldeias. O depoimento é do artista: “A partir de minha viagem à região das Missões, quero estabelecer um diálogo entre figuras escultóricas em madeira do século XVIII e vídeo-projeções. Diálogo trans-histórico sobre exorcismos, bênçãos, contágios, mortes e penitências. Desde o barroco até as manifestações mais contemporâneas, assistimos ao triunfo incontestável da imagem e ao protagonismo do corpo com seu tremendo poder de sedução de massas”. Participou da 7ª Bienal do Mercosul, na mostra Ficções do Invisível.

José Toirac e Meira Marrero

Havana, Cuba, 1966. Havana, Cuba, 1969. Vivem em Havana.

A dupla José Toirac e Meira Marrero possui um grande conjunto de trabalhos que aborda a construção do ideário nacional cubano. Em sua trajetória, é recorrente a desconstrução da história oficial de Cuba a partir dos mais destacados símbolos da nação, como a imagem do cavalo do herói revolucionário José Martí correndo sem rumo, como o próprio país, depois que o cavaleiro foi morto em batalha. As pinturas, as instalações e os vídeos da dupla abordam questões políticas e sociais de Cuba com um tom irônico e satírico. Em **Galeria dos ex-presidentes**, uma série de pinturas de todos os presidentes de Cuba de 1869 até 2006 é apresentada ao lado de um prego na parede esperando a colocação do próximo retrato. A obra não foi mostrada em Cuba porque Fidel Castro não poderia estar na mesma linha dos outros presidentes, uma vez que ele refundou o Estado e precisaria de destaque. Já **Opus** é um vídeo editado de um único discurso de Fidel Castro em que aparecem apenas números na tela e a voz de Fidel os pronunciando. É uma definição da nação por meio de estatísticas esvaziadas, uma estratégia frequentemente usada pelo governo para ressaltar os principais feitos da revolução. A evocação de imagens históricas a partir de edições e justaposições provocativas são características do trabalho da dupla. Toirac e Meira possuem uma obra que questiona a pertinência atual e a validade das utopias políticas e das promessas de salvação do regime socialista e do consumismo capitalista.

Juan Manuel Echavarría

Medellín, Colômbia, 1947. Vive em Bogotá, Colômbia.

Após uma extensa carreira como escritor, Echavarría, “afogado em imagens literárias”, decide dedicar-se à arte em meados dos anos 1990. Uma de suas primeiras séries fotográficas, chamada *Corte de florero* [Corte de vaso] (1997), referenciava formalmente as lâminas botânicas realizadas pelos viajantes científicos europeus na América, mas as flores de Echavarría, de grande beleza e

elegância formal, eram realizadas com ossos humanos, estabelecendo uma relação direta entre colonização, segregação e violência. Desde então, o trabalho de Echavarría é centrado em alegorizar a violência política da Colômbia através de seus efeitos no corpo social. Nos últimos anos, Echavarría trabalhou com os chamados, de forma eufemística, “atores do conflito”: jovens ex-guerrilheiros ou ex-paramilitares em programas de reinserção social, dando-lhes a oportunidade de expressarem suas vivências de guerra em forma de pinturas e desenhos, em uma operação de catarse terapêutica que resulta em imagens comoventes.

Bocas de ceniza consiste em uma série de oito vídeos em que diferentes pessoas cantam a *capella* sua tragédia pessoal. Todos esses homens e mulheres são vítimas da violência e do deslocamento forçado como resultado da guerra interna na Colômbia, que dura já meio século e envolve a guerrilha, o exército e os paramilitares. Nas últimas décadas, essa interminável luta pelo controle do território tem sido financiada pelo dinheiro das drogas; e sua vítima principal é a população civil desarmada. Os cantos pessoais em *Bocas de ceniza* podem ser vistos como micro-histórias dos esquecidos, que contradizem a história triunfalista expressa nos hinos nacionais.
<http://www.jmechavarria.com/>

Kajsa Dahlberg

Nasceu em Gotemburgo em 1973, vive em Malmö, Suécia

O estudo e a observação que Kajsa Dahlberg realiza da sociedade se vê refletido nos seus filmes e em suas instalações, nas quais aborda temáticas de identidade, discussões de gênero, definições de papéis e assuntos sobre o pertencimento. Por meio do feminismo, expõe discursos que defendem o papel da mulher com relação a assuntos com foco principalmente no gênero masculino (pornografia, trabalhos que requerem força etc.). Sendo o feminismo um tópico recorrente durante o século XX, Dahlberg o incorpora e estuda através do seu processo criativo, evidenciando a relação que uma mulher enfrenta como indivíduo ou como parte de um coletivo. Sua prática tem como base o desenvolvimento de diligentes investigações, nas quais a recompilação de material e informações são matérias-primas para suas criações. Assim, ela elabora interessantes dispositivos de exibição, em que incorpora elementos característicos do arquivo, ampliando seu suporte de obra visual em direção a formas adjacentes com esta prática que guarda a memória. A artista representa um dos discursos atuais que promovem a reflexão com relação às minorias – tanto como indivíduos como pertencentes a comunidades – que, socialmente, encontram-se discriminadas.

We notice no disturbances, all are happy and friendly [Não notamos distúrbios, todos estão felizes e são amigáveis] (2010) é uma recompilação de quinhentos postais enviados por turistas, imigrantes e viajantes desde a cidade de Jerusalém à Suécia entre 22 de abril de 1911 e 24 de

janeiro de 1999. Como arquivos, os postais retratam Jerusalém por meio das mensagens e da sua relação com os desenvolvimentos políticos da cidade. <http://kajsadahlberg.com/>

Khaled Hafez

Nasceu na Cidade do Cairo, Egito, em 1963. Vive e trabalha na Cidade do Cairo, Egito

A biografia de Hafez tem estado vinculada a uma contingência política local, mas de caráter internacional; sua obra reflete o profundo interesse nas mudanças sociais, consequência de experiências militares e políticas, que o Egito e o Oriente Médio vêm sofrendo durante as últimas quatro décadas. Visualmente influenciado por Rauschenberg, sua prática conceitual tem sido conjugar seu interesse pela fatura, encontrando um equilíbrio entre ambos. Tanto seus vídeos quanto suas pinturas refletem a metamorfose da imagem e usam a colagem como técnica discursiva, assumindo este processo como consequência da sua vida no Egito, onde em tempos de Nasser, a reciclagem era importante. Apesar dos vídeos e das pinturas se centrarem na identidade, o fazem a partir de diferentes facetas do artista; suas pinturas falam do Egito, antigo e atual, enquanto o foco dos seus vídeos se concentra em assuntos de sua identidade árabe-islâmica. Em ambos os casos, usa iconografias do Egito antigo e de super-heróis americanos; por exemplo, faz com que a Deusa Anubis fique metamorfoseada com Batman e a Deusa Bastet com a Mulher-gato. Mediante esse jogo, o artista realiza a tentativa de romper as barreiras entre leste e oeste, entre passado e presente, entre sagrado e profano.

Revolution (2006). Hafez expõe ironicamente nesta instalação as ideias de igualdade social, liberdade e unidade prometidas há quase meio século. As três imagens projetadas simultaneamente interagem entre si, revelando no protagonista as queixas de uma sociedade que ainda não democratizou suas políticas governamentais e que continua sobre a dependência econômica das corporações transnacionais, somado a um fundamentalismo religioso de identidade nacional, que os mantém, já sem esperança de uma revolução, no limite de uma guerra civil. Cada uma das imagens está situada num telão de fundo colorido que, juntos, compõe a bandeira nacional do Egito.

<http://www.khaledhafez.net/>

Lais Myrrha

Belo Horizonte, Brasil, 1974. Vive em São Paulo, Brasil.

É da desconfiança sobre a capacidade da cartografia representar o mundo que o trabalho de Lais Myrrha trata. O apagamento físico e simbólico, procedimento recorrente em sua obra, se dá também em relação aos mapas. Trata-se da dissolução não apenas das fronteiras presentes nos continentes



e mares, mas das impressões sobre papel de atlas geográficos. Como se a “provisoriidade” das representações cartográficas, principalmente nos mapas políticos, invalidasse sua pertinência. A artista, reconhecendo os limites da cartografia, parece sonhar com o extermínio da sua pretensa objetividade científica. Em um de seus trabalhos há a ideia de espelhamento do céu no chão, tentando captar o movimento das estrelas, numa espécie de carta celeste em processo. A investigação sobre a representação do tempo na cartografia surge de modo poético em seu trabalho. Ao longo de sua trajetória, a artista trabalhou diretamente com os símbolos nacionais. Realizou pinturas em que sobrepõe a imagem das bandeiras de todos os países do mundo. Em uma das telas, as bandeiras foram organizadas em ordem alfabética decrescente e em outra na ordem crescente. Mais do que a síntese dos símbolos das nações, trata-se justamente da constatação da impossibilidade de uma imagem totalizadora que reúna todos os países. Em sua obra, é como se as fronteiras geopolíticas fossem redesenhadas. A artista nos coloca o desafio de nos reposicionarmos em relação aos horizontes a partir da consciência do lugar que ocupamos.

Onde nunca anoitece transforma o amanhecer, a luz, em sinal sonoro. Podemos dizer que se trata de uma representação visual e sonora do planeta Terra. Cada relógio está situado num ponto onde se encontram um meridiano e um paralelo. O resultado é um arranjo semelhante à projeção plana do mapa-múndi. Os meridianos do mapa possuem relógios que marcam precisamente o horário local e cada relógio desperta no alvorecer do local que representa. Sucessivamente, cada um dos relógios anuncia o dia numa espécie de cartografia do tempo.

Leslie Shows

Manteca, Estados Unidos, 1977. Vive em São Francisco.

Para a geologia, a superfície da Terra representa apenas uma entre as múltiplas camadas telúricas que se encontram por baixo dela; a história do planeta está contida ali. Transpassar uma superfície significa viajar no tempo. A obra pictórica de Leslie Shows é construída a partir de um jogo constante de escalas – micro e macro –, em que se combinam paisagens repletas de fragmentos de imagens que parecem ter surgido de panoramas geológicos e formações rochosas, com zonas cromáticas e texturas de papel. Em sua obra, o uso da colagem, mais do que uma contraposição de elementos “de dois mundos diversos”, é um mecanismo que cria meticulosas paisagens abstratas, que fazem pensar na fluidez dos limites geográficos e na maneira como se comporta a matéria na natureza. A ausência de pessoas ou de vestígios de vida animal transmite uma sensação apocalíptica, ao mesmo tempo em que lembra a vastidão da paisagem do oeste norte-americano. Nos últimos anos, Shows realizou instalações de grande escala, nas quais explora mais profundamente a noção de entropia, entendida como um processo contínuo e gradual de mudança – a tendência à desordem e ao caos como progressão natural.





Display of properties [Display de propriedades] (2009/2011) é uma instalação em sitespecífic centrada em imagens de todo tipo de bandeiras, entendidas como marcas geográficas e ideológicas na história da civilização. A artista busca separá-las por meio de uma gigantesca colagem, de seus significados e das suas zonas de ação para propor perguntas sobre os significados culturais de emblemas, cores e insígnias. <http://leslieshows.com/>

Lucia Koch

Porto Alegre, Brasil, 1966. Vive em São Paulo, Brasil.

Pode-se dizer que Lucia Koch tem desenvolvido um trabalho dentro de uma linha de coerência que a distingue de outros artistas de sua geração. Apolínea, mantendo rigorosamente uma distância com o excesso de melodia, seus projetos conversam constantemente com a arquitetura e a luz, artificial ou em sua natural mutabilidade. Sempre lançando mão de elementos de vedação do espaço, alterações cromáticas em penetrações luminosas, veladuras através de cobogós, treliças e espelhos, tem já uma ampla trajetória de participações tanto no Brasil como no exterior, nos mais diferenciados eventos. Assim, vemos que diversifica os materiais que utiliza, embora mantenha sempre o caráter de ativação de espaços com seus trabalhos, inequivocamente para-arquitetônicos.

A água, elemento precioso e fugidio, luminoso por seu próprio encantamento, é um dos temas em particular perseguidos por Lucia Koch nesta sua participação na 8ª Bienal do Mercosul. Registros de inundações históricas que modificaram temporariamente o centro de Porto Alegre, como a de 1941, e a sonoridade melódica que acompanha as águas a animar a paisagem urbana de cidades do interior nas fontes luminosas, provocando o encantamento das crianças e sendo acompanhada da precariedade engenhosa de seu funcionamento – que, neste momento, nos revela como quem desvenda um segredo até agora oculto. Assim, Lucia Koch amplia seu olhar, partilhando, neste momento, sua atenção entre a magia da água, mutante, que apresenta similar sincronia com o caráter igualmente efêmero – ou transitório – da passagem da luz, e o movimento, marcantes preocupações em seu trabalho. Participou da 2ª Bienal do Mercosul, no vetor Instalação, e da 5ª Bienal do Mercosul, no vetor Da Escultura à Instalação – Núcleo Contemporâneo. <http://luciakoch.com/>

Lucía Madriz

San José, Costa Rica, 1973. Vive em San José.

O modo como as relações de poder estruturam a sociedade é um tema central na obra de Lucía Madriz. As construções identitárias em torno da mulher pautaram seus primeiros trabalhos, que aos poucos passaram a focar outros interesses, como “a propriedade intelectual, a privatização de





recursos naturais e bens de domínio público, a segurança e a soberania alimentar e a conversão da natureza em mercadoria”, nas palavras da crítica Tamara Díaz. Um exemplo são as instalações realizadas com grãos de milho, arroz e feijão, trabalhos que questionam o uso de sementes geneticamente modificadas pelos efeitos trazidos à saúde e ao meio ambiente, pelo impacto junto às populações rurais e pela dependência econômica gerada pelo modelo. A preocupação ambiental marca a produção recente de Lucía, para quem a “arte é um meio de apresentar questões e estabelecer um diálogo com o público”. O entendimento está na base de *Mi experimento verde* (2010), um guia prático para adquirir hábitos sustentáveis e tornar-se um cidadão mais responsável com o planeta. A publicação é acompanhada de um *blog*, em que os interessados podem compartilhar seus aprendizados.

Prelúdio (2011) inspira-se em imagens que ilustram a conquista das Américas, a exemplo das gravuras de Johannes Stradanus (1523-1605), Theodore de Bry (1528-1598) e Theodor Galle (1571-1633). Trata-se de representações que funcionam como documentos históricos, recriando fatos, paisagens, vestimentas, objetos e costumes. Realizada com feijões e pedrinhas em diferentes tons, a instalação aponta para o entendimento das noções de história, território e identidade como narração, interpretação ou construção cultural. <http://www.luciamadriz.com/>

Luis Gárciga

Havana, Cuba, 1971. Vive em Havana.

Trabalha prioritariamente com videoarte, *performance* e arte relacional. Tem pesquisado a relação entre arte e documentação a partir de obras que podem ser situadas entre o registro da realidade e a construção de ficções. A produção de Luis Gárciga investiga a noção de território dentro do contexto cultural, social e político de Cuba. Em sua trajetória, o artista buscou discutir as diferentes concepções e relações que sua geração, a de seus pais e a de seus avós estabeleceram com a nação e particularmente com o pedaço de terra em que vivem. Sua prática artística aborda a geografia, as fronteiras, os limites físicos e humanos de Cuba sem desprezar as variantes históricas e os acontecimentos mais urgentes da ilha. Seu trabalho é também um modo de romper o isolamento geográfico e comercial de Cuba na era global. Uma de suas experiências mais instigantes se aproveitou da relativa imunidade da arte para conseguir que sapatos atravessassem ilegalmente as fronteiras. O transporte de obras de arte passa a ser um modo de proporcionar aos familiares de cubanos que moram no exterior o envio de produtos para seus parentes que vivem isolados na ilha. Sua obra lida direta e ironicamente com as enormes dificuldades dos trâmites alfandegários.

Os aparatos velhos e em mau funcionamento da parte cubana viajam para compor a instalação na 8ª Bienal do Mercosul. Durante a mostra, os parentes e amigos levam para o armazém



equipamentos e informações que serão enviados para Cuba. O trabalho vai se modificando durante o tempo de exposição, através da substituição de um dispositivo por outro e através da incorporação de toda a informação que, invisivelmente, será traficada para Cuba. As regras alfandegárias e o uso limitado e precário da internet na ilha colaboram para que as distâncias entre Cuba e outros países geograficamente próximos seja ainda maior. **Fibra Óptima** encontra uma brecha no sistema e trata ironicamente das condições atuais que retardam a entrada da tecnologia e de informações na ilha.

Luis Romero

Caracas, Venezuela, 1977. Vive em Caracas.

Um dos principais interesses de Luis Romero é o valor comunicativo dos sinais gráficos no espaço público. Seu projeto *Tipos Móviles* [Tipos Móveis] já foi realizado em contextos muito diversos, como Londres, Cartagena das Índias (Colômbia), Buenos Aires e Bogotá. O processo consiste em identificar no lugar da exposição uma prensa tipográfica, tecnologia obsoleta que está rapidamente desaparecendo ao ser substituída pela impressão digital, mais rápida e barata. Com a ajuda de voluntários, usualmente artistas locais, Romero reativa a prensa e produz com eles uma série de cartazes tipográficos de grande força visual. Alguns dos cartazes têm uma forte intencionalidade política, outros são mais próximos à poesia concreta. Os cartazes são colocados no espaço urbano, onde coexistem com os cartazes comerciais, estabelecendo um interessante diálogo com as retóricas da persuasão publicitária. Romero também se interessa pela linguagem gráfica das bandeiras, que pretendem comunicar, com diferentes tipos de códigos visuais, conceitos abstratos como liberdade, independência, riqueza, poder e território. No contexto de um país em plena revolução política, onde o sistema de museus foi acusado de elitismo, Romero lidera, há seis anos, o Oficina #1, um espaço artístico independente em Caracas.

Para realizar a instalação **Cielo** [Céu] (2010) Romero selecionou as bandeiras nas quais aparecem as figuras do sol, da lua ou das estrelas, bordando essas formas com linha branca sobre tecido negro. As bandeiras mantêm sua estrutura gráfica, mas as cores características são substituídas por esse fundo negro que as unifica. Desligadas de outros elementos, como franjas, escudos e textos, das associações políticas, das cores e das referências religiosas, de formas, como a meia lua ou certos tipos de estrela, as bandeiras configuram um enorme céu cheio de constelações, um utópico território universal. <http://luisromero.com/>

Manuela Ribadeneira

Quito, Equador, 1966. Vive em Londres.

A noção de território é central na prática artística de Manuela Ribadeneira. Seu discurso se desenvolve em torno das implicações políticas, sociais, econômicas, culturais e simbólicas dos limites entre uma coisa e outra. Inclusive, poderia se dizer que suas obras operam sempre a partir de um lugar de mobilidade simbólica, no qual as interpretações mudam e se enriquecem dependendo do contexto em que são mostradas. Informadas por uma análise histórica, suas peças adotam formalmente uma linguagem conceitual sóbria e direta, sem nunca passarem despercebidas, ao mesmo tempo em que estão, em sua maioria, tematicamente ligadas ao contexto do Equador e da América Latina. Radicada na Europa há mais de uma década, Ribadeneira tem aproveitado a distância geográfica de seu país para refletir sobre questões de cunho pós-colonial e da construção de identidade.

Tiwintza mon amour [Tiwintza meu amor] (2005) é uma escultura cuja escala 1:1000 representa 1 km² de selva dentro do território peruano que lhe foi outorgado ao Equador na resolução de um conflito de terras. Um poético comentário sobre os processos de demarcação fronteiriça – muitas vezes absurdos e inflexíveis – e o papel que eles desenvolvem no imaginário nacional.

Tanto *Hago mío este territorio* – um gesto implacável: uma faca na parede que mostra esta frase – como *El arte de navegar* (2011), uma obra realizada especialmente para a Bienal do Mercosul, exploram os ritos de possessão e conquista de território.

Marcelo Cidade

São Paulo, Brasil, 1979. Vive em São Paulo.

O trabalho de Marcelo Cidade se insere nas fronteiras entre espaços externos e internos. Frequentemente, ele opera a partir do deslocamento de objetos cotidianos emblemáticos, como carrinhos de supermercado para discutir o consumismo ou blocos de concreto ou pedaços de calçada para abordar a cidade. Algumas de suas experiências embaralham as marcas já presentes no espaço público, como os vestígios de fogueiras, com intervenções e grafites elaborados para se camuflarem na urbe. A demarcação de território por meio de pichações ou a ironia sobre o controle por simulações de câmeras de vigilância estão entre suas propostas. Em sua pesquisa, o artista aborda a relação do cidadão com o espaço vigiado e agressivo em que vive, rodeado por muros cobertos por cacos de vidro ou espetos antipombos. De modo crítico, ele repensa o território em que vivemos e nos faz refletir sobre a pobreza da vida social urbana. São recorrentes em seu vocabulário elementos cinzas, particularmente o cimento e os instrumentos da construção civil.

Em *Luto e luta* (2008), uma pilha retangular de blocos de concreto, elementos que acionam diretamente a ideia de construção, se apoia sobre a bandeira do Brasil. É como se esses módulos volumosos e pesados formassem uma lápide que encobre o símbolo nacional. Em vez de a bandeira aparecer sobre o túmulo, como nas homenagens aos heróis nacionais, ela surge embaixo, como elemento vencido. O sonho construtivo brasileiro dos anos 1950 – momento marcado pelo otimismo e pelo ideal desenvolvimentista – é um projeto soterrado, uma ruína de algo que não se realizou completamente.

Marcelo Moscheta

São José do Rio Preto, Brasil, 1976. Vive em Campinas, Brasil.

Moscheta é um grande viajante que, desde o início da sua carreira artística, no ano 2000, tem realizado instalações, desenhos e fotografias que nascem de seus deslocamentos por lugares remotos, onde vai juntando objetos que provêm da natureza e que ele reproduz por meio do desenho e da fotografia. Suas obras tentam localizar esses elementos geograficamente, sejam as localizações reais ou ficcionais. Essa experiência de viajar e conviver em ambientes agrestes despertou seu interesse em retratar, por meio de suas obras, a memória de um lugar, elaborando um procedimento de classificação similar ao arqueológico. Entretanto, ainda quando suas instalações incorporam e combinam a coleta de elementos com o desenho, a fotografia e a informação registrada, não existe nele um interesse de transformar a experiência em uma viagem de exploração científica, mas, sim, de questionar, por meio da arte, as fronteiras do território, da geografia e da física. Um fio condutor na obra de Moscheta é a grande fascinação que tem pela natureza, assim como a sua disposição aberta à viagem e à experiência da paisagem. Sua prática não pode ser classificada facilmente; poderíamos dizer que é uma mistura de observação científica e ficcional, *land art* e práticas orientadas pelo lugar.

Dislocando territórios: Proyecto URUGUAY [Deslocando territórios: Projeto Uruguai] (2011) é um trajeto como viajante solitário que o artista realizou no final do mês de abril pela zona fronteira dos pampas, especificamente desde a Barra do Quaraí até Pelotas. Sua experiência reflete o resgate da memória da paisagem, por meio do recolhimento de pedras classificadas e organizadas em seguida. Sua exposição foi realizada na cidade de Pelotas, no Museu de Arte Leopoldo Gotuzo, durante o mês de julho. <http://web..mac.com/marcelomoscheta/moscheta/Home.html>

Marcus Galan

Indianópolis, Estados Unidos, 1972. Vive em São Paulo, Brasil.

É recorrente no trabalho de Marcus Galan a presença de ilhas, linhas de demarcação de territórios, arquipélagos e mapas. Entretanto, ao mesmo tempo em que o artista se aproveita de um dado científico, de certa objetividade geográfica, ele ironicamente retira toda a funcionalidade dos mapas. Em muitos casos ele elabora um mapa borgeano de escala 1:1, cúmulo da inutilidade, uma vez que substitui a própria realidade por uma representação dela de tamanho idêntico. Há algo de absurdo nos mapas de Galan, o recorte destacado é desconstruído a ponto de se tornar qualquer lugar ou nenhum lugar, apenas uma representação abstrata e imprecisa das fronteiras. É como se ele revelasse o modo como os artifícios da ciência tendem a se distanciar da realidade e se tornam incompreensíveis. Em uma série de imagens de zonas fronteiriças de conflitos, ampliada tantas vezes, até chegar à escala real, vemos apenas as fibras e a topografia do papel em que foram impressas. Em geral, há em sua obra uma limpeza formal e simplicidade avessa ao discurso. Apesar de certa aparência geometricamente calculada, há uma ênfase no modo como a percepção constrói limites irreais.

Em ***Uma linha contém infinitos pontos***, o artista rompe os limites da moldura cartográfica e projeta elementos por toda a parede. Elaborado com taxinhas típicas de marcações de mapas, o trabalho se desdobra para além da linha que se esboça, numa soma finita de pontos. Embora a obra parta da definição euclidiana e discuta um postulado geométrico, trata-se de refletir sobre uma fronteira ilusória que aos poucos se dispersa. <http://marcius-trabalhos.blogspot.com/>

Marcos Sari

Porto Alegre, Brasil, 1972. Vive em Porto Alegre.

A paisagem na obra de Marcos Sari proporciona o marco criativo a partir do qual ele explora suas ideias, seus pensamentos e interesses artísticos. Seu trabalho emerge desse contato com a natureza e com a observação pictórica do artista imerso no *landscape*. A pintura e a geometria são o eixo condutor de sua forma de observação, propiciando ao artista a expansão e a transcrição a partir do campo da pintura e da sua forma de representação, até o ilimitado da paisagem. Sari relaciona as cores e os planos da paisagem, que aparecem refletidos tanto em seus cadernos de viagem quanto em suas instalações tridimensionais dentro de espaços expositivos, algo que não acontece em suas intervenções *in situ*. Estas são ações sutis, feitas com materiais do cotidiano, como fita para delimitar um espaço de grama ou uma mudança de cor em um poste para alinhá-lo com o horizonte através de uma fotografia. O artista é respeitoso com a paisagem, já que suas intervenções não permanecem nem agridem o entorno, pelo contrário, tentam preservá-lo sem alterar sua ordem natural. Em seus vídeos, Sari realiza ações miméticas, nas quais se somam a

paisagem e a sua pessoa, que às vezes é visível, se perde e perde todo o protagonismo. Os resultados são produto de suas vivências, sendo a viagem e a intervenção o veículo para chegar à obra final.

Rumo al Sur [Rumo ao sul] (2011). A observação da paisagem na obra de Sari desta vez ocorreu na região dos pampas gaúchos, por onde o artista viajou, acampando na zona rural. O artista realizou diversas intervenções que foram registradas por meio da fotografia e vídeo. Seus cadernos serviram como contentores das suas reflexões pictóricas. Sari inaugurou uma exposição em fins do mês de maio, no Da Maya Espaço Cultural, na cidade de Bagé. <http://marcossari.blogspot.com/>

María Elvira Escallón

Londres, Inglaterra, 1954. Vive em Bogotá, Colômbia.

A aproximação à arte para Escallón vem de seu interesse pela memória, pelo patrimônio, pela natureza e pela cultura. Suas obras, algumas vezes simples intervenções, questionam as formas visuais dos espaços interiores, tanto os de exibição quanto os urbanos, e expõem cruamente lugares esquecidos ou descuidados pela negligência do Estado. Seus projetos são o resultado de pesquisar e observar atentamente o ambiente, que a artista resolve com obras *site-specific* através de diversos meios, como esculturas, instalações e fotografias. Sua crítica foi expandida também para a crise do sistema de saúde pública, evidenciada por meio de intervenções em hospitais que já foram destaque do serviço público de saúde, estando completamente equipados, e que têm sido abandonados e esquecidos. Por outro lado, sua prática insere-se em um contexto interativo e vital, em que sua pesquisa estende-se a outros campos e começa a trabalhar a arte em colaboração com a botânica, a arquitetura e o artesanato. Desenvolve obras vivas, realizando intervenções sobre espécies de flora nativa, em cuja prática mistura conhecimentos de botânica e elementos extraídos da arquitetura colonial local herdada, que se formalizam no trabalho manual. Seus processos são documentados, ao longo do tempo, dada a condição natural de que provêm.

Nuevas flores del sur (2011) exhibe fotografias das intervenções realizadas em uma viagem pela região das Missões. Usando espécies nativas da flora da região, a artista faz entalhes em árvores, conectando os processos de colonização-evangelização e fusão dos Jesuítas em comunidades guaranis. <http://mariaelviraescallon.org/>

María Teresa Ponce

Quito, Equador. Vive em Quito.

Influenciada pela fotografia documental, a obra de María Teresa Ponce conserva o espírito de registro de lugares e situações que caracterizam esse meio. Assim, encontra formas de intervir nas realidades às quais tem acesso, com o intuito de apresentar imagens que dialogam com várias esferas do mundo contemporâneo, bem como com a história da representação.

Oleoducto (2006/2011) é o atual e ambicioso projeto de uma série de fotografias em grande formato que documentam áreas da região andina por onde passam oleodutos. Na América Latina, como em outros lugares do mundo, a exploração de petróleo anda de mãos dadas com sonhos de progresso e modernidades falidas. A pesquisa de Ponce centra-se, por um lado, na história da pintura de paisagem dessa região e, por outro, nas condições atuais desses lugares.

Oleoducto (2011) é a continuação desse projeto em diversas regiões brasileiras por onde passam essas tubulações de petróleo, em uma nova versão realizada especialmente para a *Bienal do Mercosul*. Ponce viajou durante o mês de junho para conhecer e fotografar esses novos panoramas onde se combinam assuntos relacionados à terra, ao poder político, ao meio ambiente e à economia. <http://www.mariateresaponce.com/>

Marina Camargo

Maceió, Brasil, 1980. Vive em Porto Alegre, Brasil.

Sem dúvida, um expoente da mais jovem geração de artistas gaúchos, a artista usufrui de bolsa do DAAD em Munique, onde trabalha atualmente. Signos, letras, palavras, o universo visível e, em particular, o meio urbano, constituem temática recorrente em seu trabalho. Enigmas visuais com a linha do horizonte através de mutações que nos propõe a partir de fotografias, o fascínio pela cartografia, do céu como da terra, independente de conotações políticas, se constituem em alvo de suas projeções poéticas. Ela mesma lembra que “Se os mapas são desenhos que representam lugares, são como as letras, que também são desenhos e estão no lugar da linguagem falada (dando forma à linguagem escrita)”. A viagem ao extremo meridional do país propiciada pela Bienal do Mercosul inspirou Marina Camargo a desenvolver a série de trabalhos para o evento deste ano, tendo em vista “a identidade cultural e geográfica de uma região”, pois, diz poeticamente, ali existe “uma diluição de fronteiras, que não são nem perceptíveis nem pertinentes”. Na verdade, a própria similitude dos céus nessas áreas é como a aparência das águas dos mares em países limítrofes.

A viagem realizada pelos pampas em fevereiro deste ano impulsionou o projeto de *Tratado de limites*, título dos trabalhos de Marina Camargo para esta *Bienal*, pois a artista captou, na ocasião, uma “delimitação geográfica própria” na região. Assim, as obras se intercomunicam como conjunto,



formando um todo, abrangendo da cartografia poética ao som do vento e ao registro de uma instalação. Uma dessas peças é um mapa da região sul do Mercosul, feito de gelo, delimitando as fronteiras formadas, como diz a artista, por seus “mares, lagos ou rios”. À medida que o gelo derrete, os limites se desfazem. Em seu fascínio pela região dos pampas, que Marina identifica de maneira especial com a cidade de Tacuarembó, no Uruguai, ocorre essa diluição de fronteiras. Participou da 7ª Bienal do Mercosul, na mostra *Projetáveis*.
<http://www.marinacamargo.com/site/index.php>

Mark Lombardi

Manlius, Estados Unidos, 1951 – Nova York, Estados Unidos, 2000.

Depois de ter trabalhado como pesquisador para exposições e publicações e como bibliotecário de referência, Mark Lombardi havia acumulado um enorme arquivo sobre escândalos financeiros e suas implicações políticas, e decidiu organizar suas notas com a ajuda de esquemas, os quais se converteram, em 1993, no próprio objeto de seu trabalho: intrincados diagramas que tornam visível a trama de relações entre o poder político e econômico em escala transnacional. Lombardi denominou esses grandes desenhos a lápis sobre papel *estruturas narrativas* e trabalhou neles até sua trágica morte em 2000. Os desenhos de Lombardi oferecem uma estrutura visual a um conjunto de dados e relações aparentemente desconexos, que, de outra maneira, seriam impossíveis de entender como sistema. Baseados inteiramente em arquivos de acesso público, como a imprensa, livros e a internet, os desenhos de Lombardi apresentam relações comprováveis sem estabelecer necessariamente a dimensão de causalidade entre os fatos. Entretanto, seu valor documental é inegável, como fica provado pelo fato de que um de seus desenhos, *BCCI-ICIC & FAB, 1972-91*, foi analisado detalhadamente pela CIA, a raiz dos ataques do 11 de setembro de 2001, em Nova York.

World Finance Corporation and Associates, ca 1970-84: Miami, Ajman, and Bogotá-Caracas (Brigada 2506: Cuban Anti-Castro Bay of Pigs Veteran) (7th version) (1999), cujo título fala por si dos alcances do poder econômico/político na era da globalização, mostra as turvas relações entre uma corporação com base em Miami, o dinheiro proveniente do tráfico de drogas na Colômbia, a CIA e os bancos do Panamá, da Rússia e das Antilhas, entre outros.

Marlon de Azambuja

Santo Antônio da Patrulha, Brasil, 1978. Vive em Madri, Espanha.

Marlon de Azambuja tem um trabalho que parte de uma profunda sensibilidade do espaço. Suas intervenções se relacionam com a paisagem arquitetônica, seja reinventando volumes, seja tecendo comentários bem-humorados sobre a cidade. O mobiliário urbano é geralmente interrogado por seu



traçado de fitas adesivas. De modo sensorial, o artista redesenha espaços tridimensionais e proporciona relações mais sensuais entre o público e a paisagem. Seu método de trabalho envolve uma percepção acuada do lugar e, por isso, o artista consegue como poucos tirar proveito de elementos já existentes, tais como coluna, corrimão e bancos. Em muitos casos, estabelece um diálogo íntimo entre suas intervenções e pequenas modificações na luminosidade. Isso é o suficiente para que suas arquiteturas efêmeras façam o espaço vibrar. Construindo e desconstruindo elementos urbanos, o artista desenvolveu uma série que explora o potencial escultórico da cidade. Ele nos faz refletir sobre a funcionalidade dos objetos e nos faz estabelecer outra relação com as formas presentes em nossa vida cotidiana, invertendo o modo corriqueiro com que nos relacionamos com a cidade. Recentemente, produziu uma série de fotografias em que desconstrói a aparência de imponentes edifícios e reconfigura suas fachadas. Sua obra modifica os códigos habituais a partir de mínimas interferências, muitas vezes revelando como certos elementos arquitetônicos e urbanos agem sobre nossos movimentos. <http://www.marlondeazambuja.com/>

Mateo López

Bogotá, Colômbia, 1978. Vive em Bogotá.

O desenho é o que move toda a prática artística de López. Para ele não há uma definição certa, já que o internaliza como sua maneira de explorar o mundo e representá-lo. Seu desenho não consiste somente em traçar com um lápis algo sobre o papel; implica gerenciar e desenvolver ideias, elaborar pensamentos, provar e refletir acerca de seus próprios limites. Em sua obra, o desenho é explorado, libertado de suas amarras e ampliado em suas possibilidades. Através de sua prática, o artista evidencia seu próprio acontecer diante do papel. Parte de seu interesse artístico tem se associado a projetos que incorporam o ato de viajar, em que a realidade desses deslocamentos e da experiência vivida adquirem forma e testemunho através de anotações, desenhos e maquetes, transformando a prática do desenho em linguagem e registro. Seu trabalho desenvolve-se de maneira processual e suas instalações, muitas vezes, transparecem isso ao incluir, como parte da montagem da obra, os objetos reais que utiliza para criá-la. Nesse sentido, o artista também propõe mexer com esses dispositivos criando outros, que são uma mimese da realidade, feitos com lápis e papel, que inclusive conseguem confundir o espectador. López reflete sobre o valor do desenho como texto. “Ler e observar são a mesma coisa?” É o que se pergunta o artista.

Durante os primeiros dias de junho, López iniciou um percurso cujo destino final foi a cidade de Ilópolis. Através de anotações, desenhos e recolhimento de pequenos objetos, o artista plasmou sua experiência de viagem. Sua grande capacidade de observação e sua destreza no desenho junto às referências históricas da cidade desencadearam o processo criativo para sua obra final. Mateo López realizou uma exposição no Museu do Pão.

Mayana Redin

Campinas, Brasil, 1984. Vive entre o Rio de Janeiro e Porto Alegre, Brasil.

Os desenhos de Mayana Redin constroem geografias fictícias, encontros impensados. Como composições metafísicas, parecem dirigir-se a outra realidade, exterior ao tempo e à história. Mares, montanhas, ilhas, buracos negros, vales e penhascos são alguns dos elementos que integram seus trabalhos, realizados em nanquim, grafite, aquarela ou, ainda, por meio de vídeos e instalações. Topografias fantasiosas, a exemplo do túnel escavado nas páginas de um livro ou da montanha que aos poucos encobre a paisagem, e cartografias imaginadas, como a que faz do mapa de Portugal um arquipélago ou a que sobrepõe o rio Amazonas ao deserto do Saara, são algumas das criações da artista que dão forma ao improvável. A pergunta “E se fosse possível?” parece estar na origem de suas obras, como na videoinstalação *Horizonte alheio* (2009), que aproxima o olhar de duas pessoas separadas por um oceano. Em uma tela vê-se o horizonte filmado a partir da praia de Miramar, em Portugal, na direção suposta da praia de Maria Farinha, no Brasil, de onde o mesmo horizonte é captado e revelado na tela em frente.

Na série de desenhos ***Geografia de encontros*** (2010/2011), Mayana Redin cria cartografias a partir da sobreposição de lugares e paisagens – ou das linhas que circunscrevem suas formas e definem suas fronteiras. Características geográficas, questões geopolíticas, condições históricas e imagens sugeridas pelas palavras inspiram as aproximações promovidas pela artista – como o encontro de todos os países sem mar.

Melanie Smith / Rafael Ortega

Poole, Inglaterra, 1965. Vive na cidade do México. Cidade do México, México, 1965. Vive na cidade do México.

A obra de Melanie Smith envolve o uso de vários meios – pintura, fotografia, vídeo, instalação – como uma maneira de apresentar uma ampla gama de perspectivas angulares, temporais e visuais sobre um mesmo tema. Vistas aéreas, tomadas fixas e em movimento, atrás de câmeras, registros da vida cotidiana da cidade, diferentes graus de urbanização, saturação cromática na paisagem urbana, entre outros. O trabalho em colaboração entre Smith e Rafael Ortega inicia em 1995 e concentra-se naquelas obras que envolvem a imagem em movimento, já que Ortega vem do cinema. Fortemente arraigadas na experiência urbana e no seu repertório visual, suas obras são uma pesquisa em curso sobre o espaço pictórico e o legado da pintura modernista, vistos à luz dos efeitos do capitalismo e em contextos como a Cidade do México, para onde Smith mudou-se em 1989. Nas suas próprias palavras: “eu sinto que estou tentando subverter a abstração, sempre”.

Spiral city (2002), uma de suas obras mais emblemáticas, é uma vista macroscópica da Cidade do México, filmada de um helicóptero, em que o distanciamento gradual da câmera sugere um processo de erosão da paisagem, enquanto esta adquire um caráter escultórico.

Estádio Azteca 2010, proeza maleable [Estádio Asteca 2010, proeza maleável] é uma monumental encenação inspirada nos mosaicos humanos realizados em cerimônias de caráter oficial, que aqui se torna uma crítica à modernidade a partir de vários ângulos: milhares de estudantes formam imagens paradigmáticas da arte do século XX, que se combinam com outras pertencentes ao imaginário histórico e cultural do México.

Miguel Angel Rios

Catamarca, Argentina, 1953. Vive em Nova Iorque e a Cidade do México.

Durante os anos 1990, Miguel Angel Rios realizou um importante conjunto de obras a partir de mapas coloniais reconfigurados do continente americano – dobrados, recortados, alterados –, como uma forma de elaborar uma crítica pós-colonial através dessas cartografias pessoais. Na última década, sua produção se utiliza do vídeo, centrando seus interesses em jogos e tradições populares que dão espaço a discussões sobre assuntos de territorialização, identidade, poder e violência nas sociedades contemporâneas. Uma de suas primeiras obras em vídeo, *Neither color, nor height* [Nem cor, nem altura] (2001), apresenta um Pelé com a camiseta da Argentina e um Maradona com a do Brasil. Esse cruzamento de papéis traz à tona, com humor, os resíduos míticos dos combates que se aglutinam no futebol e em outros esportes de representação local e nacional. As tensões e as situações de coletividade geradas pelos jogos adquirem uma dimensão de confrontação em *On the edge* [No limite] (2005), uma espetacular encenação de um jogo de peões brancos e negros, que faz alusão a questões raciais e de poder.

Mecha (2010) é uma metáfora de guerra construída a partir de um jogo de rua originário de Bogotá e da região andina chamada “Tejo”, que de modo geral consiste em lançar *tejos* de metal em um tabuleiro com pólvora. O vídeo, entre outras coisas, é um comentário contundente sobre a mediatização e espetacularização da violência. Participou da 1ª Bienal do Mercosul, na Vertente Cartográfica e na mostra Último Lustro.

Miguel Luciano

São João, Porto Rico, 1972. Vive em Nova York, Estados Unidos.

A famosa insurreição conhecida como o *Grito de Lares*, em 1868, significou o início de um processo que eventualmente levaria à independência de Porto Rico – que durou pouco, pois os Estados

Unidos, nesse momento, em plena expansão imperialista, ganharam o controle da ilha em 1898, como resultado da guerra contra a Espanha. Desde então, Porto Rico vem mantendo uma ambígua condição nacional que hoje se expressa no *status* de "Estado Livre Associado", no qual a moeda e o passaporte são norte-americanos, mas, ainda, o idioma é o espanhol e a cultura é a caribenha. Dessa última, particularmente a música popular parece ser um dos últimos espaços de resistência cultural dos porto-riquenhos diante do avanço irrefreável da cultura de massa norte-americana na ilha. Miguel Luciano toma traços típicos da cultura *boricua*, os singulariza e propõe obras cheias de humor, em que, frequentemente, o público é convidado a participar. Muitas das suas obras são apresentadas no contexto das comunidades de porto-riquenhos nos Estados Unidos, que nasceram ou cresceram lá, com a nostalgia de uma ilha idealizada que é evocada a partir de fragmentos descontextualizados. Luciano apropria, combina e transforma jogos e ditados populares, comidas de rua e imagens religiosas, "Misturando nostalgia tropical com [elementos] urbanos [...] [que] assinalam a incapacidade das comunidades transplantadas de recriar seu passado".

Na série de pinturas reunidas para a Bienal do Mercosul, Luciano reinterpreta as etiquetas de produtos comerciais impressas em Louisiana, o primeiro porto de entrada de imigrantes porto-riquenhos nos Estados Unidos e uma das primeiras representações da cultura *boricua* neste país. Luciano justapõe imagens de produtos comerciais com ícones religiosos e uma multidão de referências culturais e políticas que falam da difícil relação entre as duas culturas para se referir a questões como identidade nacional, intervencionismo militar, tensões comerciais e anedotas locais. <http://www.miguelluciano.com/>

Nick Rands

Chester, Reino Unido, 1955. Vive entre Londres, Inglaterra, e Porto Alegre, Brasil.

Adotando uma postura bem pouco convencional, a obra de arte para Nick Rands surge de um complexo sistema de tomada de decisões. Números, passos, padrões e direções espaço-temporais se combinam transformando-se na estratégia inicial para o desenvolvimento de suas pinturas, fotografias ou instalações. Embora a obra de Rands possa ser lida pela sua aproximação com o entorno natural e urbano, sua conceitualização artística e quase científica envolve um agir que situa o artista como a ferramenta de execução do sistema idealizado. Ele elabora um padrão inicial cujo resultado final lhe é absolutamente desconhecido, deixando-se levar e surpreendendo-se com o seu resultado, a obra. Habitualmente, o sistema aplicado à ação performática do artista em sua experiência de caminhar – sob princípios matemáticos ou esquemas de repetições – é documentado através de fotografias ou desenhos que logo sobrepõe em camadas ou que anima em vídeos. Do mesmo modo, em seu trabalho pictórico – processo no qual também cria sistemas de ordem – Rands utiliza o barro e as mãos, expandindo as noções de pintura e explorando suas

possibilidades. Sua obra não é produto de uma seleção consciente, mas, sim, de uma metodologia autoimposta que o conduz a experimentar em si mesmo a criação.

A partir de sua prática habitual com noções matemáticas, Rands realizou uma viagem cujo percurso desenha um quadrado no mapa do Rio Grande do Sul, sendo Tavares, Upamaroti, Porto Lucena e Pinhal da Serra os quatro ângulos que conformam a figura geométrica. Após o percurso, o artista realizou uma exposição do seu processo de viagem no anexo do Museu de Arte de Santa Maria (MASM), durante o mês de junho. http://www.nickrands.com/recent_work/recent_work.html

Oliver Kochta-Kalleinen & Telervo Kalleinen

Dupla criada em Helsinque, Finlândia, em 2003. Moram em Helsinque.

O trabalho colaborativo de Oliver Kochta-Kalleinen e Tellervo Kalleinen se une por meio da *performance*, iniciando-se no ano de 2003 com seu projeto *Summit of Micronations*. Nele, os artistas aprofundaram o tema das micronações, cujas comunidades – físicas e/ou virtuais – não se enquadram no reconhecimento político habitual. Essa dupla propôs uma troca entre essas comunidades com estatutos e convicções de vida diferentes do comum. Suas obras fazem constantemente uma observação taxonômica da sociedade. Nelas, a ficção adquire um papel protagonista, na qual, apesar do senso de humor, refletem sobre assuntos tão profundos como a pertença e a identidade que tem o ser humano. Sua produção artística é de natureza projetual. Nela, por meio de filmes fictícios desenvolvidos com a colaboração e a atuação de pessoas (não atores) que vivem situações específicas, questionam seus ambientes de vida, seu trabalho, seus sonhos, desejos e desgostos. O projeto gera uma enorme curiosidade e desperta o voyeurismo do espectador ao querer conhecer a intimidade das pessoas, o que estão desejando, sonhando ou querendo denunciar.

Teutônia complaints choir [Coro de queixas de Teutônia] (2011) é um trabalho em colaboração com a comunidade coral do povoado de Teutônia, que os reúne com a premissa de fazer audíveis suas queixas em forma de um “coro de queixas”. Em exposição encontra-se um vídeo documental que registra a *performance* realizada na cidade de Teutônia. <http://www.ykon.org/kochta-kalleinen/>

Oswaldo Maciá

Cartagena, Colômbia, 1960. Vive em Londres, Inglaterra.

O trabalho de Oswaldo Maciá põe em xeque nossas certezas. Ele nos proporciona um modo de reconhecimento do mundo em que recoloca a percepção no centro. Em vez das experiências estarem subordinadas ao conhecimento intelectual e às convenções, é o contato direto pelos

sentidos que possui a primazia. Ele retira do olho o privilégio do conhecimento e explora sonoridades e olfatos. A partir de imagens, sons e cheiros, sua obra rompe com o objetivismo e valoriza as ambiguidades da percepção. Trabalhando com a colaboração de especialistas em perfume, ele reinterpreto temas clássicos como a pintura *Calúnia*, do artista grego Apeles, retomada por Botticelli. Também realizou uma sinfonia de aromas humanos a partir de uma seleção de cheiros de etnias de todo o mundo. O artista se interessa bastante pelas relações entre olfato, espacialidade e memória. Explora fragrâncias naturais e artificiais e nos faz refletir sobre contradições entre informações olfativas e visuais. Recentemente, pesquisou a noção de equilíbrio a partir dos sons ultrassônicos emitidos por morcegos. São os ecos que ressoam no ambiente e que retornam aos ouvidos desses animais que permitem que eles se guiem e se desloquem pela escuridão. Ao longo de seu percurso, Maciá construiu vídeos, instalações e esculturas sonoras e olfativas que nos fazem perceber o ambiente com mais acuidade e atenção.

<http://www.oswaldomacia.com/>

Pablo Bronstein

Buenos Aires, Argentina, 1977. Vive em Londres, Reino Unido.

Por meio da superposição de capas estilísticas da história arquitetônica, o artista Pablo Bronstein explora a relação corporal, física e política da arquitetura com o ser humano. Para tanto, o artista cria desenhos, vídeos, *performances*, instalações e intervenções no espaço público, nos quais suas referências vão desde a época do barroco até o pós-modernismo. A grande capacidade que o artista possui como desenhista reflete-se em seus desenhos de arquiteturas híbridas, os quais não foram pensados para ser construídos, mas somente respondem a seu interesse principal de idealizar arquiteturas imaginárias. A multiplicidade de formas que adquire sua produção lhe permitiram resgatar, em distintos âmbitos, a fastuosidade característica desses estilos. Ademais, seus trabalhos gerem uma revisão histórica da arquitetura; o artista estuda os movimentos corporais sintomáticos da época – *sprezzatura*. Assim, em suas *performances* e vídeos – executados por dançarinos – Bronstein destaca o gesto, conseguindo que público e performistas se fundam em um espaço determinado pela arquitetura, tornando consciente no espectador o deslocamento de seu próprio corpo no espaço.

Islamic culture in southern Spain – 1000 years of celebration [Cultura islâmica no sul da Espanha: 1000 anos de celebração] (2010) consiste em uma série de 10 aquarelas propostas para uma exposição. Elas encenam a mistura entre a região do sul da Espanha e a do norte da África. Através de um olhar irônico, o artista representa a fictícia união, por meio do harmônico convívio dessas duas culturas.

Paco Cao

Nascido em Tudela Veguin, Asturias, 1965. Vive e trabalha em Nova Iorque.

Cao ganhou renome em 1996 com o projeto *Rent a body* [Aluga-se um corpo] (1993/1999), que convertia seu corpo em um objeto acessível por meio de uma simples transação econômica, a partir da qual o locatário usaria seu corpo para toda série de atividades ou ações. Cao, que tem doutorado em história da arte, demonstra em sua obra seu conhecimento de história, embora também some a isso uma profunda reflexão dos diversos dispositivos teóricos e conceituais. Desde seus primeiros projetos, o corpo tem sido um interesse constante para Cao, assim como os diferentes usos dele como veículo de erotismo, religião, ícone histórico etc. Seu projeto *Do you look like JP?* [Você se parece com JP?] (2003), consistiu em organizar um concurso para encontrar um dublê do personagem Juan de Pareja, retratado por Velázquez em 1650. A consciência da história e a tentação de inserir a ficção em suas narrativas manifestam-se em seu projeto *Félix Bermeu: vida soterrada* (2004/2005), que consiste em escrever e publicar uma biografia romanceada do personagem de mesmo nome, apresentado como documento histórico, porém inteiramente fabricado pelo artista.

El veneno del baile (Venenum saltationis) [O veneno do baile] consiste em uma instalação de viés histórico sobre um livro homônimo perseguido pela Inquisição. Originalmente realizado como um longa-metragem, pesquisado e filmado na República Dominicana, *El veneno del baile* narra a maneira em que as culturas africana, europeia e americana fundem-se para gerar um tipo de baile proibido, praticado secretamente pelas elites governantes ao longo das gerações. A versão apresentada na Bienal estabelece vínculos desse tema com o contexto local e histórico de Porto Alegre. A ambiguidade da narrativa de Cao nesse projeto, assim como sua complexa e sutil rede de referências históricas e culturais, provoca uma reflexão sobre a superstição, o papel da colonização na construção de imagens mágicas do “outro” e a forma em que elas se apresentam através de expressões culturais como o baile.

Paola Parcerisa

Assunção, Paraguai, 1968. Vive em Santiago, Chile.

Quando nos aproximamos da obra de Paola Parcerisa, podemos perceber certos gestos recorrentes em seu processo criativo. Identidade, hibridação e migrações são temas que frequentemente estão sendo questionados por ela; muito provavelmente, devido à própria experiência deslocada de nascer num país e viver em outro. Seu trabalho artístico tomou referentes nacionais e latino-americanos como pontos de partida, elaborando várias intervenções em que a artista procura a forma de tornar evidentes as falências burocráticas e o abandono em que vivem os cidadãos menos favorecidos pelas políticas governamentais desse momento, ironizando, em algumas ocasiões,

discursos que foram emudecidos por um agir inoperante. Suas intervenções procuram aprofundar tal questão a partir do cotidiano, como uma forma de mexer nos espaços sociais, a partir do lugar em que se estabeleceu cada indivíduo. Uma forma de aprofundar suas reflexões tem sido utilizar emblemas pátrios, como a bandeira nacional. Neles, Parcerisa depositou suas inquietações a respeito de como funcionam hoje esses símbolos que ostentam um caráter identitário comum, atualmente apagados pela saudade e pelos fracassos da própria vinculação com cada um dos nossos países.

Bandera vacía [Bandeira vazia] (2006) é uma obra em que a bandeira, como símbolo de identidade nacional e emblema representativo de uma ideologia compartilhada, é alterada, tirando o tecido de cor interior e mantendo somente suas costuras e emblema central. Essa operação de esvaziamento expõe a ausência ou a crise das ideologias e a sensação de desenraizamento por essa falta de identidade e compromisso. <http://www.paolaparcerisa.cl/>

Paulo Climachauska

São Paulo, Brasil, 1962. Vive em São Paulo.

A obra de Paulo Climachauska trabalha, sobretudo, com a operação de subtração e de retirada. Trata-se, geralmente, de um resultado negativo, de um *déficit* que vai além da abstração numérica e se aproxima de questões econômicas, sociais e políticas. Em sua trajetória, ele realizou uma série de painéis em que redesenhou imagens por meio de contas de subtração. Diversos símbolos arquitetônicos que definem a nação e seus valores são esvaziados e silenciados pelas operações matemáticas do artista. Há no discurso desses trabalhos uma crítica ao projeto desenvolvimentista brasileiro e à sua arquitetura moderna. Mais do que lidar com a aparência de prédios emblemáticos, interessa ao artista suas implicações políticas e econômicas. O enfraquecimento do Estado-Nação, devido ao poder econômico do capitalismo financeiro e de empresas transnacionais, que pregam a ideia de soma e acumulação, encontra o seu reverso na subtração dos ícones nacionais. A falência da nação surge de modo simbólico e, paradoxalmente, pela construção. Mesmo quando o artista elege a natureza como tema, está implícito no trabalho as consequências e os sentidos políticos, como, por exemplo, o símbolo do poder nas palmeiras imperiais plantadas por Dom Pedro II no Jardim Botânico do Rio de Janeiro.

A série de trabalhos sobre o **Complexo do Alemão** foi realizada bem antes das recentes ações do Estado, que tentou pacificar alguns dos territórios cariocas sobre os quais não tinha qualquer domínio. A bandeira e o passaporte, além dos desenhos cartográficos dos morros, são modos de compreender que há uma micronação paralela que possui territórios autônomos no interior de uma das maiores cidades do país; como se as favelas do Complexo do Alemão fossem áreas subtraídas do Estado brasileiro. <http://pauloclimachauska.com/>

Paulo Vivacqua

Vitória, Brasil, 1971. Vive no Rio de Janeiro, Brasil.

Paulo Vivacqua trabalha essencialmente com o som, mas na sua qualidade física, como onda que faz vibrar corpos. Um som que tende a se transmutar em contato sensorial direto, que ressoa no público e no espaço. Seu trabalho proporciona uma relação renovada com a arquitetura. Fios e alto-falantes de diferentes tamanhos não são escamoteados; ao contrário, formam desenhos orgânicos, objetos, além de funcionarem como fonte visível de ruídos. O artista trabalha também em instalações a partir de diversos materiais como areia, vidro, espelho, luz e projeções em vídeo. Seus sons produzem estruturas musicais que ativam a imaginação e geram espaços profundos.

Em um de seus projetos, ele construiu uma sinfonia de múltiplas vozes sobre o antigo bairro carioca de São Cristóvão. A partir da combinação de depoimentos sobre várias épocas, colhidos de seus frequentadores, ele formou um mosaico sonoro. O artista realizou trabalhos em que ocupou territórios com poucos elementos visuais e sonoros, produzindo atmosferas distintas a partir da combinação de sonoridades e luzes. Em seu percurso, a partir de diversos canais de áudio, provoca uma fusão em que já não se sabe se os sons são próprios do ambiente ou projeções da memória do lugar. O artista borra as fronteiras entre música experimental e arte contemporânea, assim como acaba com qualquer oposição entre som e espaço. Participou da 5ª Bienal do Mercosul no Vetor Transformações do Espaço Público – obras temporárias.

Pedro Palhares

São Paulo, Brasil, 1978. Vive em São Paulo.

Pedro Palhares tem um trabalho multidisciplinar e experimental. Possui pesquisas em fotografia, *performance*, música, vídeo e cinema. Realizou filmes de curta metragem e desenvolve constantemente investigação sobre processos fotográficos, sobre a construção da imagem e da memória. ***Quadraturas (série paisagem sonora)*** é um projeto que vem se desenvolvendo e se ampliando desde 2004. Trata-se de uma espécie de rede que conecta as pessoas a partir do som. Feita com espessos canos de PVC, de comprimentos variáveis e suspensos por cabos de aço, essa rede transforma e amplifica os sons do ambiente em zumbidos contínuos, parecidos com aqueles que ouvimos ao colocar uma concha no ouvido. Construiu também um corredor sonoro feito por canos suspensos e alinhados em uma sequência determinada, formando uma frase musical. O ritmo da música se dá de acordo com a velocidade com que o ouvinte atravessa o corredor polifônico. A música só pode ser escutada se o ouvinte se movimentar. Em sua obra, sons quase imperceptíveis presentes no dia a dia e em espaços expositivos são amplificados pelos tubos. Notas de sonoridades são produzidas tendo como matéria-prima a poluição sonora. Com a justaposição



de sons de diferentes texturas presentes na cidade, ele produz acordes surpreendentes. De tão recorrentes, esquecemos que certos ruídos interferem em nosso corpo e tendemos a abstraí-los. Seu trabalho nos faz refletir sobre a presença constante de sons em nosso entorno que, em geral, passam despercebidos. Participou da 7ª Bienal do Mercosul, no programa Radiovisual – projeto Ao Redor de 4'33”.

Raquel Garbelotti

Dracena, Brasil, 1973. Vive em São Paulo, Brasil.

No início de sua trajetória, Raquel Garbelotti se dedicou ao trabalho com miniaturas em madeira, mobiliários doméstico e vistas aéreas de micropaisagens. Interessou-se pelas construções arquitetônicas e desenvolveu uma série chamada *Imóveis*. Particularmente, a casa possui uma presença central em sua produção, bem como sua relação com a paisagem. Se talvez ela tenha surgido de indagações do universo infantil, como uma miniatura de brinquedo – e, de fato, a investigação sobre os jogos infantis reaparece em projetos posteriores –, a casa adquiriu proporções reais. Um de seus trabalhos consistiu na construção de uma casa pré-fabricada no Parque Ibirapuera, em São Paulo, mas que, em vez de lugar de refúgio e abrigo seguro, era inacessível, apenas podia ser penetrada pelo olhar. Nos últimos anos, a artista tem se dedicado à discussão sobre a presença do audiovisual em espaços expositivos, sobre reflexividade dos mecanismos de apresentação dos projetos em artes e sobre a relação entre estrutura discursiva e distanciamento crítico.

Juntamentz (2006) é fruto de uma pesquisa acadêmica e de um trabalho etnográfico aberto, realizado pela artista e por alguns estudantes. É uma espécie de mapeamento poético da presença da comunidade pomerana no estado brasileiro do Espírito Santo. Se a Pomerânia é um país que politicamente não existe, seu território pertence atualmente à Alemanha e à Polônia, os membros dessa comunidade são prova de que uma nação pode resistir mesmo sem deter plena autonomia política sobre uma área. Nessa comunidade agrícola, a língua pomerana permanece como um elemento marcante de identidade do grupo. A palavra *juntamentz* significa, em pomerano mutirão, trabalho em grupo, e sua escolha como título da obra indica o modo como se dá as relações entre os cidadãos dessa outra nação no Brasil. Participou da 7ª Bienal do Mercosul, na mostra *Árvore Magnética*.



Regina Silveira

Porto Alegre, Brasil, 1939. Vive em São Paulo.

Regina Silveira é amplamente conhecida por seu trabalho sobre as convenções da representação e por sua pesquisa de décadas sobre a luz e a sombra. Muitas de suas obras têm uma aproximação fenomenológica, privilegiando o paradoxo visual e a experiência corporal sobre consequências de cunho mais político ou sociológico. Entretanto, a sombra tem implicações complexas na linguagem e, em consequência, Silveira a utiliza para fazer comentários sobre o poder, como em *Os grandes* (1981), em que um grupo de personagens com aparência de políticos ou dirigentes projeta enormes sombras sinistras; ou como em *Encontro* (1991), em que cada personagem projeta a sombra de uma arma ou ferramenta de aspecto ameaçador. Em *Paradoxo do santo* (1994), Silveira contrapõe uma imagem de um pequeno santo popular que representa Santiago Matamoros com a sombra da estátua equestre do Duque de Caxias, patrono militar do Brasil, para fazer um poderoso comentário sobre duas formas de dominação na América Latina: a militar e a religiosa.

To be continued... (Latin American puzzle) é um quebra-cabeça gigante, cujas peças, apesar de se encaixarem perfeitamente, nunca conseguem armar uma imagem global correta ou completa. Cada uma delas tem imagens estereotípicas de América Latina: Che Guevara, Carlos Gardel, a Virgem de Guadalupe, os monumentos equestres dos precursores da Independência, os *mariachis*, as igrejas coloniais, as guerrilhas revolucionárias, as culturas indígenas pré-colombinas, os animais andinos, as frutas tropicais, Carmem Miranda, os militarismos... Nas palavras de Silveira, “a montagem do quebra-cabeça compõe inevitavelmente narrativas abertas e caóticas que misturam diferentes geografias, épocas e culturas. Uma obra (quase diria ‘turística’) que revela o olhar precário do ‘outro’ estrangeiro, que conhece apenas, quando muito, estereótipos da nossa cultura e ‘paisagens’”. Participou da 2ª Bienal do Mercosul no vetor Projeção/Pintura.
<http://reginasilveira.uol.com.br/>

Rogério Severo

Uruguiana, Brasil, 1966. Vive em São Leopoldo, Brasil.

Fios, lâminas, serras, varetas, ioiôs, pesos, grampos e outros objetos comuns e materiais de ferro velho compõem as instalações de Rogério Severo. Sob a forma de redes ou circuitos, elas respondem ao espaço onde são construídas. É ele que orienta a distribuição das peças, ainda que os desenhos criados pareçam se manter em aberto, como se pudessem ter seus vetores e linhas de força reconfigurados a qualquer instante. A sugestão de movimento é dada pelo jogo entre tensão e equilíbrio e pelo modo como o artista revela, no próprio trabalho, as operações que o constituem: as

amarras, flexões, pesos, contra-pesos, trações, fixações etc. “O que está à mostra não é um projeto acabado, mas, sim, possibilidades, fragmentos, intenções”, explica Severo.

O imprevisto e a adaptação são centrais no processo criativo do artista. Apesar da simplicidade de procedimentos e materiais, suas obras não se filiam a uma “estética da gambiarra”. Falam, antes, de uma espécie de inteligência dos objetos, do modo como eles conformam nossos espaços e da possibilidade que guardam de se reinventarem. Aspectos como esses estão presentes no trabalho desenvolvido para a vitrine da Casa M, onde contenção e distensão dão ritmo a um desenho espacializado. <http://www.rogeriosevero.com.br/>

Rommulo Conceição

Salvador, Brasil, 1968. Vive em Porto Alegre, Brasil.

Desde suas primeiras experiências, Rommulo vem trabalhando a partir do modo como a arquitetura configura espaços. Primeiro, atuou em lugares específicos, como a fachada de uma casa prestes a ser demolida e a torre de um antigo casarão. De uns tempos para cá, passou a trabalhar com espaços mais genéricos: salas de estar, cozinhas, banheiros, corredores, supermercados – ambientes que trazem consigo uma espécie de identidade. Um conjunto de características que os diferencia de outros espaços e lhes permite atender a determinadas funções. Ou alguém consegue imaginar um quarto de dormir sem uma cama? À primeira vista inquestionáveis, nossas ideias e percepções sobre espaços cotidianos são colocadas em xeque pelas criações do artista, sejam elas fotografias, desenhos, objetos ou instalações. Ao aproximar realidades tão distintas quanto uma cozinha e um banheiro ou um cinema e um supermercado, Rommulo embaralha construções identitárias aparentemente fixas. Cria ambientes deformados, lugares desconcertantes, ainda que impecavelmente bem acabados e muitas vezes funcionais. A ambiguidade que marca seus trabalhos, ora mais sutil, ora mais agressiva, também parece ser responsável pela atração que elas exercem ao nosso olhar.

Para a vitrine da Casa M, o artista cria uma peça – meio objeto, meio lugar – que condensa fragmentos da arquitetura da casa. <http://rommulo.com/>

Sanna Kannisto

Hameenlinna, Finlândia, 1974. Vive em Helsinque, Finlândia.

A artista finlandesa Sanna Kannisto realiza pela arte o que, em outras disciplinas, se denominaria *trabalho de campo*. Kannisto acompanhou expedições científicas em selvas tropicais do Brasil, da Guiana Francesa e da Costa Rica com a intenção de criar sua própria documentação, liberada por

completo dos imperativos da ciência: objetividade, técnica, método e rigor. Com a ajuda de um simples dispositivo de iluminação e uma tela branca, a artista fotografa espécimes botânicos ou zoológicos sem necessidade de retirá-los de seu habitat natural. O processo de Kannisto soluciona por meio da fotografia e do vídeo um dos problemas que enfrentavam os expedicionários científicos dos séculos XVIII e XIX (que juntavam mostras que serviriam de referência para que desenhistas profissionais da Europa realizassem as ilustrações de uma realidade que não conheciam): como representar, de maneira fidedigna, uma realidade distante a partir de fragmentos de espécimes frequentemente desnaturalizados pelo tempo e pela distância? Mediante seu trabalho *in situ*, Kannisto atualiza a tradição das ilustrações botânicas e reduz a distância entre experiência e representação da natureza.

Bee studies: orchid bee males, gravado em plena selva, encena a disputa territorial por um pequeno prato que foi impregnado com a essência de um tipo particular de orquídea. O vídeo mostra a difícil coexistência entre machos da mesma espécie em um espaço limitado – até que chegam vespas de uma espécie diferente, complicando ainda mais o balanço de identidade, poder e território. <http://www.sannakannisto.com/>

Santiago Sierra

Madri, Espanha, 1966. Vive em Madri.

Mediante ações que envolvem pessoas que recebem salário mínimo, outras intervenções públicas e escultóricas, Santiago Sierra expõe o mecanismo capitalista do trabalho remunerado, desmascarando as estruturas de poder que mantêm invisíveis os trabalhadores dentro do sistema capitalista – ao mesmo tempo em que manifesta a relação endêmica da arte com esse sistema. Esse é um artista polêmico, que desconfia da noção marxista de classe trabalhadora, capaz de mudar a sociedade por meio da revolução do sistema. Não é a luta de classes o central para ele, mas sim a identidade dos trabalhadores. A relevância de suas obras – que são formalmente sofisticadas e fazem referência à arte dos anos 1960/70 – baseia-se na maneira com que elas traçam novas formas de ver, de tornar visível aquilo que passa despercebido ou que se mantém na sombra. Portanto, a natureza política de sua obra não está unicamente na crítica aos mecanismos de dominação, mas, sim, no seu potencial sensorial de criar um impacto no político; de acionar ingerências no cotidiano e, por extensão, na lógica do consenso político.

Hinos de Argentina, Brasil, Chile, Paraguai e Uruguai, reproduzidos ao mesmo tempo e continuamente (2007) é uma peça sonora que converte em um concerto cacofônico os hinos desses países, todos pertencentes ao Mercosul. Essa obra foi apresentada pela primeira vez no Cabildo de Montevideú, Uruguai, cidade sede do tratado de livre comércio da América do Sul. <http://www.santiago-sierra.com>

Sealand

Micronação criada em 1967.

Com um território de pouco mais de 500 m², o principado de Sealand é considerado o menor país do mundo. A micronação foi criada em 1967 por Paddy Roy Bates, ex-major do Exército britânico, sobre uma antiga base militar instalada a 11 km da costa oeste da Grã-Bretanha, em águas então de domínio internacional. Utilizada pela Inglaterra durante a Segunda Guerra Mundial, a plataforma estava abandonada há mais de vinte anos quando Roy a ocupou com sua família, proclamando seu próprio Estado e concedendo a si mesmo o título de príncipe. Oito anos mais tarde, Bates promulgou a constituição do país, que a essa altura já contava com brasão, bandeira, hino, selos e moeda nacional. Embora a soberania de Sealand não seja reconhecida internacionalmente, dois episódios reforçam sua proclamada independência. O primeiro é a declaração da corte inglesa, em 1968, de que o território não estaria sob sua jurisdição por não pertencer ao Reino Unido – que mais tarde viria a ampliar seu domínio marítimo. E o segundo é o envio de um diplomata alemão, em 1978, para negociar a liberação de um grupo de homens mantidos presos em Sealand após terem sequestrado o filho de Roy, Michael Bates, numa tentativa frustrada de tomar o país.

Como parte de sua *ZAP*, Sealand apresenta uma seleção de imagens, objetos e documentos acumulados ao longo de seus quarenta anos de existência, além de um documentário que relata essa história. Um representante da micronação recebe os visitantes no local e esclarece informações sobre o país.

Sebastian Romo

Cidade do México, México, 1973. Vive em Mérida, México.

As múltiplas obras de Romo podem parecer diferentes ou dispersas entre si, mas nelas há certas noções que resultam dominantes ao longo de toda sua produção. Existe o denominador comum de uma profunda pesquisa e de um estudo relacionado à história da arte, à arquitetura e ao tempo. Tais questionamentos o conduziram a analisar aspectos formais e vivenciais da arte. Por sua vez, dentro de seus processos, a exploração de territórios e a viagem são parte integrante de sua prática como artista. Por meio da execução de atos cotidianos, seu roteiro vai dissecando, de maneira diferente, um transeunte qualquer. Em seu pensamento, as práticas cotidianas são matéria-prima para o desenvolvimento de suas obras, as quais geralmente são produto de padrões e sistemas que o artista estabelece com antecedência, entregando-se ao acaso de uma resposta orgânica de uma situação específica. Este agir do artista pelo tempo e pelo espaço toma forma, às vezes, por meio da escultura ou da fotografia, referida metaforicamente, mas nem sempre por seu valor visual. Sua maneira de entender a arte é a partir da vivência mesma, em que a conjunção arte-vida é parte integrante de Sebastián Romo como pessoa.

A região fronteira dos pampas, especialmente a comunidade binacional de Santana do Livramento (Brasil) e Rivera (Uruguai) – cidades divididas somente por uma fronteira imaginária – foi o cenário que acolheu o artista, onde ele se envolveu com a comunidade, realizando oficinas em escolas e concebendo a obra exibida nesta exposição. Romo realizou uma mostra no Centro de Estudos Fronteiriços da UFPel, na cidade de Santana do Livramento, a qual se estendeu até o mês de julho.

Slavs and Tatars

Coletivo fundado em 2005, integrado por Kasia Korzcak (Polônia, 1976) e Payam Sharifi (Estados Unidos, 1976). Atua entre Bruxelas, Moscou e Cambridge.

Slavs and Tatars autodefine-se como “uma fração de polêmicas e intimidades dedicadas a uma região a leste do antigo muro de Berlim e a oeste da muralha da China, conhecida como Eurásia”. O coletivo gera uma grande quantidade de projetos que abarcam desde publicações até instalações a céu aberto e eventos teóricos, sempre focados em explorar o legado histórico do país eslavo, do Cáucaso e da Ásia Central. Slavs and Tatars utiliza frequentemente a sátira e a ironia como armas para ressaltar os vários estereótipos culturais sobre a região, contrapondo essas estratégias ao politicamente correto, assim como à ansiedade do “outro” que existe no ocidente. O coletivo parte conscientemente do romantismo orientalista para colocar o dedo na ferida das tensões culturais e políticas globais e, assim, provocar a reflexão em torno dos convencionalismos de percepção entre leste e oeste.

O projeto de Slavs and Tatars para a Bienal do Mercosul é uma série de estruturas em forma de casas de chás sobre camas (river beds). Esse tipo de cama é recorrente na região do Cáucaso e na Ásia Central em chai-khanehs [casas de chás]. Nesses espaços, os visitantes ocasionalmente poderão tomar chá branco e vermelho, simbolizando as duas grandes narrativas geopolíticas do século XX e XXI (islamismo e comunismo). Além disso, as camas contêm uma série de publicações de seu projeto 79.89.09, que é a reunião de publicações relacionadas à revolução iraniana de 1979 e ao movimento de Solidariedade na Polônia, de 1989, ambos eventos que moldaram a política da região. <http://www.slavsandtatars.com/>

Tatzu Nishi

Nagoya, Japão, 1960. Vive em Berlim, Alemanha, e Tóquio, Japão.

Apesar de elaborar diferentes projetos de intervenções urbanas, Tatzu Nishi é mundialmente conhecido por criar novos ambientes e produzir contextos em que a relação que os cidadãos estabelecem com monumentos históricos se aproxima do campo privado. A partir de andaimes e estruturas provisórias de construção, que permitem que o público tenha acesso aos monumentos

sob outro ponto de vista, o artista produz salas de estar mobiliadas e quartos de hotel em que fragmentos de monumentos públicos e ícones religiosos se tornam adornos de mesas de centro e enfeites domésticos. De modo bem-humorado, sua obra ressalta pequenos elementos dos monumentos que passam despercebidos no cotidiano, além de atribuir novos sentidos às estátuas. Ao lançar um olhar descontraído e irreverente aos ícones urbanos, sua obra rompe com a formalidade e com o modo distanciado com que essas obras aparecem na cidade. Ao vermos os monumentos pomposos a partir de um patamar mais igualitário, ou seja, eliminando as bases das estátuas, o público estabelece uma relação informal e menos aurática com o patrimônio histórico. Tatzu Nishi vem produzindo trabalhos em que rearticula mobiliários urbanos, luminárias públicas e experiências com guindastes. Realizou também projetos no interior de instituições museológicas, nas quais criou contextos banais para obras modernas, inserindo, por exemplo, uma cozinha completa ao redor de uma pintura e proporcionando um contato nada usual com a história da arte.

<http://www.tatzunishi.net/>

Tiago Giora

Porto Alegre, Brasil, 1978. Vive em Porto Alegre.

Mais do que criar novas formas, os trabalhos de Tiago Giora sublinham desenhos e estruturas já existentes nos lugares onde se inscrevem. A invisibilidade que a arquitetura acaba adquirindo com o tempo é o ponto de partida para suas criações. Apagamento, preenchimento, rebatimento e derramamento são algumas das operações utilizadas para reconfigurar espaços, fazendo reverberar certas características e rearticulando também nossa percepção sobre os lugares. É o caso da instalação *Fluorescentes* (2009), criada para o Centro Cultural São Paulo, em que o artista estendeu até o chão o traçado formado pelas centenas de lâmpadas que iluminam o prédio, chamando a atenção para uma das marcas do local. Já na intervenção *De Dentro* (2007), realizada no Torreão, em Porto Alegre, dois cantos da sala expositiva foram seccionados por planos de gesso, apagando parte dos rodapés, paredes, teto e janelas. Em ambos os projetos, como em tantos outros desenvolvidos por Giora, as inserções absorvem o lugar, tornando indiscernível o que é obra e o que é contexto.

Na Casa M, o artista partiu do desenho formado pela arquitetura interna da morada para desenvolver uma intervenção na vitrine e fachada, acentuando as conexões entre o interior e o exterior do sobrado e questionando o que percebemos e o que deixamos de perceber.

<http://tiagogiora.wordpress.com/>

Torolab / Raúl Cárdenas

Coletivo fundado em 1995 por Raúl Cárdenas na cidade de Tijuana.

Raúl Cárdenas - Mazatlán, México, 1969. Vive em Tijuana e São Francisco.

Torolab é um coletivo originado na cidade fronteiriça de Tijuana, que, de maneira multidisciplinar, pesquisa questões focadas no melhoramento da qualidade de vida, implementando projetos nos quais se entrecruzam urbanismo, cartografia, arquitetura, segurança, alimentação e sustentabilidade, entre outros temas. Os projetos de Torolab inscrevem-se dentro do que se conhece como “práticas sociais”, obras que têm um forte componente social e cujo impacto estende-se além do âmbito artístico. O número de integrantes desse coletivo depende em grande medida da natureza de cada situação, visto que, segundo as necessidades, se integram especialistas e organizações ao processo de trabalho. Sua prática é claramente contextual e está baseada em pesquisas de campo que os levam a encontrar-se com situações e conhecimentos que dificilmente se refletem em estudos estatísticos. Um exemplo disso é COMA, um complexo projeto sobre os sistemas de consumo e distribuição de alimentos e que tenta combater a má nutrição, através da criação de um alimento que contenha os elementos faltantes na dieta média do mexicano e que seja economicamente acessível.

HOMELAND: the lu Mien farm tapes (2009/2011) trata de territórios do lar e, através do registro de um processo de transações/traduições/transições traça os resíduos culturais e costumes de uma comunidade chinesa em deslocamento, que se encontra nos Estados Unidos, depois de já haver se mudado da China para o Vietnã e o Laos. <http://www.torolab.org>

Uriel Orlow

Nasceu em Zurique, Suíça. Vive e trabalha em Londres, Inglaterra.

Investigar, selecionar, reordenar e criar narrativas antes invisíveis é onde se enraíza a poética artística de Uriel Orlow. Sua obra costuma acontecer a partir de espaços específicos que ficaram esquecidos ou se encontram perdidos dentro dos fatos históricos coletivos de uma determinada sociedade. Suas instalações mesclam elementos fílmicos com dispositivos de investigação arquivística, propondo intervenções multimídias como resultado da sua reflexão e análise. Orlow traz à luz, através do seu olhar seletivo, novas narrativas que buscam preencher a fissura histórico-temporal de sucessos determinados, em que sua forma de narrar joga constantemente com os espaços físicos e temporais associados à história. Assim, entre suas obras, podem ser vistos eventos que ocorreram em um mesmo lugar em tempos diferentes ou de maneira inversa, eventos que ocorreram paralelamente no tempo, mas em territórios geograficamente longínquos. Mesmo quando o resgate de fatos históricos é parte fundamental da sua práxis e pode aproximar-se muito

ao labor de um historiador ou etnógrafo, Orlow nunca deixa de realizar uma conexão com o presente e uma reflexão sobre o passado, sempre a partir da arte.

The short and the long of it (version 5) (2010/2011) é uma instalação multimídia que conta a história não oficial de quatorze navios presos durante oito anos no Canal de Suez por consequência do seu fechamento (1967), produto da Guerra dos Seis Dias. Orlow investiga esse evento, seleciona, ordena e contextualiza a informação por meio de arquivos e projeções paralelas que expõem o lento passar do tempo no Canal e a grande quantidade de eventos que se sucederam neste mesmo tempo no ocidente. A obra nos mostra como as diferentes políticas dos tripulantes se apagaram com o passar do tempo, criando sua própria comunidade. <http://www.urielorlow.net/>

Valeska Soares / O Grivo

Belo Horizonte, Brasil, 1957. Vive em Nova York, Estados Unidos.

Belo Horizonte, 1990. Vivem em Belo Horizonte.

Valeska Soares trabalha com diferentes suportes – instalações, desenhos, esculturas, jardins, vídeos – lidando também com sons e odores. Ao longo de sua trajetória, recorreu, entre outros, a materiais como mármore, cera, aço inoxidável e espelhos. Sua obra aborda o vazio, a ausência, afetos e memórias, mas sempre buscando envolver o público. Em geral, a artista estabelece uma relação ilusionista e sensual com os sentidos, como se tentasse manipular e enganar nossa percepção. Elaborou também projetos em que inventou distintos modos de espacialização de textos escolhidos de Ítalo Calvino, de Roland Barthes e de catálogos de instituições de arte.

O Grivo é formado por uma dupla de músicos: Nelson Soares (Belo Horizonte, 1967) e Marcos Moreira (Belo Horizonte, 1967). O grupo já compôs trilhas para cinema, vídeo e dança; e já realizou trabalhos em colaboração com vários artistas, entre eles Cao Guimarães e Valeska Soares. Em geral, seus integrantes constroem engenhocas mecânicas e bem-humoradas que se transformam em instrumentos musicais. Apesar de privilegiarem o som, não há oposição entre a aparência visual e a sonoridade das geringonças. A dupla trabalha com grande diversidade de procedimentos, além de fazer performances e improvisações com equipamentos eletrônicos e acústicos. Interessam-se pelo movimento do som, pela singularidade de certos ruídos e pela potência sonoroespacial das instalações que realizam.

Vitor Cesar

Fortaleza, Brasil, 1978. Vive em São Paulo, Brasil.

As noções de público e esfera pública são caras ao trabalho de Vitor Cesar. Muitas vezes apresentados em espaços não artísticos, como as ruas de São Paulo ou Fortaleza, seus projetos quase sempre envolvem uma estratégia de comunicação com o outro e uma problematização do contexto em que se inserem – ou dos discursos que alimentam o imaginário sobre determinado lugar. Cartazes, painéis e letreiros são alguns dos dispositivos utilizados pelo artista em propostas que se confundem com práticas e elementos da vida comum. É o caso da ação em que o artista disponibilizou um serviço de xerox que realizava cópias gratuitas de materiais com a palavra “público”, ou do cartaz distribuído por Fortaleza com a inscrição “permitido”, seguindo o mesmo padrão visual das placas de trânsito, ou, ainda, da inscrição “artista é público” disposta em letras de alumínio no saguão de um centro cultural. Quem são os públicos da arte? Quais as relações entre artista e público? É possível constituir uma esfera pública por meio da arte? Discussões como essas permeiam os trabalhos de Vitor Cesar e parecem ganhar força na medida em que o contato com suas obras se dá sem a intermediação institucional da arte – isto é, sem que se saiba, necessariamente, que se tratam de projetos artísticos. <http://www.vitorcesar.org/>

Viviane Pasqual

Caxias do Sul, Brasil, 1966. Vive em Caxias do Sul.

Viviane Pasqual é uma contadora de histórias. Suas pinturas, desenhos e objetos criam personagens e sugerem situações, enredos, cenários, como se nos convidassem a animar as imagens ou a fazer delas uma sequência de quadros. A referência ao *cartoon* aparece não só no traço, mas na presença constante do humor – como nas placas que anunciam o “churrasquinho do lobo gordo a 1,75 cruzeiros”, o “mocotó de lambê os beijo”, o “vira-lata nervoso” ou o “clube dos albinos anônimos”. Dizeres jocosos e irreverentes compõem seus trabalhos, reforçando o traço cartunista das obras e a alusão ao universo popular, seja pelas inscrições, muitas vezes retiradas de anúncios encontrados na rua, pelo despojamento das imagens e soluções gráficas ou pelos materiais utilizados. Placas, letreiros, rótulos e bolachas de chope são alguns dos elementos que dão suporte às histórias de Viviane.

O acúmulo e a repetição – para cada série, são dezenas e dezenas de trabalhos – são aspectos importantes de sua obra e também os procedimentos que guiam o projeto desenvolvido para a vitrine da Casa M.

Voluspa Jarpa

Rancagua, 1971, Chile. Vive em Santiago, Chile.

Uma permanente alusão a significados opostos tem marcado e transitado pelo trabalho artístico de Jarpa. Tanto em suas pinturas como em suas instalações, a artista tem explorado significados como o público e o privado, os terrenos baldios contidos na urbe, a história e a não história, entre outros. Entretanto, a artista tem desdobrado em sua obra pictórica as análises formais desta disciplina, questionando os mecanismos de reprodutibilidade e do fazer manual, imersos na obra de arte. Suas referências conceituais têm sido marcadas por um interesse histórico vinculado à prática do arquivo como espaço de memória de uma coletividade. Assim, Jarpa tem incorporado em seus trabalhos o uso de símbolos pátrios, como emblemas e ícones da nação por um lado – a bandeira e o monumento – e emblemas de esquecimento por outro – o terreno baldio e a meia-água. Tem questionado o significado fazendo uma releitura destes ícones como memória enaltecida, enfatizando sua contrapartida na existência dos terrenos baldios como sintoma histórico de uma sociedade. Neste vai e vem de lembrados e esquecidos, fez-se presente em sua obra a noção de memória apagada como história oculta; arquivo velado e mudo, que desencadeou as práticas atuais de uma história/histeria coletiva.

La no-Historia [A não História] (2011) expõe arquivos desclassificados pelo Serviço de Inteligência norte-americano dos últimos quarenta anos, relativos ao Cone Sul (Argentina, Chile, Uruguai, Paraguai e Brasil). Dois tomos, com livros editados com estes documentos instalam um arquivo-biblioteca de uma história censurada, com textos rasurados e secretos: a não história desvelada. Participou da 3ª Bienal, na Vertente Poéticas Pictóricas.

Yanagi Yukinori

Fukuoka, Japão, 1959. Vive em Tóquio e Nova York.

O tema da imigração gera posições controversas: há quem afirme que o imigrante erode a cultura do país anfitrião até desnaturalizá-la; outros consideram que a imigração é o necessário aporte cultural para uma sociedade diversa. Em tempos de globalização e de conflitos regionais ainda por resolver, a migração forçada ou voluntária continua sendo um fenômeno central que questiona as definições tradicionais de nação, fronteira e identidade. Yanagi Yukinori considera que os limites geográficos são cada vez mais uma ficção – como as bandeiras – devido aos constantes movimentos transnacionais. Seus trabalhos mais conhecidos consistem em realizar bandeiras de países com areias coloridas em caixas de acrílico, organizadas em retículas segundo relações geopolíticas (antigas colônias com o país colonizador, os países das Américas, os do litoral do Pacífico etc.). As bandeiras adjacentes se conectam por meio de pequenos tubos de plástico.

Yanagi libera colônias de formigas, que vão cruzando as bandeiras com seus túneis no seu incansável ir e vir, misturando grão a grão as cores, hipoteticamente “até conseguir uma grande bandeira universal”. As granjas de formigas de Yanagi alegorizam os movimentos migratórios entre países através do trabalho das formigas, erodindo a suposta integridade cultural dos Estados-Nação, expressa num de seus símbolos mais recorrentes.

Mercosul (2011) mostra as bandeiras dos países do bloco geopolítico do chamado Cone Sul, complementadas pelas das Guianas, territórios situados na América do Sul, porém distanciados culturalmente do resto do continente por sua condição colonizada ou remota. As formigas vão construindo seus túneis, estabelecendo pontes entre as nações alegorizadas nas bandeiras, minando a integridade visual delas e propondo uma utópica integração regional. Ironicamente, a cultura, através da Bienal do Mercosul, tem sido mais efetiva em conseguir o livre intercâmbio de capital simbólico entre os países da região do que o tratado de livre comércio, que até agora não logrou derrubar as barreiras estabelecidas pelos interesses comerciais de cada nação.
http://www.yanagistudio.net/profiel_eng.html

Yasmín Hage

Cidade da Guatemala, Guatemala, 1977. Vive na Cidade da Guatemala.

Em várias das suas obras, Yasmín Hage tem se interessado em mostrar as sequelas da guerra de mais de três décadas que assolou a Guatemala, tanto no corpo social como no território. Em *Madera-Bala* (2005) faz disparos a duas árvores com as armas utilizadas pela guerrilha e pelo exército respectivamente, e logo “desenrola” a árvore mediante o processo industrial de elaboração do compensado (*plywood*). No processo, aparece na madeira a trajetória de cada projétil: os efeitos do conflito no território são assim expressados em duas linhas paralelas idênticas. Segundo a artista, a “palavra *trajetória* [...] conota a noção temporal, o passado e o presente da biografia do projétil, digamos uma pequena biografia da guerra, ao mesmo tempo remete ao efeito físico, à pegada, à estampa, à cicatriz, à intervenção, à memória material”. As guerras na América Latina, mesmo tendo fundamentos ideológicos, terminaram sendo lutas fratricidas, em que os combatentes sempre provêm das classes populares.

Em *Aldea Modelo, pequeña historia, 1984* [Aldeia Modelo, pequena história, 1984] (2006/2011) Hage reconstrói em escala uma aldeia construída pelo exército da Guatemala para fazer visível a presença do Estado em áreas rurais, substituindo comunidades remotas por povoados planejados como polos de desenvolvimento para tirar a legitimidade e apoio civil às guerrilhas. O trabalho de Hage se apresentou originalmente como um museu local, com os elementos de sinalização próprios dos sítios arqueológicos; posteriormente, foi mostrado como uma instalação de fotos, vídeos e maquetes que se assemelham a livros animados infantis.

Ykon

Coletivo formado por Oliver Kochta-Kalleinen e Pekko Koskinen em 2003. Vivem em Helsinque, Finlândia.

Ykon tem o propósito principal de apoiar o desenvolvimento e a sustentabilidade de todos os tipos de utopias, micronações e formas experimentais ou alternativas de sociedade. O grupo foi formado depois da primeira *Cumbre de Micronaciones* [Cúpula Mundial de Micronações], organizada em Helsinque como parte do festival de *performance Amorph!*, em 2003. O evento reuniu líderes e representantes de nações fictícias ou reais, que estabeleceram um espaço para a autoafirmação libertária, “lembrando que *nacionalidade* e *Estado* são constructos mentais e socioculturais recentes, que podem ser substituídos por outras formas de envolvimento e identidade”. Ykon interessa-se por temas como as economias alternativas, a arquitetura social, o desenho espacial, a educação experimental e o pós-nacionalismo. Como alternativa ao formato hierárquico do seminário ou da conferência magistral, Ykon desenvolveu o *Ykon Game*. Inspirado no *World Game* do utopista norte-americano Richard Buckminster Fuller, o *Ykon Game* é um jogo de interpretação de personagens que incentiva a reflexão ativa sobre a resolução pacífica de conflitos. O *Ykon Game* será jogado na 8ª Bienal do Mercosul como parte do projeto pedagógico.

A ***Geopoetic flag workshop*** [Oficina de bandeira geopoética] (2011) é uma obra participativa, na qual o público é convidado a criar uma bandeira como resultado de uma oficina de dois dias. Ykon propõe ao público cortar as bandeiras das 203 nações oficialmente aceitas pela ONU em suas diferentes cores e formatos, para logo reordená-las em uma grande bandeira coletiva. O propósito da oficina é incentivar a discussão sobre as convenções que regulam este onipresente elemento de grande carga simbólica. <http://www.ykon.org/news.html>

YOUNG-HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES

Coletivo formado em 1999 por Young-Hae Chang e Marc Voge. Vivem em Seul, Coreia do Sul.

Os coreano-americanos YOUNG-HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES são muito conhecidos por seus textos animados em *Flash* e acompanhados por *jazz*, usualmente composto e interpretado por eles mesmos. A maioria de suas obras tem como suporte a *web*, embora sejam apresentadas no contexto expositivo como videoinstalações. O som está sincronizado com a cadência dos textos e suas mudanças de escala e cor, conseguindo efeitos dramáticos com recursos muito simples. Em muitas ocasiões, a música repetitiva consegue gerar um estado de concentração total no espectador, uma espécie de transe. Reduzir seu vocabulário visual a uns poucos elementos (letra tipo *Mônaco* e cores básicas como branco, preto e vermelho) tem permitido a eles centrar-se, quase que exclusivamente, no conteúdo: as obras de YOUNG-HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES têm uma estrutura narrativa e exigem que o visitante – como em um filme – permaneça até o final, dado



que são pequenas histórias poéticas sobre a vida, que envolvem decisões de ética, moral e política, narradas com sutil humor e muito sarcasmo.

Em ***Cunnilingus in North Korea***, YOUNG-HAE CHANG HEAVY INDUSTRIES criam um discurso para Kim Jong-il, líder comunista da Coreia do Norte, dirigindo-se aos cidadãos de Coreia do Sul, seu vizinho capitalista. Com frases como “O sexo dialético é essencial para um comunismo de sucesso” ou “Vocês são escravos da inibição sexual burguesa”, o tema da liberdade sexual é utilizado para falar de temas como a igualdade, a censura e a autodeterminação. A profunda ironia desse texto, de grande dinamismo visual, pontuado pela sensual voz de Nina Simone, exacerba-se ao ser atribuído ao líder de um país amplamente conhecido por sua repressão às liberdades individuais. <http://www.yhchang.com/>



Patrocinadores e apoiadores

Com aprovação pelo MINC – Ministério da Cultura, através da Lei Rouanet, a 8ª Bienal do Mercosul está orçada em R\$ 12,5 milhões. Essa edição conta com a adesão das seguintes empresas e instituições:

Minc - Ministério da Cultura / Governo Federal - realização

Pró-Cultura RS / Secretaria do Estado da Cultura do Rio Grande do Sul / Governo do Rio Grande do Sul - Financiamento

Gerdau - Patrocinador Master

Petrobras - Patrocinador Master

Banco Itaú - Patrocinador do Projeto Pedagógico

Santander Cultural - Patrocinador da Mostra Eugenio Dittborn

Oi - Patrocinador da Mostra Cidade Não Vista

Banrisul - Apoiador Especial da Mostra Além Fronteiras

CEEE – Companhia Estadual de Energia Elétrica do Rio Grande do Sul - Apoiador Especial

Grupo RBS - Apoiador do Projeto Pedagógico

Grupo SLC - Apoiador da Mostra Geopoéticas

Vonpar - Apoiador da Casa M

Crown Embalagens - Apoiador

Lojas Renner - Apoiador

Lojas Pompéia - Apoiador

Panvel - Apoiador

Irani Celulose - Apoiador

Procempa - Empresa de Ti da 8ª Bienal do Mercosul

ICBNA – Instituto Cultural Brasileiro Norte-Americano – Apoiador

Dez Propaganda - Apoiador

Oi Futuro - Apoio Institucional

Prefeitura Municipal de Porto Alegre - Apoio Institucional

SPH – Superintendência de Portos e Hidrovias - Apoio Institucional

MARGS – Museu de Arte do Rio Grande do Sul - Apoio Institucional

Centro Cultural CEEE Erico Verissimo - Apoio Institucional

APEX – Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos – Apoio Institucional

Japan Foundation - Apoio Governamental

Ministério da Cultura da Colômbia - Apoio Governamental

Consulado Geral do México - Apoio Governamental

Conaculta - Consejo Nacional para la Cultura y las Artes (México) - Apoio Governamental

Aliança Francesa - Apoio Governamental

Consulado Geral da França - Apoio Governamental



Ministério da Cultura

Com a temática "Ensaio de Geopoética" esta 8ª Bienal do Mercosul procura refletir o que está ocorrendo no campo das artes visuais hoje no mundo todo: as fronteiras entre as linguagens vibram com maior interatividade, dialogam entre si com maior frequência e ocupam espaço e tempo de forma mais extensa. As fronteiras se interpenetram com maior liberdade, da mesma forma com que as relações transterritoriais entre nacionalidades e culturas se ampliam. É nessa troca que cresce o Mercosul, dentro de uma grande rede colaborativa que tem a cultura como fator de agregação e afirmação.

Diálogo e interação foram para o centro da arte; e o artista, para o centro do debate. O artista, que vem a ser mediador de sua própria obra, alia-se a um compromisso público, indo além da missão de mostrar a sua arte, educando, formando e dialogando através dela. Entra em cena um novo artista: como sujeito urbano, educador e construtor de espaços de comunicação.

A arte contemporânea vem se transformando em um amplo sistema de comunicação entre linguagens autônomas, exigindo cada vez mais acontecimentos como esta Bienal, nos quais o debate se estabelece de forma a compreender e refletir este século.

A Bienal do Mercosul também inova ao apresentar um forte projeto educativo que coloca a atividade pedagógica como elo de comunicação entre a criação artística e o público. Assim, as mais diversas formas de expressão são traduzidas em práticas e exercícios de reflexão, fundamentais ao desenvolvimento e à interação dos países do Mercosul.

Para estarmos em condições de superar desafios no tempo presente, é fundamental que aproximemos o Brasil dos países latino-americanos, tornando esta uma região com intensos fluxos e interatividade, que venha a delinear outras geografias estéticas e novos conceitos de contemporaneidade.

Ana de Hollanda, Ministra de Estado da Cultura do Brasil





Governo do Rio Grande do Sul

A Bienal do Mercosul é um evento extraordinariamente importante do nosso estado. Trata-se de uma exposição que já possui um grande prestígio mundial. Sempre tive orgulho de ter ajudado, desde os primórdios, inclusive na fundação do projeto. Procurei o Governo Federal para que a Bienal do Mercosul se tornasse um evento emblemático para o Rio Grande do Sul – e isso ocorreu. Aliás, pode-se dizer que a Bienal faz muito jus ao que nós estamos pensando no Rio Grande do Sul, porque é um evento do estado, do país e do mundo. Parabéns aos envolvidos na organização e aos participantes.

Tarso Genro, governador do Rio Grande do Sul

Porto Alegre e a Bienal do Mercosul

A Bienal do Mercosul é hoje um dos principais eventos da cena cultural do nosso Estado, mas principalmente da Nossa Porto Alegre.

A cada edição, esse evento que nos enche de orgulho, dá a nossa Cidade um papel de destaque, de protagonista, grifando nome da Capital gaúcha no “mapa mundi” dos mais importantes eventos da arte contemporânea internacional.

José Fortunati, Prefeito de Porto Alegre



Gerdau participa da construção do maior evento de arte latino-americana: a 8ª Bienal do Mercosul

A Gerdau, por meio do Instituto Gerdau, incentiva a arte latino-americana participando na governança e no patrocínio da Bienal do Mercosul, desde a sua criação, em 1995. O projeto da oitava edição do evento reafirma o papel das artes na sociedade e confirma a continuidade de um dos mais importantes programas de arte educação já desenvolvidos.

Nesta edição, assim como nas edições anteriores, os colaboradores da Gerdau irão participar como voluntários, facilitando a visita de entidades assistidas pela empresa e apoiando na condução de atividades do evento. Além disso, eles serão responsáveis pelo apoio na divulgação da Bienal junto aos seus colegas de trabalho, amigos e familiares.

A Gerdau é líder na produção de aços longos nas Américas e uma das maiores fornecedoras de aços longos especiais no mundo. Possui mais de 40 mil colaboradores e presença industrial em 14 países, com operações nas Américas, na Europa e na Ásia, as quais somam uma capacidade instalada superior a 25 milhões de toneladas de aço. É a maior recicladora da América Latina e, no mundo, transforma, anualmente, milhões de toneladas de sucata em aço. Com cerca de 140 mil acionistas, as empresas de capital aberto da Gerdau estão listadas nas bolsas de valores de São Paulo, Nova Iorque, Madri e Lima.

Petrobras

A Bienal do Mercosul é, sem perder seu foco, um evento cada vez mais internacional. Na edição deste ano, estão presentes obras de mais de uma centena de artistas de 31 países – não apenas da América Latina, mas dos Estados Unidos, da Europa, da Ásia e do Oriente Médio.

Uma vez mais, a Petrobras, maior empresa brasileira e maior patrocinadora das artes e da cultura em nosso país, está presente na Bienal de Artes Visuais do Mercosul. Ao patrocinarmos o evento, reafirmamos nosso compromisso com os esforços de integração regional dos países latino-americanos.

Banco Itaú

“O Itaú entende que o desenvolvimento de uma sociedade crítica e independente só é possível com a preservação e o acesso à cultura. Por isso, o banco incentiva a cultura brasileira e da América Latina por meio de projetos como o Itaú Cultural, a preservação de acervos de obras de arte e o patrocínio de exposições e eventos com repercussão internacional, como a Bienal do Mercosul. Também mantém parcerias com secretarias estaduais e municipais de cultura e educação, museus e centros culturais”, afirma Fernando Chacon, diretor executivo de Marketing do Itaú Unibanco.

O Itaú Unibanco é hoje um dos 10 maiores bancos do mundo em valor de mercado. Sua atuação se estende a mais de mil municípios brasileiros, além de agências e escritórios em 19 países das Américas, Europa e Ásia. Com mais de 108 mil colaboradores em todo o Brasil, o Itaú Unibanco conta hoje com uma rede de 4,9 mil agências e postos de atendimento bancário e mais de 30 mil caixas eletrônicos. O Itaú Unibanco encerrou o 1º semestre de 2011 com lucro líquido de R\$ 7,1 bilhões e os ativos consolidados somaram R\$ 792,5 bilhões. O patrimônio líquido totalizava R\$ 66 bilhões em 30 de junho de 2011.

Santander – área de cultura

Com projetos que respeitam as demandas e os repertórios locais e contribuem para a transformação social, o Santander atua na área da cultura com foco no desenvolvimento do setor, seja em ações institucionais, programas, projetos ou nas unidades culturais.

O Santander Cultural tem sede em Recife e Porto Alegre. Juntas, as duas unidades já receberam cerca 3,5 milhões de frequentadores desde 2000. Desempenham uma função educativa, desenvolvendo iniciativas com um olhar global, mas atento às necessidades e aos perfis locais. Tendo como principal foco de atuação as artes visuais, a música e a educação, as unidades contam ainda com ações como encontros, seminários, oficinas, palestras e várias outras atividades de reflexão.

A unidade em Porto Alegre desenvolve também importantes iniciativas na área de cinema e acervo da moeda e tem uma área de gastronomia (com um Restaurante e Café) e um Telecentro Cultural, que promove a inclusão digital para a terceira idade. A unidade em Recife mantém a Biblioteca Marcantonio Vilaça, especializada em arte, arquitetura, moda e fotografia, aberta ao público para consulta e também o acervo de obras contemporâneas da Coleção Marcantonio Vilaça.

Oi

É com grande satisfação que a Oi patrocina, na 8ª Bienal do Mercosul, a execução de um projeto de intervenção urbana que democratiza a arte nas ruas da cidade de Porto Alegre: *Cidade Não Vista*. O objetivo é instalar obras de arte em nove locais do centro despercebidos pela maioria dos moradores – e, assim, resgatar o valor e reinventar cada um desses espaços da capital gaúcha.

Uma intervenção urbana como a planejada em *Cidade Não Vista* viabiliza o contato direto de todas as camadas de público com a obra de arte. Assim, democratiza a informação, convida o espectador a apreciar o espaço da exposição – trecho da cidade que passa a merecer um novo olhar – e, em última análise, concorre para a conquista da plenitude da cidadania.

Cidade Não Vista se alinha ponto a ponto com as diretrizes de patrocínio da Oi e do Oi Futuro, seu instituto de responsabilidade social. Assinale-se que Oi Futuro dá apoio institucional não só a esse projeto, mas a todas as atividades da 8ª Bienal do Mercosul.

Banrisul incentiva a produção artística na 8ª Bienal do Mercosul

O Banrisul exerce um papel fundamental na economia do Estado como agente financeiro para promover os setores produtivos, além de estar integrado às comunidades na prestação de serviços e no incentivo das potencialidades culturais. Nesse contexto, está inserido o apoio do Banco à realização da 8ª Bienal do Mercosul, que demonstra o compromisso da instituição com o fortalecimento das manifestações artísticas.

O Banrisul é o apoiador especial da mostra *Além Fronteiras*. É com grande satisfação que o Banrisul participa desse evento, que é referência no mundo das artes, oferecendo a oportunidade para a população gaúcha ter acesso ao que está sendo produzido por artistas da nossa terra e de além fronteiras.

CEEE

O Grupo CEEE está sempre próximo das artes no Rio Grande do Sul. O incentivo à socialização da Cultura, especialmente a produzida pelos gaúchos e para os gaúchos, é comprovado pelos mais de mil projetos apoiados pela Empresa somente nos últimos três anos, e que englobam as mais diversas manifestações artísticas realizadas no Estado. Uma prova de respeito e valorização à arte é a manutenção de um espaço nobre, no centro de Porto Alegre, totalmente dedicado à Cultura, que amplifica e valoriza as ações dessa natureza.

O Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, além de guardar a história da energia elétrica, da Empresa e do Estado, oferece infraestrutura adequada para que o número de pessoas desenvolvendo criações artísticas diversificadas cresça, fomentando a economia desse importante segmento que se mostra cada vez mais produtivo.



Pelo respeito e admiração as artes plásticas, o Grupo CEEE orgulha-se de participar desta Bienal que se consolida como um evento para consagração de artistas renomados e também para promoção de novos talentos. Este ano, pela oitava vez como patrocinadora, orgulha-se também em ter o Centro Cultural CEEE Erico Verissimo, seu braço cultural, recebendo algumas atividades correlatas ao evento.

O Grupo CEEE, pelo seu caráter de empresa pública entende o seu papel no desenvolvimento e promoção de acesso a todas as manifestações artísticas sejam as produzidas pelos gaúchos ou aquelas que tragam ao povo rio-grandense a oportunidade de se inspirar com tudo o que a cultura nos traz.

Grupo RBS

Apoiar um evento com a dimensão da 8ª Bienal do Mercosul não é apenas um desejo do Grupo RBS. Significa também tornar real a prática dos nossos valores como empresa. Promover causas importantes das nossas comunidades e investir recursos em benefício de ações de interesse coletivo estão no nosso DNA, e muito nos orgulhamos de contribuir para o desenvolvimento de nossa sociedade.

Oferecer aos gaúchos o melhor da arte contemporânea nos ajuda a estabelecer uma conexão forte com os nossos públicos por meio da promoção da cultura no nosso Estado. Como uma empresa multimídia, focada na produção de conteúdo e entretenimento para todas as plataformas de comunicação, sabemos da importância de cultivar novos olhares sobre as pessoas, os fatos e os objetos – algo com que as exposições artísticas em muito contribuem. Ao apoiar mais uma vez o Projeto Pedagógico, a RBS reafirma o seu compromisso com a educação e a arte.

Fundado em 31 de agosto de 1957 por Maurício Sirotsky Sobrinho, o Grupo RBS é uma das maiores empresas de comunicação multimídia do Brasil e a maior afiliada da Rede Globo. Com mais de 6 mil colaboradores, produz e distribui informações jornalísticas, de entretenimento e de serviços por meio de suas diversas plataformas de comunicação. Opera ainda eventos, negócios digitais, projetos em mobile e na área de educação executiva.



Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul

Criada em 1996, a **Fundação Bienal de Artes Visuais do Mercosul** é uma instituição de direito privado, sem fins lucrativos, que tem como missão desenvolver projetos culturais e educacionais na área de artes visuais, adotando as melhores práticas de gestão e favorecendo o diálogo entre as propostas artísticas contemporâneas e a comunidade. Nos anos ímpares, a Fundação promove o evento **Bienal do Mercosul**, reconhecido como o maior conjunto de eventos dedicados à arte contemporânea latino-americana no mundo, oportunizando o acesso à cultura e à arte a milhares de pessoas, de forma gratuita.

Ao longo de sua trajetória, a Fundação Bienal do Mercosul sempre teve como missão a ênfase nas ações educativas e os seguintes princípios norteadores: foco na contribuição social, buscando reais benefícios para os seus públicos, parceiros e apoiadores; contínua aproximação com a criação artística contemporânea e seu discurso crítico; transparência na gestão e em todas as suas ações; prioridade de investimento em educação e consolidação da Bienal como referência nos campos da arte, da educação e pesquisa nessas áreas.

Em catorze anos de existência, a Fundação Bienal do Mercosul realizou **sete** edições da mostra de artes visuais, somando **444** dias de exposições abertas ao público, **57** diferentes exposições, **3.882.672** visitas, acesso totalmente franqueado, **1.034.898** agendamentos escolares, **180.089 m²** de espaços expositivos preparados, áreas urbanas e edifícios redescobertos e revitalizados, **3.664** obras expostas, intervenções urbanas de caráter efêmero e **16** obras monumentais deixadas para a cidade, **138** patrocinadores e apoiadores ao longo da história, participação de **1.261** artistas, mais de **mil** empregos diretos e indiretos gerados por edição, além de seminários, palestras, oficinas, curso para professores, formação e trabalho como mediadores para **1.248** jovens. A Diretoria e os Conselhos de Administração e Fiscal da Fundação Bienal do Mercosul atuam de forma **voluntária**.

Todos os eventos e ações da Fundação são oferecidos gratuitamente ao público, com recursos incentivados por uma grande rede de patrocinadores, parceiros e apoiadores.



Conselho de Administração

Jorge Gerdau Johannpeter – Presidente

Justo Werlang – Vice-Presidente

Adelino Raymundo Colombo

Elvaristo Teixeira do Amaral

Eva Sopher

Evelyn Berg Ioschpe

Francisco de Assis Chaves Bastos

George Torquato Firmeza

Hélio da Conceição Fernandes Costa

Hildo Francisco Henz

Horst Ernst Volk

Ivo Abrahão Nesralla

Jayme Sirotsky

Jorge Polydoro

Julio Ricardo Andrighetto Mottin

Liliana Magalhães

Luiz Antonio de Assis Brasil

Luiz Carlos Mandelli

Luiz Fernando Cirne Lima

Mauro Knijnik

Paulo César Brasil do Amaral

Péricles de Freitas Druck

Raul Anselmo Randon

Renato Malcon

Ricardo Vontobel

Sérgio Silveira Saraiva

Sergius Gonzaga

William Ling

Conselho Fiscal

Jairo Coelho da Silva

José Benedicto Ledur

Ricardo Russowsky

Mário Fernando Fettermann Espíndola

Rudi Araújo Kother

Wilson Ling



8ª Bienal do Mercosul

Diretoria

Luiz Carlos Mandelli – Presidente

Beatriz Bier Johannpeter – Vice-Presidente

André Jobim de Azevedo – Diretor Jurídico

Ana Luiza Mariano da Rocha Mottin – Diretora de Publicações

Anete Maria Abarno Peres – Diretora Municipal

Antônio Augusto Pinent Tigre – Diretor de Marketing

Claudio Teitelbaum – Diretor de Qualidade

Gaudêncio Fidelis – Diretor Estadual

Heron Charneski – Diretor do Núcleo de Documentação e Pesquisa

José Paulo Soares Martins – Diretor de Captação

Justo Werlang – Diretor Conselheiro

Léo Iolovitch – Diretor Institucional

Mathias Kisslinger Rodrigues – Diretor Administrativo / Financeiro

Patrícia Fossati Druck – Diretora Adjunta

Renato Nunes Vieira Rizzo – Diretor de Espaços Físicos

Roberto Schmitt-Prym – Diretor Estadual

Telmo Netto Costa Júnior – Diretor de Redes Sociais

Curadoria

José Roca – Curador Geral

Alexia Tala, Cauê Alves e Paola Santoscoy – Curadores Adjuntos

Pablo Helguera – Curador Pedagógico

Aracy Amaral – Curadora Convidada

Fernanda Albuquerque – Curadora Assistente

Conselho Casa M

Alexandre Santos, Camila Gonzatto, Gabriela Motta, Jezebel de Carli, Léo Felipe e Neiva Bohns

Equipe

Administração

Volmir Luiz Giliolli – Coordenação Administrativo–financeira
Diego Poschi Vergottini – Coordenador de TI
Anderson Luan Souza Rodrigues – TI
Guilherme França Moares e Darlan Luís Heckler Piper – Apoio Administrativo
Luisa Schneider, Pedro Paulo da Rocha Ribeiro e Teresinha Abruzzi Pimentel – Tesouraria e Contabilidade
Mariana Vieira Vargas – Secretária Administrativa
Andréa Vitorino e Jenifer Santos Sebben – Recepcionistas
Rodrigo Silva Brito – Compras
Tatiana Machado Madella – Auxiliar Administrativo

Captação de Recursos

Michele Loreto Alves – Assessora de Captação

Marketing

Karina Roman – Coordenação Geral
Gabriella Tachini – Coordenação Operacional
Meg Turatti Peres – Assistente
Angélica Seguí – Mídias Digitais
Bibiana Bolson Pereira – Eventos e Recepção para Grupos Especiais
Cristina Fensterseifer Maldonado – Produção Programação Visual

Assessoria de imprensa

Adriana Martorano – Coordenação
Bruna Paulin, Liege Ferreira, Juliana Claus Prato e Ricardo Romanoff – Assistentes

Núcleo de Documentação e Pesquisa

Fernanda Ott – Coordenação
Nádia Tanaka – Bibliotecária
Jaqueline Santos Sampaio e Carolina Sinhorelli de Oliveira – Assistentes

Projeto Pedagógico

Mônica Hoff – **Coordenação Geral**
Gabriela Saenger Silva – **Coordenação Operacional**
Carina Levitan e Liane Strapazzon – **Produção**
Júlia Coelho – **Assistente**

Cursos para Professores

Ana Paula Monjeló e Rita Coronel Ribeiro da Rosa – Produção
André Rocha, Estêvão Haeser, Diana Kolker Carneiro da Cunha, Jorge Bucksdricker – Educadores

Formação de Mediadores

Ethiene Nachtigall – Coordenação Operacional
Juliana Costa e Karina Finger – Assistentes
Rafael Silveira da Silva – Coordenação Modalidade EAD
Gabriela Bon – Assistente Técnico Modalidade EAD
Adriana Daccache, Carolina Mendoza, Cláudia Hamerski, Janaína Czolpinski, Juliana Pepl e Karine Storck – Assistentes–tutores Modalidade EAD

Agendamento

Potira Preiss – Coordenação
Márcio Oliveira e Milene Coelho – Supervisão
Ana Francisca de Sá Sartori, Cássius Athayde Valter, Fabiane Crescêncio Trindade, Fabrício de Albuquerque Sortica, Taís Soares Rodrigues e Tiago Soares Rodrigues – Agendadores

Atendimento ao público / Equipe de mediação

Ethiene Nachtigall – Coordenação Operacional
Juliana Costa – Assistente



Carla Borba, Janaina Czolpinski, Karina Finger, Roger Kichalowsky – Coordenação Espaço Educativo
Adriana Daccache, Angela Francisca Almeida de Oliveira, Carolina Mendoza, Claudia Hamerski, Diana Kolker Carneiro da Cunha, Elisa Pedroso de Moraes, Juliana Pepl, Karine Storck, Márcio Lima Melnitzki, Maria Helena Pinto Gaidzinski, Maroni Klein, Rafael Silveira da Silva e Rita de Cássia Sousa da Silva – Supervisão
Daniela Simões de Souza, Graziela Seganfredo, Iliriana Fontoura Rodrigues, Lisiane Rabelo Machado, Marcelo Eugenio Soares Pereira, Rafael Araújo, Regina Lúcia Veiga Oliveira, Renata Elisa Dornelles, Rita Coronel da Rosa Ribeiro, Rubia Pezzini, Valéria Rodrigues Payeras, Vanessa Silveira Fagundes e Vivian Andretta Rodrigues Meirelles – Assistentes

Produção

Fábio Coutinho – Produção Executiva
André Severo e Germana Konrath – Coordenação Geral
Ágata Baú – Assistente de Coordenação
Casa M | Paula Krause – Gestão; Fernanda Marques – Assistente
Mostra Além Fronteiras | Aduany Zimovski – Produção; Tito Grillo – Assistente;
Camila Schenkel – Assistente Gal Weinstein; Giorgio Ronna – Assistente de pesquisa
Mostra Cadernos de Viagem | Maíra Borges – Produção; Daniela Mazzilli – Assistente
Mostras Cidade Não Vista e Continentes | Dulphe Pinheiro Machado – Produção; Letícia Menetrier – Assistente
Mostra Eugenio Dittborn | Luciane Bucksdricker – Produção; Jorge Bucksdricker – Assistente
Mostra Geopoéticas | Mariana Xavier e Ramiro Azevedo – Produção; Marco Mafra, Camila Machado, Patrícia Barbieri e Priscilla Kern – Assistentes
Receptivo | Patrícia Savaris – Produção; Elizangelem Marques Viana – Assistente

Editorial

Alexandre Dias Ramos – Coordenação
Eduardo de Souza Xavier e Francesco Souza Settineri – Assistentes

Museografia

Eduardo Saorin – Projeto e Coordenação Geral
Helena Cavalheiro – Projeto e Produção Executiva
Crislaine Araújo, Juliana Ziebell e Mariana Bogarín – Assistentes

Montagem de obras

Alexandre Moreira – Supervisão
Marcelo Monteiro, Gerson Derivi Marques, Marcelo Moreira e Nelson Rosa – Montagem

Gerenciamento dos Espaços Expositivos

Ervino Nercio Hagen e Abrelino Reche

Tradução

Nick Rands – Português-inglês
Gabriela Petit – Português-espanhol-português
Eduardo de Sousa Xavier – Inglês-português
Ricardo Romanoff – Português-inglês / Português-espanhol
Bruna Paulin – Português - inglês

Fotografia

Indicefoto.com
VivaFoto

Comunicação Visual e Publicações

Angela Detanico e Rafael Lain – Identidade Visual e Design gráfico
Portfolio Desing – Diagramação e Design
Cartola – Desenvolvimento de conteúdo periódicos casa M
Bruna Paulin – Diagramação Press Kit

Agência Web

BOX 3 – Desenvolvimento de site 8ª Bienal do Mercosul
Binario Internet – Desenvolvimento do Blog dos Curadores





**BIENAL
DO
MERCOSUL**



Execução e Plotagem de Programação Visual
Impacto Signs

Impressão

Printstore
Gráfica e Editora Pallotti
Gráfica Odisséia
Rittmann Gráfica e Editora
Gráfica Trindade

Agência de Propaganda

Dez Comunicação

Participações na Construção do Projeto

Camila Dias Borba, Vinícius Cru xen, Márcia Regina Bertotto, Patrícia Pereira Schreiner, Clarice Prado, Douglas Silveira Dornelles, Valdir Evaldo Tigre Stabinski, Vanessa Cutruneo

